

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ  
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR  
SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO – PPGSeD**

**FÁBIO ALEXANDRO SEXUGI**

**ENTRE O SANTÍSSIMO E OS SANTINHOS:  
A ATUAÇÃO DO MINISTÉRIO FÉ E POLÍTICA NAS  
ELEIÇÕES PROPORCIONAIS DE 2014 NO PARANÁ**

**CAMPO MOURÃO – PR  
2019**

**FÁBIO ALEXANDRO SEXUGI**

**ENTRE O SANTÍSSIMO E OS SANTINHOS:  
A ATUAÇÃO DO MINISTÉRIO FÉ E POLÍTICA NAS  
ELEIÇÕES PROPORCIONAIS DE 2014 NO PARANÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

**Área de Concentração:** Sociedade e Desenvolvimento.

**Orientador:** Dr. Frank Antonio Mezzomo.

**Coorientadora:** Dra. Cristina Satiê de Oliveira Pátaro

**CAMPO MOURÃO – PR  
2019**

Ficha de identificação da obra elaborada pela Biblioteca  
UNESPAR/Campus de Campo Mourão

SEXUGI, Fábio Alexandro  
S518e Entre o Santíssimo e os santinhos: a atuação do Ministério Fé e Política nas eleições proporcionais de 2014 no Paraná. / Fábio Alexandro Sexugi. -- Campo Mourão, PR : UNESPAR, 2019.  
143 f. : il.

Orientador: Dr. Frank Antonio Mezzomo  
Coorientadora: Dra. Cristina Satiê de Oliveira Pátaro  
Dissertação (mestrado) – UNESPAR - Universidade Estadual do Paraná, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD), 2019.  
Área de Concentração: Sociedade e Desenvolvimento.

1. Política e Religião. 2. Igreja Católica. 3. Renovação Carismática I. Mezzomo, Frank Antonio (orient). II. Pátaro, Cristina Satiê de Oliveira (coorient.). III. Universidade Estadual do Paraná – Campus de Campo Mourão, PR. IV. UNESPAR. V. Título.

CDD 21.ed. 323.1  
282  
248.25

FÁBIO ALEXANDRO SEXUGI

**ENTRE O SANTÍSSIMO E OS SANTINHOS:  
A ATUAÇÃO DO MINISTÉRIO FÉ E POLÍTICA NAS  
ELEIÇÕES PROPORCIONAIS DE 2014 NO PARANÁ**

**BANCA EXAMINADORA**

Dr. Frank Antonio Mezzomo (Orientador) – Unespar, Campo Mourão

Dra. Cristina Satiê de Oliveira Pátaro (Coorientadora) – Unespar, Campo Mourão

Dr. Emerson José Sena da Silveira – UFJF, Juiz de Fora

Dra. Julia Maria Pereira de Miranda Henriques – UFC, Fortaleza

Data de aprovação

13/02/2019

Campo Mourão – PR

## **DEDICATÓRIA**

À reluzente memória de minha Mãe.

## AGRADECIMENTOS

No conto “Almas agradecidas”, Machado de Assis – maior nome da literatura brasileira – sintetizou uma verdade: “A gratidão de quem recebe um benefício é sempre menor que o prazer daquele que o faz”. No entanto, como são muitos os benefícios que tão abundantemente me foram concedidos durante o desenvolvimento desta pesquisa, que coincide com a realização de um sonho antigo, tenho a obrigação de externar as graças que enchem meu coração, ainda que seja tarefa impossível fazer caber nestas poucas linhas todos e todas a quem sou grato.

Inicialmente, agradeço aos meus familiares, suporte indispensável para que eu conciliasse pesquisa, trabalho e militância. Certamente, as orações de minha irmã Juliana – parte evangélica da família que, embora majoritariamente católica, tem raízes no Islã e na Ortodoxia ucraniana –, o café caseiro de Tia Cida – torrado e moído em casa – e o prato feito de Tia Amália – que forra estômago e alma – são um vaso sagrado de alabastro com bálsamo suave para os pés, doloridos dos caminhos sombrios impostos por esses tempos de tirania, repressão e embrutecimento.

A paciência e a generosidade – virtude dos grandes – com que meus orientadores, Prof. Frank e Prof<sup>a</sup>. Cristina, compartilharam comigo da própria erudição e experiência, desde a seleção ao fantástico exercício de (re)escrita, jamais poderei agradecer o bastante. É uma honra ser discipulado – para não fugir da linguagem que arremata esse texto – por guias tão notáveis quanto o currículo que carregam.

Meu reconhecimento também, pela inestimável contribuição, aos demais docentes, efetivos e convidados, do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Desenvolvimento da Unespar, e a todos que se dedicam, diariamente, pelo fortalecimento dessa Instituição, tão importante para o desenvolvimento científico e sociocultural do Paraná, ainda que ameaçada pelas sombras, apenas referidas, abertamente empenhadas na restrição do ensino superior a uma ínfima “elite intelectual”, historicamente incapaz de dividir lado e láurea com filhos de pedreiros, manicures e coveiros.

Agradeço, por fim, aos interlocutores que integram a Renovação Carismática Católica, sem cuja colaboração esta pesquisa não se viabilizaria.

E, a quem do meu lado percorreu essa estrada, um abraço apertado e uma cerveja gelada!

## RESUMO

SEXUGI, Fábio Alexandro. **Entre o Santíssimo e os santinhos**: a atuação do Ministério Fé e Política nas eleições proporcionais de 2014 no Paraná. 143f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2019.

A pesquisa tem o escopo de explorar as interações entre a Renovação Carismática Católica (RCC) e o universo eleitoral no estado do Paraná. Para tanto, o recorte adotado enfoca a articulação de seu Ministério Fé e Política (MFP) em vista da construção e divulgação de candidaturas oficiais nas eleições proporcionais de 2014 à Câmara dos Deputados Federais e à Assembleia Legislativa do Paraná. Problematisa-se a utilização, para fins sufrágicos, de significantes católicos e dos discursos religiosos, verificada no material de campanha dos candidatos carismáticos. A partir do exame desses panfletos de *marketing* eleitoral e da documentação eclesial, na esteira das abordagens acerca da laicidade do Estado, procura-se discutir a composição, planejada pelo comando estadual do MFP, das quatro candidaturas, a partir de eixos analíticos que perpassam: a construção simbólica da imagem dos candidatos; o apoio de lideranças da Igreja e o desenvolvimento da campanha; e o teor de suas pautas. Do exame crítico dessa tridimensão do ingresso eleitoral a que se submeteu o movimento carismático paranaense, evidenciou-se uma acentuada articulação entre a hierarquia da RCC e as bases paroquiais que, por sua vez, não demonstraram arrefecimento em relação a tal fenômeno que gera ocupação do espaço público pela religião.

**Palavras-chave:** Renovação Carismática Católica. Religião. Política.

## ABSTRACT

SEXUGI, Fábio Alexandro. **Between the Monstrance and the election leaflets:** the performance of the Ministry of Faith and Politics in the proportional elections of 2014 in Paraná. 143f. Dissertation. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2019.

The research intends to explore the interactions between the Catholic Charismatic Renewal (CCR) and the electoral universe in Paraná State. The chosen delimitation for this focuses on the articulation of its Ministry of Faith and Politics (MFP) for the construction and dissemination of official candidacies in the 2014 proportional elections to the Federal Chamber of Deputies and to the Paraná's Legislative Assembly. The investigation also intends to analyze the use, for electoral purposes, of catholic signifiers and religious discourse in the campaign advertising of charismatic candidates. From the examination of these electoral marketing pamphlets and the ecclesiastical documentation, in the context of the discussions about the laity of the State, the research tries to discuss the construction, planned by the central command of MFP, of the four candidatures, based on analytical axes: the symbolic construction of the candidates' image; the support of Church leadership and the development of the campaign; and the content of its platforms. From the critical examination of this three-dimension of the electoral entry to which the charismatic movement in Paraná State underwent, research has captured a strong articulation between the hierarchy of the CCR and the parochial bases that, in turn, did not demonstrate cooling in relation to such phenomenon that generates occupation of the public space by the religion.

**Keywords:** Catholic Charismatic Renewal. Religion. Policy.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Imagem 1</b> – Comparação entre logomarcas da RCC.....	49
<b>Imagem 2</b> – Charges satirizando a estreia de Edinho Silva em TV carismática .....	50
<b>Imagem 3</b> – Gessani colocando seu nome à disposição da RCC durante a assembleia.....	66
<b>Imagem 4</b> – Jura colocando seu nome à disposição da RCC durante a assembleia.....	66
<b>Imagem 5</b> – Evandro Araújo colocando seu nome à disposição da RCC durante a assembleia.....	67
<b>Imagem 6</b> – Diego Garcia colocando-se à disposição da RCC durante a assembleia.....	67
<b>Imagem 7</b> – Apresentação dos pré-candidatos no Congresso Estadual do Ministério de Música e Artes, em Toledo, em 19 de outubro de 2013.....	80
<b>Imagem 8</b> – Apresentação das candidaturas no Encontro Regional Sul 2 do Ministério Universidades Renovadas, em Pato Branco, em 3 de novembro de 2013.....	80
<b>Imagem 9</b> – Diego Garcia conduzindo louvor na Catedral de Maringá.....	82
<b>Imagem 10</b> – Evandro Araújo conduzindo louvor na Catedral de Maringá.....	82
<b>Imagem 11</b> – Jura pregando num encontro do Ministério de Música e Arte .....	82
<b>Imagem 12</b> – Gessani pregando numa paróquia em Foz do Iguaçu.....	82
<b>Imagem 13</b> – Diego conduzindo a adoração ao Santíssimo Sacramento em Cornélio Procópio, em 2 de junho de 2014 .....	83
<b>Imagem 14</b> – Jura ajoelhado diante do sacrário em Prudentópolis, em agosto de 2014 .....	83
<b>Imagem 15</b> – Santinho de Diego Garcia.....	85
<b>Imagem 16</b> – Santinho de Evandro Araújo .....	85
<b>Imagem 17</b> – Santinho de Gessani .....	85
<b>Imagem 18</b> – Santinho de Jura .....	85
<b>Imagem 19</b> – Santinho de Diego Garcia.....	87
<b>Imagem 20</b> – Garcia na 2ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude.....	89
<b>Imagem 21</b> – Garcia no horário eleitoral obrigatório .....	89
<b>Imagem 22</b> – <i>Folder</i> com a biografia de Diego Garcia .....	94
<b>Imagem 23</b> – Currículo de Evandro Araújo .....	96
<b>Imagem 24</b> – Currículo de Jura .....	96
<b>Imagem 25</b> – Apoiadores de Diego Garcia.....	98
<b>Imagem 26</b> – Capa do panfleto de Jura .....	99
<b>Imagem 27</b> – Contracapa do panfleto de Jura .....	99
<b>Imagem 28</b> – Apoiador de Gessani.....	101

<b>Imagem 29</b> – Apoiadores de Evandro .....	101
<b>Imagem 30</b> – Kit Sementinha na Diocese de Umuarama .....	103
<b>Imagem 31</b> – Apresentação do Projeto Sementinha aos coordenadores da Diocese de Umuarama .....	103
<b>Imagem 32</b> – Montagem no Santuário do Divino Espírito Santo em Ribeirão do Pinhal.....	103
<b>Imagem 33</b> – Montagem no Santuário do Divino Espírito Santo em Ribeirão do Pinhal.....	103
<b>Imagem 34</b> – Dom Mauro, presidente da CNBB Regional Sul II, com Diego Garcia, Gessani e lideranças em Cascavel.....	104
<b>Imagem 35</b> – Dom Antônio, bispo de Jacarezinho, com Diego e Evandro.....	104
<b>Imagem 36</b> – Dom Manoel, bispo de Cornélio Procópio, com Diego Garcia.....	104
<b>Imagem 37</b> – Dom João Carlos, bispo de Toledo, com Gessani, Diego e lideranças .....	104
<b>Imagem 38</b> – Dom Antonio Wagner, bispo de Guarapuava, com Jura e pregadores.....	105
<b>Imagem 39</b> – Dom Azcona, bispo prelado, com Diego e Evandro na pré-campanha.....	105
<b>Imagem 40</b> – Dom Anuar, arcebispo de Maringá, com Diego e Evandro .....	105
<b>Imagem 41</b> – Dom Moacyr, arcebispo de Curitiba, com Jura, Pe. Manzotti e Pe. Kleina ....	105
<b>Imagem 42</b> – Apresentação dos candidatos no salão paroquial de Wenceslau Brás.....	106
<b>Imagem 43</b> – Apresentação dos candidatos no salão paroquial de Guapirama.....	106
<b>Imagem 44</b> – Material de campanha de Jura numa paróquia de Pinhais.....	106
<b>Imagem 45</b> – Material de Diego e Evandro numa igreja em Santana do Itararé.....	106
<b>Imagem 46</b> – Materiais de campanha na sacristia da matriz de Ribeirão Claro.....	107
<b>Imagem 47</b> – Apresentação das candidaturas no Centro Catequético de Quatiguá .....	107
<b>Imagem 48</b> – Pose com material de campanha na fachada da matriz de Ribeirão do Pinhal ..	107
<b>Imagem 49</b> – Materiais de campanha numa casa de formação em Telêmaco Borba.....	107
<b>Imagem 50</b> – Distribuição de materiais no centro catequético de Joaquim Távora .....	107
<b>Imagem 51</b> – Distribuição de materiais no centro catequético de Salto do Itararé .....	107
<b>Imagem 52</b> – Distribuição de material no Centro de Evangelização de Umuarama .....	108
<b>Imagem 53</b> – Distribuição de material no centro catequético de Pérola .....	108
<b>Imagem 54</b> – Diego pregando em retiro na Paróquia SS. Sacramento em Curitiba.....	108
<b>Imagem 55</b> – Evandro pregando num grupo de Oração de Mandaguari .....	108
<b>Imagem 56</b> – Jura sendo apresentado durante missa em Curitiba .....	109
<b>Imagem 57</b> – Gessani pregando durante retiro em Cascavel.....	109
<b>Imagem 58</b> – Cartaz de retiro diocesano em Pato Branco.....	109
<b>Imagem 59</b> – Cartaz das Noites Carismáticas na Diocese de Palmas-Francisco Beltrão.....	109
<b>Imagem 60</b> – Cartaz de encontro de Carnaval em Wenceslau Brás .....	110

<b>Imagem 61</b> – Cartaz do Pentecostes Diocesano em Campo Mourão .....	110
<b>Imagem 62</b> – Diego segurando uma relíquia da Beata Elena Guerra em Mamborê .....	111
<b>Imagem 63</b> – Jura, em lugar de destaque, numa adoração eucarística em Curitiba .....	111
<b>Imagem 64</b> – Montagem com a Oração de São Bento e santinhos de Jura e Diego .....	111
<b>Imagem 65</b> – Santinhos de Diego Garcia aos pés de uma imagem de São José .....	111
<b>Imagem 66</b> – Imposição de mãos sobre Evandro .....	112
<b>Imagem 67</b> – Coordenadores da RCC/PR impondo a mãos sobre Jura e Diego .....	112
<b>Imagem 68</b> – Imposição das mãos sobre Diego, Evandro e Gessani .....	112
<b>Imagem 69</b> – Imposição das mãos sobre Diego e Jura em Ponta Grossa.....	112
<b>Imagem 70</b> – Pautas de Evandro Araújo .....	115
<b>Imagem 71</b> – Propostas de Diego Garcia .....	117
<b>Imagem 72</b> – Material de Gessani .....	118
<b>Imagem 73</b> – Material de Gessani .....	118

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Candidatos religiosos paranaenses a deputado federal .....	56
<b>Quadro 2</b> – Candidatos religiosos paranaenses a deputado estadual .....	57
<b>Quadro 3</b> – Resultado do 1º turno da eleição presidencial de 2014 .....	59
<b>Quadro 4</b> – Cronograma das ações do MFP para as eleições de 2014 no Paraná.....	74
<b>Quadro 5</b> – Desempenho eleitoral dos candidatos carismáticos do Paraná em 2014 .....	75

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

1Cor – Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios  
1Jo – Primeira Carta de São João  
1Mc – Primeiro Livro dos Macabeus  
1Sm – Primeiro Livro de Samuel  
1Tm – Primeira Carta de São Paulo a Timóteo  
2Cor – Segunda Carta de São Paulo aos Coríntios  
2Sm – Segundo Livro de Samuel  
2Tm – Segunda Carta de São Paulo a Timóteo  
ALEP – Assembleia Legislativa do Paraná  
At – Livro dos Atos dos Apóstolos  
CEBs – Comunidades Eclesiais de Base  
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil  
Copel – Companhia Paranaense de Energia  
DEM – Democratas (partido político)  
Ef – Carta de São Paulo aos Efésios  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística  
IIGD – Igreja Internacional da Graça de Deus  
IMPD – Igreja Mundial do Poder de Deus  
IURD – Igreja Universal do Reino de Deus  
Jo – Evangelho segundo São João  
Jr – Livro do Profeta Jeremias  
LEC – Liga Eleitoral Católica  
Mc – Evangelho segundo São Marcos  
MF&P – Movimento Fé e Política  
MFP – Ministério Fé e Política  
MFP/PR – Ministério Fé e Política do Paraná  
MJ – Ministério Jovem  
MPF – Ministério Público Federal  
Mq – Livro do Profeta Miqueias  
Mt – Evangelho segundo São Mateus  
PCB – Partido Comunista Brasileiro

PCdoB – Partido Comunista do Brasil  
PCO – Partido da Causa Operária  
PDT – Partido Democrático Brasileiro  
PEN – Partido Ecológico Nacional  
PFP – Pastoral de Fé e Política  
PHS – Partido Humanista da Solidariedade  
PJ – Pastoral da Juventude  
PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro  
PMN – Partido da Mobilização Nacional  
PPGSeD – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento  
PPL – Partido Pátria Livre  
PPS – Partido Popular Socialista  
PR – Partido da República  
PRB – Partido Republicano  
PRB – Partido Republicano Brasileiro  
PROS – Partido Republicano da Ordem Social  
PRP – Partido Republicano Progressista  
PRTB – Partido Renovador Trabalhista Brasileiro  
PSB – Partido Socialista Brasileiro  
PSC – Partido Social Cristão  
PSD – Partido Social Democrático  
PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira  
PSDC – Partido Social Democrata Cristão  
PSL – Partido Social Liberal  
PSOL – Partido Socialismo e Liberdade  
PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado  
PT – Partido dos Trabalhadores  
PTB – Partido Trabalhista Brasileiro  
PTdoB – Partido Trabalhista do Brasil  
PTN – Partido Trabalhista Nacional (atual Podemos)  
PV – Partido Verde  
RCC – Renovação Carismática Católica  
RCC/PR – Renovação Carismática Católica do Paraná  
Rm – Carta de São Paulo aos Romanos

RPC – Rede Paranaense de Comunicação

SD – Solidariedade (partido político)

Sl – Livro dos Salmos

STF – Supremo Tribunal Federal

TFP – Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade

TRE – Tribunal Regional Eleitoral

TSE – Tribunal Superior Eleitoral

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>CAPÍTULO 1: IGREJA CATÓLICA E MODERNIDADE: O AVANÇO DOS LEIGOS CARISMÁTICOS NA POLÍTICA</b> .....	23
<b>1.1 A modernidade contemporânea: posicionamentos da religião no espaço público</b> ...	25
<b>1.2 A RCC e a institucionalização de sua vocação política: o MFP</b> .....	38
<b>CAPÍTULO 2: ELEIÇÕES 2014: CANDIDATURAS E ARTICULAÇÕES DO MINISTÉRIO FÉ E POLÍTICA (MFP) NO PARANÁ</b> .....	52
<b>2.1 O cenário eleitoral do Paraná em 2014</b> .....	54
<b>2.2 O MFP no Paraná e as eleições proporcionais de 2014</b> .....	60
<b>2.3 As candidaturas oficiais da RCC e as estratégias para elegê-las</b> .....	65
<b>CAPÍTULO 3: A CAMPANHA ELEITORAL DOS CANDIDATOS OFICIAIS DA RCC</b> .....	78
<b>3.1 A construção simbólica da imagem dos candidatos</b> .....	83
<b>3.2 O desenvolvimento da campanha e o apoio de lideranças da Igreja Católica</b> .....	97
<b>3.3 As pautas dos candidatos</b> .....	114
<b>FONTES</b> .....	128
<b>DOCUMENTOS ECLESIAÍSTICOS</b> .....	133
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	135

## INTRODUÇÃO

Bíblia na mão. Braços erguidos tentando abraçar o Espírito Santo. Orações espontâneas em línguas desconhecidas. Hinos evangélicos que harmonizam, numa mesma melodia, vozes estridentes e a percussão forte da bateria. Interjeições proféticas. Imposição de mãos que repelem o Inimigo e distribuem cura interior e física. Lágrimas de emoção... Não fossem os terços de madeira enrolados nos pulsos dos fiéis e a imagem de Nossa Senhora que, do andor lateral, parece abençoar serenamente a fervorosa cerimônia, diríamos se tratar de reteté pentecostal. Na verdade, o entusiasmado louvor semanal que se dá diante do sacrário – âmago do catolicismo – nada mais é que uma cerimônia rotineira de um grupo de oração da Renovação Carismática Católica (RCC), uma variante do catolicismo que vem ganhando força entre as ovelhas do papa e que está presente, senão em todas, na maioria das paróquias brasileiras.

Esse jeito novo e dinâmico de expressar o velho e estático credo nicenoconstantinopolitano representa, de alguma forma, uma resposta dos carismáticos aos apelos do Papa João XXIII que, mesmo antes do Concílio Vaticano II (1962-1965), convidava sua Igreja para o necessário “incremento da fé católica e a saudável renovação dos costumes no povo cristão”, de modo que disciplina eclesiástica se adaptasse “melhor às necessidades dos nossos tempos” (JOÃO XXIII, 1959). Tal adaptação ressignificada pelos católicos de experiências místicas evangélicas há mais de 50 anos, a propósito, tem servido, na nossa interpretação, para suavizar a queda livre que sofre a Igreja Romana nas últimas décadas no Brasil, como sinaliza a série histórica dos dados estatísticos oficiais (IBGE, 2010), causada em grande parte pelo avanço entusiasmado dos filhos da Reforma de Lutero que, em 2017, completou 500 anos.

O *aggiornamento* carismático – necessário diante da levedura efervescente das massas evangélicas brasileiras e uma modalidade da “nova evangelização” insistentemente buscada por João Paulo II em todo o seu pontificado (1978-2005) – não se limita à proposição de uma forma peculiar de rezar ou de crer, mas abarca também o modo como esse catolicismo se relaciona com o mundo que, uma vez secular, parece dar pouco ouvidos a bulas e encíclicas, mas que se governa pela política e seus agentes. Já que “o pão nosso de cada dia” tem sido abocanhado com apetite pelos evangélicos nos púlpitos e nos palanques, disputá-lo nos mesmos lugares é, para alguns, uma questão de sobrevivência da Igreja numa sociedade cada vez mais secularizada e com marcos regulatórios laicos, embora que laicos à sua maneira.

De fato, a disputa eleitoral de políticos carismáticos tem sido verificada em pleitos nacionais desde a pós-ditadura (1985). No entanto, nessas campanhas, a figura do candidato apartava-se institucionalmente do movimento, pelo menos no período eleitoral, de sorte que não havia um envolvimento direto e oficial do movimento eclesial Renovação Carismática Católica na construção de campanhas nem tampouco na sua difusão. Daí resulta o entendimento de que “a RCC não apoia qualquer um dos seus membros” (REIS, 2011, p. 99) politicamente: ideia de que pretendemos, a partir da materialidade empírica que cotejamos, destoar nesta pesquisa. É que a partir da criação da Secretaria Matias – atual Ministério Fé e Política – o candidato e seu movimento eclesial tornaram-se, nas eleições, uma coisa só: “*unum sumus*” (Jo 10,30).

Aliás, o propósito desta investigação está justamente em perquirir a subida ao palanque do movimento carismático, que passou a apresentar candidaturas proporcionais e a apoiá-las oficialmente em seus espaços, confirmando sua vocação – até então, recalcada e tímida – de evangelizar a política pelo voto e de estar presente no núcleo do poder civil: lá onde já estão os evangélicos.

A constituição desse novo *ethos* da RCC ganhou mais nitidez a partir da experiência eleitoral do Ministério Fé e Política (MFP) – instância carismática especializada em inserções políticas – nas eleições proporcionais de 2014 no Estado do Paraná. Na ocasião, a Igreja Católica, pela Renovação Carismática paranaense, ungiu oficialmente três candidatos a deputado estadual – dos quais, um apenas teve êxito – e um a deputado federal, também eleito no referido pleito, que se tornou as primícias dos que ainda serão eleitos e acompanhados pelo MFP no Congresso Nacional. A RCC não só abençoou tais candidaturas, mas levou-as solenemente para dentro das paróquias, unindo inédita e literalmente o Santíssimo e os santinhos: um novo Pentecostes!

Para, porém, compreender com mais limpidez a disposição desse catolicismo em vincular-se às urnas, convém revisitar a trajetória eleitoral da Igreja no Brasil que ensaiou iniciativas similares – se bem que distintas em metodologia e motivações e, não obstante, menos audaciosas – na década de 1930 pela Liga Eleitoral Católica (LEC) até atingir, com mais maturidade e confiança, a complexa arena eleitoral paranaense onde, lado a lado, digladiaram os candidatos carismáticos em 2014. Nesse sentido, organizamos essa dissertação em três capítulos.

No primeiro, que tem por finalidade introduzir a temática das imbricações entre religião e política no contexto das discussões relativas à secularização, laicidade e modernidade, abordamos a inserção genérica de religiosos na política, procurando discernir as

motivações que separam evangélicos e os católicos na vida pública. Ainda preliminarmente, mas já guiando as discussões aos palanques carismáticos, procuramos contextualizar nossa temática em sintonia com algumas pesquisas relativas à temática do fenômeno da eleitoralização da RCC (BRACHO, 2015; BURITY; CAMURÇA, 2011a; CONRADO, 2000; JORGE, 2013; MACHADO, 2006; MARIANO, 2000; MARIANO, 2011; MACHADO, 2012; MIRANDA, 1999; SILVEIRA, 2008) e a como apontam para o argumento da secularização e da laicidade. Em seguida, abrimos uma apóstrofe para discutir o lugar da religião na modernidade (CAMURÇA, 2003), aqui considerada a partir de mitos fundadores (BURITY, 2007), exemplificados pelo que Weber (2008) alude como “desencantamento do mundo”. Não terá sido, por certo, um mister simples situar a religião nesse cenáculo, já que, se por um lado, a secularização a empurra para áreas marginais da sociedade, por outro, não se pode ignorar o riquíssimo legado da religião, nomeadamente católica, à construção da própria civilização ocidental (WOODS JUNIOR, 2008), em que pese sua incontestável dificuldade de conviver com a diversidade religiosa e com o que condena canonicamente como “modernismo teológico”, considerado por Roma uma forma dissimulada de anticlericalismo.

Nessa esteira da leitura que os sucessores de Pedro fazem da modernidade, desde a virada do século XIX ao XX, recorreremos a documentos pontifícios, como encíclicas e exortações, na tentativa de entender como se moldou no ideário católico a insegurança diante da sociedade moderna a que, de alguma forma, sucumbe pelo Concílio Vaticano II, sem, todavia, abandoná-la por completo até os dias de hoje.

Dessa maneira, discutimos os conceitos sociológicos de secularização e laicidade, confrontando-os à leitura teológica que o Magistério da Igreja costuma fazer deles, para entender e fundamentar a inserção de leigos no mundo da política, como uma forma de atualizar a presença católica no mundo contemporâneo.

Os caminhos que hoje os candidatos da Igreja (MIRANDA, 2006) vêm abrindo rumo aos andares da política não são de todo novos: na verdade foram traçados sobre antigas veredas mais ou menos aplainadas no Estado brasileiro que, apesar do recente e progressivo declínio da hegemonia católica em face da ascensão evangélica, continua apadrinhando a Madre Igreja ao manter feriados para suas festividades exclusivas, fazendo referência e reverência a símbolos cristãos em prédios públicos, nas cédulas monetárias e nas constituições do Estado. Nada para se estranhar numa terra cujo nome de batismo remete à Santa Cruz e que, atualmente, é iconografada internacionalmente por uma estátua gigante do Cristo Ressuscitado: eis o mote que conduz essa primeira parte do capítulo inaugural à conclusão,

tangenciando o poder do voto religioso, do qual os evangélicos, com suas mídias, são precursores e mestres.

O segundo e último tópico do primeiro capítulo tateará a Secretaria Matias, lentamente moldada pela RCC, para que atingisse a plenitude eleitoral que possui hoje, sob o nome de Ministério Fé e Política. A essa altura do texto, relacionamos o desejo de expansão do movimento carismático na década de 1990, por meio do Projeto Ofensiva Nacional, visando a difundir os dons místicos do Espírito a todos os setores da sociedade, também o político. Analisamos, então, a organização e atividades primitivas da Secretaria Matias e como as discussões da Campanha da Fraternidade de 1996 – Fraternidade e Política: “Justiça e Paz se abraçarão” – foram delimitando a relação do movimento eclesial com as eleições, ao instigar a participação dos leigos na vida partidária e a criação de instâncias hierárquicas colegiadas para assistir e supervisionar o mandato de cristãos eleitos para o desempenho de funções públicas.

Descrevemos, dessa forma, o Ministério Fé e Política como evolução natural da Secretaria Matias, bem como seu *modus operandi* no aval e balizamento de candidaturas de carismáticos, por meio de instruções normativas que, além de disciplinar a prática eleitoral do movimento católico, sinalizam o posicionamento político da RCC a partir das pautas a serem defendidas por seus políticos.

Já no segundo capítulo, que optamos por organizar em três subtítulos, nos detemos no recorte escolhido para esta pesquisa: as articulações da Renovação Carismática Católica nas eleições proporcionais de 2014 no estado do Paraná. Previamente à abordagem das características próprias do MFP no estado, faremos, sem grandes pormenores, uma contextualização da história do Paraná e da configuração das eleições gerais naquele ano: candidatos a deputado estadual, deputado federal, senador, governador e presidente da República, bem como o resultado dos dois turnos. A análise daquela conjuntura é importante para melhor situar o leitor no cenário onde os candidatos carismáticos atuaram, disputando espaço e votos com outros candidatos religiosos.

Feito isso, discutimos a instrumentalização do movimento carismático paranaense, deliberada em assembleia própria ocorrida em 2013. Nela – que, reservadas as particularidades, equivaleria a um conclave de leigos – como detalhamos oportunamente, foram escolhidas como oficiais, quatro candidaturas e definidos os passos táticos para alavancá-las. Tanto a biografia dos candidatos da Igreja, quanto o planejamento do passo a passo da campanha são analisados nessa parte do texto.

A construção das candidaturas carismáticas e a junção dos santinhos ao Santíssimo pelo sucesso do projeto político da RCC do Paraná são problematizadas no terceiro e último capítulo, quando, sob três grandes eixos analíticos – os quais, encabeçam subtítulos – focalizamos a controversa romaria dos políticos do Espírito aos altares civis de Brasília e Curitiba.

No primeiro eixo, exploramos a construção simbólica da imagem dos profetas políticos a ser apresentada pela MFP aos fiéis, o que, sobretudo, nos santinhos, compreende tanto a mudança de visual, quanto a importação, para o contexto eleitoral, de signos sagrados do catolicismo, de modo que, pombas, mantos e cruzes harmonizam-se com siglas, emblemas políticos e números dos candidatos. Se tal estratégia, como veremos, sacraliza elementos políticos, o discurso hagiográfico, empregado pela RCC no material gráfico analisado, faz o mesmo em relação aos biografados, uma vez que os envolve narrativamente na mesma aura de beatitude com que a Igreja cobre os seus santos.

Já o desenvolvimento da campanha e o apoio que os candidatos receberam da alta hierarquia da Igreja Católica no Paraná são discutidos no segundo eixo. Nele, aprofundamos a entronização dos santinhos e do discurso eleitoral nos espaços de culto, e de que maneira o apoio de bispos e preladados às candidaturas, reverberado nas redes sociais pelos candidatos e pela coordenação estadual da RCC, pode ter influenciado seu rebanho a fazer o mesmo.

No último eixo, por fim, que detalha as pautas dos candidatos, procuramos contextualizar de que maneira a RCC distribuiu suas plataformas às candidaturas, de modo a conciliar propostas conservadoras, que evocam tradicionais valores morais – de modo particular, o combate ao aborto e a uniões homoafetivas –, àquelas mais progressistas – como podem ser classificadas a defesa dos direitos trabalhistas e a luta por Reforma Agrária –, presentes nos programas que foram difundidos pelos candidatos em altares físicos e virtuais.

Na linha discursiva com a qual costuramos os capítulos dos quais pretendemos compendiar justificativas, configurações, estratégias e atuação do carisma católico, no território e no período recortados, submetemos à iluminação dialógica da literatura os materiais empíricos que cotejamos, especialmente, das redes sociais: a) materiais de campanha: santinhos – impressos ou virtuais –, adesivos, *flyers*, panfletos biográficos, vídeos e fotos; b) depoimentos: entrevistas, testemunhos publicados em folhetos, publicações e comentários no Facebook, homilias e pregações disponíveis no YouTube; e c) documentos eclesiais: instruções normativas da RCC/Brasil, pronunciamentos papais e documentos pontifícios, notas oficiais e documentos da CNBB, projetos do MFP do Paraná e documentos similares exarados pela RCC paranaense.

Convém antecipar, por fim, que, na estética textual aplicada nesta pesquisa, ilustramos intencionalmente as discussões por meio de excertos bíblicos e uso de termos próprios do catolicismo romano: não apenas para aproximar o leitor do estilo literário tradicionalmente empregado pelos carismáticos no contexto estudado, mas também para me dar a conhecer. Afinal, se é verdade que “o teu modo de falar te denuncia” (Mt 26,73), não será difícil deduzir que há vínculos que me ligam à Igreja, à política e à literatura: sou ministro extraordinário da Eucaristia – licenciado para desempenho de mandato eletivo –, tendo exercido a função de coordenador diocesano do Setor Juventude da Diocese de Campo Mourão – espaço eclesial que congrega serviços juvenis católicos, como o Ministério Jovem (MJ) da RCC e a Pastoral da Juventude (PJ) – de 2007 até o início de 2013, quando tive de me desincompatibilizar, por recomendação diocesana, para assumir o cargo de secretário municipal de Educação em Peabiru – PR. Sou filiado ao PT, partido pelo qual fui eleito vereador, no mesmo município, em 2016. Poeta, presido a Academia Mourãoense de Letras e tenho poesias concretas publicadas em livros didáticos, tendo sido contemplado, ainda que imerecidamente, com premiações literárias no Brasil, em Portugal e na Itália. Sou professor universitário de latim, idioma de cujo glossário tomamos de empréstimo alguns termos necessários para desenhar contextos nos quais a Igreja de Roma se insere.

Acreditamos que essa investigação, iluminada pelos vários campos do saber interdisciplinar, atende às finalidades tanto da linha de pesquisa Formação Humana, Processos Socioculturais e Instituições do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Campo Mourão, quanto do grupo de pesquisa Cultura e Relações de Poder, aos quais nos vinculamos, especialmente, pela exploração dos encadeamentos sociais, históricos, políticos e religiosos que se constata nas relações subjetivas entre os sujeitos e as instituições de poder a que se associam, neste caso, religiosas e políticas.

## CAPÍTULO 1

### IGREJA CATÓLICA E MODERNIDADE: O AVANÇO DOS LEIGOS CARISMÁTICOS NA POLÍTICA

“Disseram uns aos outros: Levantemos nossa pátria de seu abatimento e lutemos por nosso povo e nossa religião. Convocaram então toda a gente, a fim de se prepararem para a luta.” (1Mc 3,43).

Desde quando vigorava no país o regime do padroado da Igreja Católica com o Estado (1514-1891), o palco cênico onde atuam os políticos brasileiros têm contado com a presença de atores religiosos, cuja performance vem traçando os rumos da nação, numa tentativa cada vez mais legível de garantir na sociedade espaços privilegiados de poder.

Se até a instauração da ditadura civil-militar no país em 1964, o protagonismo político competia privativamente a agentes católicos, o processo de abertura democrática iniciado em 1974 – expressada pelo lema do presidente Geisel na abertura lenta, gradual e segura – e concluído onze anos depois, em 1985, fez com que entrassem na cena política outros intérpretes religiosos, representando denominações evangélicas das mais variadas e delimitando, especialmente no poder legislativo, um espaço próprio onde ora rivalizam, ora cooperam com os seus concorrentes católicos romanos.

A busca pela investidura política por lideranças leigas católicas acontece, segundo Machado (2016), sob o alegado intuito de evangelizar o ambiente público e seus agentes. Quanto aos evangélicos, o ingresso se dá por motivações tão variadas quanto o próprio segmento religioso que representam, historicamente rico em cisões<sup>1</sup> institucionais. Ao menos um porquê, porém, lhes é consensual: demarcar território nas instâncias de comando sobre a sociedade (CAMPOS, 2012; MACHADO, 2016).

Quaisquer que sejam as relações a oscilar entre as forças políticas evangélicas, notadamente, pentecostais, e as católicas, de figurino carismático, é certo que se situa no processo eleitoral um de seus principais pontos de convergência, no qual as complexas esferas política e a religiosa se entremeiam intimamente, o que se constata facilmente pelo emprego

---

<sup>1</sup> Os 42,3 milhões de evangélicos brasileiros (22,22% da população) – dados do Censo do IBGE (2010) – estão subdivididos em milhares de denominações das mais variadas correntes: do protestantismo histórico ao neopentecostalismo. Segundo estimativa divulgada pelo Correio Braziliense em 30 de janeiro de 2014, 14 mil igrejas evangélicas são fundadas no Brasil anualmente, de maneira que se torna praticamente impossível elencar todas as divisões institucionais atuantes no país. O levantamento impressiona, já que, de acordo com a *World Christian Encyclopedia*, publicada pela Oxford University Press, o número total de instituições evangélicas no mundo em 1982 ultrapassava 20.000 denominações diferentes.

sobejo de signos e discurso religiosos na construção e na difusão da campanha de candidatos que representam seus respectivos segmentos religiosos. Em ambiente católico, essa dinâmica vem sendo desenvolvida, de modo institucional, pelo Ministério Fé e Política (MFP), organismo interno da Renovação Carismática Católica (RCC) especializado em eleições, sobre cujo ideário, organização e ofício nos deteremos mais adiante.

O fenômeno – intensificado nos últimos anos e crescentemente investigado – que demonstra o ingresso de agentes religiosos e suas pautas nos espaços públicos de poder faz com que o argumento da secularização e da laicidade tematize diversas investigações acadêmicas, especialmente no Brasil, que variam da inserção de líderes cristãos na política (BURITY; MACHADO, 2006; MARIANO, 2000; MIRANDA, 2012; SILVEIRA, 2008) ao uso do discurso religioso na campanha eleitoral (CONRADO, 2000; JORGE, 2013), perpassando transversalmente as discussões sobre a religião na modernidade (BRACHO, 2015; CAMURÇA, 2011b; MACHADO, 2012; MARIANO, 2011).

É, pois, a partir dessa conjuntura brevemente exposta que moldaremos nossa abordagem neste capítulo à religião – encarnada, nessa perspectiva, pela atuação de seus agentes em sufrágios seculares – e sua mobilidade na sociedade contemporânea: dinâmica que faz comungar elementos perenes e intangíveis, como os símbolos religiosos, e componentes perecíveis e menos rígidos, como os que se verificam no marketing eleitoral. A conciliação de objetos aparentemente tão díspares provoca-lhes uma ressignificação substancial, de maneira que a luta pela posse do poder faz com que o sacro se secularize e o século, de algum modo, se santifique. Isso, todavia, não se dá senão, no caso do MFP carismático, pelo manuseio racional e coeso do sistema simbólico religioso – nesse caso, católico – e do discurso eleitoreiro, tornando, dessa maneira, mais profundas as imbricações entre a fé e as urnas.

O avanço ostensivo de lideranças cristãs no espaço público brasileiro e o *lobby* religioso fomentado por elas nessas instâncias de poder tornam pertinentes as discussões sobre secularização e laicidade na sociedade moderna. Quando, contudo, abordam a experiência eleitoral própria dos carismáticos pelo MFP ou por sua extinta Secretaria Matias, as investigações tendem a discuti-la de maneira periférica dentro de objetos mais amplos ou mirando seu enfoque em questões tangenciais, como se a temática fosse, senão frívola, invariavelmente uniforme.

Em verdade, a construção pela RCC de lideranças leigas eleitoráveis, o registro de suas candidaturas na Justiça Eleitoral e o levantamento de estratégias institucionais para propagá-las dentro e fora dos templos aguçam sobremaneira o argumento da religião na

modernidade, sobrepassando a recorrente individualização de políticos católicos e suas campanhas ou similaridades enfatizadas com os evangélicos em eleições.

### **1.1 A modernidade contemporânea: posicionamentos da religião no espaço público**

Os passos cada vez mais largos e firmes de agentes religiosos no espaço público sinalizam às ciências sociais a necessidade de se discutir o lugar da religião na modernidade (CAMURÇA, 2003). Antes, a propósito, caberia fixar este *onde* religioso na história do Novo Mundo: a construção do Estado democrático de direito, laico, teria sido viável sem a influência da mensagem cristã que modelou o Ocidente? A resposta permanece aberta como pergunta, considerando, por um lado, a grande contribuição católica à Civilização (WOODS JUNIOR, 2008) – especialmente, pela criação da universidade; desenvolvimento da arquitetura e das artes; concepção das noções básicas da economia moderna por filósofos escolásticos; colaboração do direito canônico ao conceito de justiça e de direito internacional; desenvolvimento e custeio da astronomia; sismologia (conhecida como ciência jesuítica); criação inúmeras instituições assistenciais: dos hospitais à previdência, etc. –, mas, por outro lado, pela dificuldade histórica de a Igreja Romana conviver com a diversidade religiosa. Quando, contudo, emitida pelo Ministério Fé e Política da RCC, a resposta ao questionamento parece mirar o presente e o futuro bem mais que o passado, para reinstalar aí o discurso religioso e a moral cristã. É, a propósito, nesse instigante *quando* ansiado pelos carismáticos e, principalmente, nas aspas com que estes coroam as noções de “laicidade”, “laicismo” e “secularismo” ao fazer comungar a própria fé ao credo político, que várias pesquisas – especialmente, as que buscam contemporizar o fenômeno da influência religiosa na sociedade moderna nos países do Hemisfério Norte Ocidental (BERGER, 2001; CASANOVA, 2012; MANCLURE; TAYLOR, 2010; TAYLOR, 2010) – têm voltado seu enfoque no sentido de, senão reformular, rever e relativizar a suposta “revanche de Deus”, como Kepel (1991) resumizou a temática que, durante anos, anunciava um ponto final à secularização nas sociedades modernas ou, como João no seu Apocalipse, a descida da “nova Jerusalém”, isto é, o retorno do religioso.

Na verdade, a tentativa dos agentes religiosos – no caso católico, pelo MFP – em reconquistar, pelo voto, um espaço para Deus na sociedade colide com os ideais da modernidade, que coloca no homem a métrica cartesiana de si e da sociedade. Toca-nos, pois, explorar inicialmente a noção de modernidade para, em seguida, aprofundarmo-nos nos conceitos de secularização e laicidade na contemporaneidade com os quais se relaciona o fenômeno do ingresso de agentes católicos na política.

Na concepção de Burity (2007), é importante considerar o pensamento moderno a partir de seus mitos fundadores: o sujeito moderno emancipa-se da tirania medieval da Igreja, representada pelo clero e pela monarquia, para assumir a responsabilidade autônoma de seu próprio destino. Essa emancipação, que representa uma ruptura com o misticismo e a superstição, é garantida por meio de atos de poder secular e não como consequência de leis de desenvolvimento histórico.

Weber (2008), todavia, sustenta que cabe ao processo de racionalização, do qual o capitalismo é a grande expressão, a aurora da modernidade ocidental. A racionalidade, dessa forma, abarcou grande parte da vida social do indivíduo, de maneira que as características sociais baseadas na tradição ou na religião dissolveram-se: processo chamado por Weber de “desencantamento do mundo” (WEBER, 2008), pelo qual o indivíduo abandona os costumes baseados na tradição herdada de colunas fixas da religião.

A intelectualização e a racionalização geral não significam, pois, um maior conhecimento geral das condições da vida, mas algo de muito diverso: o saber ou a crença em que, se alguém *simplesmente quisesse, poderia*, em qualquer momento, experimentar que, em princípio, não há poderes ocultos e imprevisíveis, que nela interfiram; que, pelo contrário, todas as coisas podem – em princípio – ser *dominadas* mediante o *cálculo*. Quer isto dizer: o desencantamento do mundo. Diferentemente do selvagem, para o qual tais poderes existem, já não temos de recorrer a meios mágicos para controlar ou invocar os espíritos. Isso consegue-se graças aos meios técnicos e ao cálculo. Tal é, essencialmente, o significado da intelectualização. (WEBER, 2008, p. 13-14, grifos do autor).

Ainda na esteira do pensamento weberiano, é possível apontar a Renascença e Reforma Protestante como fomentadoras iniciais do pensamento moderno, quando reposicionam o lugar do sagrado na sociedade já centralizada no homem. Esse processo atinge ápices na Revolução Francesa, Revolução Industrial e Iluminismo (ZILLES, 2008), ocorridos e agudizados, sobretudo, na França e nos Estados Unidos, durante os séculos XVIII e XIX.

É, a propósito, nesses marcos históricos da humanidade, que encontramos as pistas para assimilar os axiomas da modernidade e da autonomia do indivíduo, capaz de interpretar o mundo pelas ciências, não mais pela religião.

É evidente que a ideia de rebaixar a religião ao *status* de mito e de soerguer a ciência aos andares da razão, equivalente a conhecimento, gera controvérsia e não apraz, entre outros, às instituições religiosas: no caso católico, a propósito, o pensamento moderno influenciou parte significativa do clero, numa ampla corrente iniciada na Europa no final do século XIX e começo do XX intitulada “modernismo teológico” ou apenas “modernismo”, pela qual os

católicos se propunham a repensar o pensamento cristão à luz das instâncias contemporâneas da sociedade. O modernismo representa uma crise no seio do catolicismo romano que perdura até hoje, gerando uma série de censuras da parte da Sé Apostólica.

Uma das primeiras condenações pontifícias ao modernismo se dá em 1907 pelo decreto *Lamentabili Sane Exitu*, pelo qual a Sacra Congregação da Romana e Universal Inquisição<sup>2</sup>, acusando os modernistas católicos de transgredirem “os limites estabelecidos pelos Padres da Santa Igreja, sob as aparências duma mais elevada inteligência em nome de consideração histórica, buscando um progresso dos dogmas, que, na verdade, não é senão corrupção dos mesmos”. No mesmo ano, o Papa Pio X, mais severamente, define o modernismo como “síntese de todas as heresias”, na Encíclica *Pascendi Dominici Gregis*. O Romano Pontífice vai além e dá como consumada a destruição da Igreja pelo fenômeno modernista:

Tão longe se adiantaram [os modernistas], como já o notamos, que destruíram não só o catolicismo, mas qualquer outra religião. Com isto se explicam os aplausos dos racionalistas; por isto aqueles dentre os racionalistas que falam mais clara e abertamente, se vangloriam de não ter aliados mais efetivos que os modernistas. (PIO X, 1907, parágrafo 101).

Tal excomunhão *latæ sententiæ*<sup>3</sup> aos modernistas e à própria modernidade, gravíssima do ponto de vista dogmático, de alguma forma, foi revogada pelo Papa Bom<sup>4</sup>: ignorando as dramáticas advertências de seus antecessores, João XXIII convocou o Concílio Vaticano II (1962-1965), abandonando os ideais da Contrarreforma – cujas orientações foram oficializadas pelo Concílio de Trento (1545-1563) – para levar a bimilenar barca de Pedro a navegar nos conturbados mares modernos. É justamente nesse novo singlar da Igreja, *aggiornamento* pretendido pelos padres conciliares, que embarcam os candidatos católicos – com novos matizes e nuances teológico-pastorais – os quais, ao lado dos colegas evangélicos

---

<sup>2</sup> Antiga nomenclatura da atual Congregação para a Doutrina da Fé (JOÃO PAULO II, 1988, art. 48), órgão mais antigo da Cúria Romana responsável por “promover e tutelar a doutrina sobre a fé e os costumes em todo o mundo católico”. Em 1908, passou a se chamar Suprema e Sacra Congregação do Santo Ofício. Em sete de dezembro de 1965, Paulo VI rebatizou-a com o título atual, ampliando-lhes as competências e a estruturas.

<sup>3</sup> Termo técnico-jurídico de origem latina, próprio do direito canônico, que significa “de sentença pronunciada”. Refere-se a uma punição automática aos praticantes de determinados pecados, como a heresia e o aborto, podendo variar da pena de excomunhão à suspensão e ao interdito (JOÃO PAULO II, 1883).

<sup>4</sup> O trauma antimodernista é tão forte no seio da Igreja, que o Papa Angelo Roncalli, João XXIII, por ter convocado o Concílio Vaticano II, é acusado por ultraconservadores de ter sido, além de herege modernista, maçom e radical esquerdista (MOST HOLY FAMILY MONASTERY, 2007). Mais que isso: o grupo considera que, após seu pontificado, a Sé de Pedro estaria vacante, de modo que seus sucessores, ou seja, Paulo VI, João Paulo I, João Paulo II, Bento XVI e Francisco, por acatarem as deliberações conciliares, seriam, na verdade, antipapas.

– bem mais experientes nas regatas eleitorais – tentam reamarrar os antigos valores cristãos no cais moderno.

Se um dos remos para o velejo eleitoral vem de Roma, o outro é mesmo nacional, construído como reação ao discurso modernista brasileiro materializado na promulgação da Constituição Republicana de 1891, que realocou oficialmente a Igreja em relação ao Estado, não obstante os resistentes rogos da hierarquia católica nacional de então, como o Primaz do Brasil, o ultramontano Dom Antônio de Macedo Costa, que ameaçou com um “conflito permanente” os parlamentares se “a constituição que for aprovada violar a consciência católica, se ela ferir com odiosas disposições de exceção a fibra religiosa do povo brasileiro” (BARBOSA, 1945, p. 295).

Na iminência da dissociação efetiva da Igreja em relação do Estado pela nova constituição – já ensaiada pelo Decreto n. 119-A, de sete de janeiro de 1890, que “consagra a plena liberdade de cultos, extingue o padroado e estabelece outras providências” –, Dom Antônio assim se dirigiu aos constituintes:

Senhores membros do congresso nacional, olhai este último apelo que a Igreja Católica, a religião de nossos pais, faz à vossa honra, à consciência, ao coração e ao patriotismo de cada um de vós. Inspirai-vos no redigir a constituição da República dos Estados Unidos do Brasil no exemplo dessa nobre irmã do Norte e das mais repúblicas de nossa generosa América; eliminai, apagai ao menos do nosso pacto fundamental as cláusulas ofensivas da liberdade da Igreja Católica a que pertence toda esta nação. (BARBOSA, 1945, p. 295).

Apesar dos apelos episcopais, sempre carregados de admoestações, a primeira Carta Magna da República foi aprovada de modo a garantir a laicidade do Estado. “Em nome da paz pública, em nome da concórdia dos cidadãos, em nome dos direitos da consciência, repelimos, os católicos, a separação da Igreja e do Estado; exigimos a união dos dois poderes”, bradaram os bispos do Brasil, reagindo à cisão, já implementada via decreto em 1890 (PASTORAL COLECTIVA, 1890, p. 26).

Essa atitude inédita do Estado brasileiro que, pela República, colocou os padres de escanteio, fez com que, segundo José Oscar Beozzo (1995), a Igreja se rearticulasse no limiar da publicação da Constituição de 1934, buscando alternativas para reconquistar sua influência e prestígio, conservando a sua autonomia em relação ao Estado, e infiltrando-se em seus aparelhos ideológicos, por meio, especialmente, do princípio da cooperação com os governos, o que garantiu recursos financeiros públicos a suas instituições educacionais e caritativas.

Além disso, em seus leigos políticos – oligarcas ruralistas e burgueses industriais –, a Igreja reinstalou-se, ainda que sem umbela, nos espaços públicos de poder.

É nesse contexto que nasce a Liga Eleitoral Católica (LEC), com cujo suporte elegeram-se deputados, sob a bênção do episcopado, diversos leigos nas eleições legislativas de 1933 para a composição da Assembleia Nacional Constituinte. Graças a essa iniciativa, lideranças católicas conservadoras, como Plínio Corrêa de Oliveira (fundador da TFP<sup>5</sup>) e Alceu Amoroso Lima, alcançaram uma importante vitória para a Igreja Católica, livrando-a da clausura estatal pela Constituição de 1934, de maneira que

foi permitida a assistência espiritual nos estabelecimentos oficiais e militares, o casamento religioso adquiriu validade civil e o divórcio foi proibido, e foi prevista a instrução religiosa dentro do horário escolar. Além disso, os membros das ordens religiosas adquiriram o direito de voto, as escolas católicas passaram a receber subvenção do Estado e foram asseguradas maiores facilidades jurídicas às associações religiosas. (KORNIS, s.d.).

Ainda que – em virtude dos fatores sociopolíticos que redundaram em sua construção, pela conjuntura histórica que a circundava e porquanto apresentasse uma dinâmica singular – a LEC distinga-se do Ministério Fé e Política – que, progressivamente, pretendemos problematizar –, serve para ilustrar como são maciços e pesados os remos que os candidatos da Igreja (MIRANDA, 2006) têm hoje nas mãos, o que lhes exigirá, como naquele contexto pretérito, planejamento estratégico e pulso firme: não é tarefa fácil remar contra a maré forte da secularização.

Antes de revisitar as variadas definições de secularização, sobre as quais costumam se deter os pesquisadores do fenômeno religioso, calha esmiuçar sua etimologia: a origem do termo remonta à França do século XVI, com o substantivo *sécularisation*, referindo-se, no contexto da Reforma Luterana (1517), à transferência da propriedade dos bens da Igreja ao século, isto é, ao estado não religioso (BREMNER, 2008). Com esse sentido, o nominativo latino *sæcularisatio* é utilizado pela Igreja pela primeira vez em 1648, como reação aos Tratados de Münster e Osnabrück (Paz de Vestfália), que mantiveram com os protestantes a posse dos bens da Igreja. Antes disso, o termo era utilizado canonicamente apenas para referir-se ao processo de ingresso no clero secular, ou seja, no clero diocesano, de padres

---

<sup>5</sup> Sigla da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, uma organização civil tradicionalista de inspiração católica, fundada no Brasil em 1960. Pauta-se na tradição católica e no combate aos ideais maçônicos, socialistas e comunistas. A TFP, por meio de seu célebre membro, João Scognamiglio Clá Dias, inspirou o surgimento da associação religiosa privada de fiéis Arautos do Evangelho e de iniciativas ultraconservadoras, como a campanha “Vinde Nossa Senhora de Fátima, Não Tardeis!”.

regulares, os oriundos de ordens religiosas (DUES, 1684). Ambas as conotações inserem-se no léxico do Direito Canônico no período clássico, o qual subsiste no Código de Direito Canônico atual (JOÃO PAULO II, 1983), promulgado pelo Papa João Paulo II em 1983, definindo o termo em questão como missão evangélica frente a “realidades temporais”.

É, de fato, na dimensão temporal que se assenta o fenômeno dinâmico da secularização, que confere à temporalidade, ou seja, ao mundo não religioso, aquilo que pertencia à atemporalidade, ou melhor, à religião. O conceito, portanto, é o exato oposto do relativo à sacralização, que, por sua vez, canoniza o que concerne ao mundo.

Assim, necessariamente, o processo de secularização choca-se com a religião, impondo-lhe um sensível declínio. Trata-se de um conflito no qual o canônico sai mais frágil.

O processo externo de secularização também penetra o interior do cristianismo, que lhe força uma metamorfose e inevitáveis rupturas internas (MARQUES, 2011): causa da inquietação dos pontífices da virada do século XIX e entrada do século XX, e que demonstra a profundidade do fenômeno que, numa circunstância, paralela o sagrado e o mundano, noutra, como nesta, mistura-os de modo a não permitir claramente a distinção de suas fronteiras.

Seja como for, a secularização implica num deslocamento do âmbito religioso, outrora concebido num contexto coerente e bem organizado de sociedade cristã, para uma presença pluriforme e descentralizada, concorrendo com outras instâncias sociais e religiosas: crise cáustica a que, no caso católico francês, Danièle Hervieu-Léger chama de “exculturação” (2003), por meio do qual a religião, enfraquecida, esvazia sua penetração na sociedade.

A exculturação, fenômeno que corrói a inculturação da religião institucionalizada nas sociedades, tem tirado o sono de quem detém “as chaves do Reino do Céu” (Mt 16,19). Um exemplo disso vem de João Paulo II: tendo os leigos católicos como interlocutores, e de alguma maneira, estendendo o conceito de secularização ao da apostasia, considerou como

verdadeiramente grave o fenómeno actual do secularismo: não atinge apenas os indivíduos, mas, de certa forma, comunidades inteiras, como já observava o Concílio: ‘Multidões cada vez maiores praticamente se separam da religião’. Repetidas vezes eu mesmo recordei o fenómeno da descristianização que atinge os povos cristãos de velha data e que exige, sem mais delongas, uma nova evangelização. (JOÃO PAULO II, 1988, parágrafo 4º).

As ponderações do pontífice polonês revelam seu medo frente à profundidade da erosão moderna que carcome o tríplice múnus petrino de administrar, legislar e julgar a grei

de Cristo. É que a individualização (GARCÍA-RUIZ; MICHEL, 2014) – fenômeno pelo qual a ovelha (ou um grupo delas) obedece apenas a própria voz, tornando-a pastora de si – surge como um enorme abismo. No entanto,

A primazia entregue ao indivíduo no cenário globalizado repousa sobre vários equívocos. Este indivíduo não é produto do processo moderno de emergência do sujeito autônomo, resultante da emancipação das lógicas comunitárias que o freiam. A individualização contemporânea prevalece, certamente, sob o modo de legitimação, de individualização moderna. Porém, apesar disso, diferencia-se notoriamente. Mais que um indivíduo autônomo, a individualização contemporânea tem a finalidade de produzir indivíduos que aderem a formas comunitárias renovadas em relação às exigências do mercado mundial. (GARCÍA-RUIZ; MICHEL, 2014, p. 47, tradução nossa).

Assim, se é verdade não ser simples apascentar um rebanho infectado pela individualização, não se pode dizer, por conseguinte, que o aprisco esteja arruinado: o báculo romano não descansa, desde o Vaticano II, nas insistentes tentativas de autorrecomposição.

O fato é que, nesse distanciamento da religião do centro da sociedade para áreas mais periféricas, é possível perceber tensões: de um lado, o fenômeno de resistência da dimensão religiosa em reconstrução; de outro, o projeto de remodelação da sociedade, em que a religião surge como algo a ser superado. Assim, numa leitura, podemos discernir uma eventual tentativa de retomada do poder no ingresso de agentes religiosos no universo das urnas.

Oficialmente, o introito de crentes no rito eleitoral tem sido justificado, ao menos da perspectiva católica, como combate ao chamado “laicismo”, que não deveria ser confundido com “laicidade”. A Renovação Carismática Católica (RCC), por exemplo, por meio de seu Ministério Fé e Política (MFP), traz a seguinte definição:

O laicismo é a rejeição do clericalismo, isto é, da influência do clero na vida pública; trata-se de um secularismo anticlerical. Uma postura que termina por desconsiderar a prerrogativa cívica da Igreja, quando se quer negar à mesma o direito de posicionamentos a respeito da moral, da ética e da política. (RCC/BRASIL, 2016, p. 24-25).

A definição, de alguma forma, reverbera ao catolicismo carismático brasileiro atual o pensamento pré-vaticanista da Igreja, ao denunciar que:

A peste da nossa época é o assim chamado laicismo, com os seus erros e os seus ímpios incentivos; e vós sabeis, Veneráveis Irmãos, que tal impiedade não amadureceu num único dia, mas se escavava nas vísceras da sociedade desde muitíssimo tempo. De fato, começou-se a negar o Império de Cristo

sobre todas as gentes; negou-se à Igreja o direito – que floresce do direito de Jesus Cristo – de admoestar as nações, de fazer leis, de governar os povos para conduzi-los à eterna felicidade. E, pouco a pouco, a religião cristã foi igualada indecorosamente a outras religiões falsas, rebaixada ao nível destas; submetem-na assim ao poder civil, deixando-a quase ao arbítrio das potestades e dos magistrados. E avançou-se mais ainda: houve aqueles que pensaram substituir a religião de Cristo por um certo sentimento religioso natural. Não faltam Estados os quais, crendo poder existir sem Deus, converteram a própria religião em irreligião e em desprezo de Deus. (PIO XI, 1925, parágrafo 23, tradução nossa).

Destronada pela secularização que, como se vê, cobre a sociedade moderna desde muito, a religião busca alternativas para fazer ouvir sua mensagem e influenciar os governos e suas leis. Para tanto, é necessário conviver com a multiplicidade religiosa e a suposta e almejada neutralidade do Estado nesse campo: um dos princípios da laicidade.

Ora, se a secularização remete às discussões acerca do lócus da religião na sociedade, o entendimento e a implicação da laicidade apontam para as relações entre a religião e o Estado. Laicidade deriva de laico, leigo. Origina-se do grego *laikós* pelo nominativo latino *laicus*: membro do povo. E o povo pode ou não ter tido vínculo religioso, de maneira que a laicidade, portanto, não necessariamente rivaliza com a religião: antes, promove a liberdade e a tolerância religiosas (RIVERA, 2016).

O conceito surge pelo processo de separação Igreja e Estado Democrático, o qual conferiu autonomia às partes e delimitou a amplitude das esferas de atuação e influência de cada qual: pretendia-se, como resultado disso, que o Estado não interferisse nas questões de cunho religioso, e a Igreja não atuasse mais no campo político. Para Mariano (2011, p. 244), a laicidade “recobre especificamente à regulação política, jurídica e institucional das relações entre religião e política, igreja e Estado em contextos pluralistas”. Similarmente, Milot observa que

A laicidade refere-se a uma realidade multidimensional, simultaneamente política, jurídica, cultural e social, que se tornou parte da história das nações durante as evoluções da própria democracia. O Estado laico, que surge ao longo de um extenso processo histórico, é livre para elaborar normas coletivas sem que nenhuma religião ou convicção pessoal dominem o poder ou as instituições públicas. A legitimidade do Estado deriva da soberania do povo e não de uma denominação religiosa ou de uma concepção filosófica particular. (MILOT, 2009, p. 11, tradução nossa).

A laicidade passa, assim, a ser uma característica da cidadania no mundo moderno, situado na esfera pública, ao passo que a religião, pretensamente limitada à esfera privada, conservaria as liberdades individuais de expressão do pensamento, consciência e convicções.

Essa noção, entretanto, que confina a religião na privacidade do indivíduo, continua sendo condenada com vivacidade pela Cúria Romana contemporânea. Não por acaso, aparece como um dos temas da primeira exortação apostólica pós-Sinodal do atual Bispo de Roma. Diz o Papa Francisco, ao defender a influência da Igreja na sociedade:

Por conseguinte, ninguém pode exigir-nos que releguemos a religião para a intimidade secreta das pessoas, sem qualquer influência na vida social e nacional, sem nos preocupar com a saúde das instituições da sociedade civil, sem nos pronunciar sobre os acontecimentos que interessam aos cidadãos. Quem ousaria encerrar num templo e silenciar a mensagem de São Francisco de Assis e da Beata Teresa de Calcutá? Eles não o poderiam aceitar. Uma fé autêntica – que nunca é cômoda nem individualista – comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela. (FRANCISCO, 2013, p. 145).

Para isso, porém, é preciso reconstruir uma presença religiosa numa sociedade laica, multipluralista e multirreligiosa: é necessário que a Igreja, principal interessada e em plena perda de seus fiéis no Brasil, conforme últimos censos do IBGE, force uma renovação das relações entre fé e política. No Paraná, uma das estratégias desse *upgrade* vem sendo buscado por meio da inserção de leigos carismáticos nas eleições, como veremos adiante.

O avanço dos evangélicos e, mais recentemente, de católicos nas instâncias nacionais de poder e a influência ostensiva que promovem nesses espaços públicos, potencializada pelo domínio de veículos midiáticos, fizeram com que Mariano (2011) denominasse o Estado laico brasileiro, sem tradição no processo de secularização da sociedade, de “laicidade à brasileira”. Na mesma linha, Burity (2007) garante estar em curso um processo de redemarcação dos limites da fé e da política, assinalada pelo ingresso planejado de agentes religiosos nos espaços públicos.

De fato, a julgar pela influência do cristianismo, especialmente do catolicismo romano que modelou o país à “luz” dos ideais do Concílio de Trento (1545-1563), não se pode desconsiderar a preponderância da religião cristã no Brasil. Os primeiros nomes oficiais do país – Ilha de Vera Cruz e Terra de Santa Cruz – apontam para o signo máximo do cristianismo. O primeiro registro oficial realizado pelos portugueses em território nacional foi uma missa, celebrada “ao Domjngo de Pascoela pola manhã” (sic) (CAMINHA, 1500, p. 9) sob os olhares desconfiados dos nativos, conforme ato fundador imortalizado na tela de Victor Meirelles. São Paulo, Santa Catarina, Espírito Santo – nomes de importantes estados – remetem à devoção católica. Sexta-Feira Santa, Páscoa, Corpus Christi, Dia de Nossa Senhora Aparecida e de padroeiros municipais, Finados e Natal, embora remetam ao culto cristão

católico, continuam sendo, por força da lei, feriados, e outras datas que, embora não sejam feriados – como a Terça-Feira de Carnaval e a Quarta-Feira de Cinzas; o 12 de junho, em que se celebra o Dia dos Namorados na véspera do de Santo Antônio, o Santo Casamenteiro; e o Dia do Trabalho, em 1º de maio, posteriormente consagrado a São José Operário – fazem alusão, ainda que indireta e dessacralizada, da fé católica (BRODBECK, 2004; MARISCAL, 2008; SORIANO, 2007). As cédulas da moeda nacional (Cruzado, Cruzado Novo, Cruzeiro, Cruzeiro Real e Real) exibem a epígrafe “Deus seja louvado” (IEMINI, 2014). Exceto a Constituição da República de 1891 e a do Estado Novo de 1937, as cinco demais, que vigoraram no império, na ditadura e na democracia, prestam reverência à Igreja Católica ou a Deus, o Deus cristão, por óbvio. Os principais espaços públicos no Brasil nos três poderes ostentam crucifixos à moda católica (SARMENTO, 2008; ZYLBERSZTAJN, 2012). O Brasil é iconografado mundialmente por uma gigante estátua em pedra-sabão de Jesus Cristo de braços abertos a carregar no peito um Sagrado Coração. Ainda que de matrícula facultativa, o ensino religioso confessional nas escolas públicas brasileiras, já preconizado pelo Decreto Legislativo n. 698/2009 e pelo Decreto Presidencial n. 7.107/2010, foi confirmado em setembro de 2017 pelo plenário do Supremo Tribunal Federal (STF) (PONTES, 2017). De acordo com os dados oficiais (IBGE, 2010), a Igreja Católica ainda é a instituição religiosa com maior número de fiéis no país.

Com a hegemonia católica, que resistiu na prática à separação Estado-Igreja oficializada pela Proclamação da República em 1891, apenas os evangélicos, que representam o segundo seguimento religioso com maior número de fiéis e em franca expansão, poderiam conquistar a pluralidade, se é que podemos falar em pluralismo, considerando que, somados, os cristãos – católicos, protestantes, paraprotestantes, pentecostais, neopentecostais, ortodoxos, e os fiéis sem igreja – equivalem a 86,8% da expressão religiosa (IBGE, 2010). O *et cætera* correspondente aos 13,2% dos (ir)religiosos no Brasil é dividido entre os adeptos do candomblé, da umbanda e das religiões indígenas; do espiritismo kardecista (e das novas correntes da conscienciologia, da projeciologia e do reencarnacionismo); do Islã; do judaísmo; do budismo e da Seicho-no-iê (e demais filosofias orientais); da Wicca (e correntes neopagãs); do Santo Daime (e seitas amazônicas); do rosacruzismo (e demais segmentos esotéricos); das crenças sincréticas (Religião de Deus/LBV, Vale do Amanhecer, Igreja Apostólica da Santa Vó Rosa etc) e do ateísmo (ALBUQUERQUE, 1999; CACP, 2012; DIAS JÚNIOR, 1994; 2007; FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 2011; IPHAN, 2010; TDB, 2014; VIEIRA, 2012).

À exceção do espiritismo, que conta com uma emissora local de televisão (TV Mundo Maior) e de rádio (Rádio Boa Nova), e que, quase sempre, recebe tratamento privilegiado pela imprensa, sobretudo, na teledramaturgia, as religiões não cristãs no Brasil seguem à margem dos *mass media*. No caso dos adeptos de religiões de matriz africana, espiritualidade historicamente subjugada – nos primórdios, pelo monopólio católico que, no contexto escravagista, lhe forçou o escape pelo sincretismo; agora, pelos evangélicos que insistem em demonizar suas divindades e tradições –, uma grave e persistente intolerância lhes é imposta da parte dos cristãos, mesmo que esta violência, nem sempre apenas simbólica, seja criminalizada do ponto de vista legal. É importante lembrar que parte dos evangélicos também crê na existência das entidades espirituais cultuadas nos terreiros, mas atribuem a elas uma conotação negativa, tornando-os alvos de descarregos, isto é, de práticas exorcistas. Os católicos carismáticos comungam dessa ideia, que demonstra a indisposição do movimento carismático de existir numa sociedade laica: no best-seller *Sim, sim! Não, não!*<sup>6</sup>, por exemplo, Pe. Jonas Abib, fundador da Comunidade Canção Nova e um dos patriarcas do pentecostalismo católico, afirma com desembaraço que os “próprios pais e mães-de-santo e todos os que trabalham em centros e terreiros são as primeiras vítimas: são instrumentalizados por Satanás” (ABIB, 2003, p. 19) e, num trecho ainda mais chocante, ordena os leitores a destruir representações artísticas de orixás:

Acabe com tudo: tire as imagens de Iemanjá (que na verdade são um disfarce: uma imitação de Nossa Senhora). Acabe com tudo! Mesmo que seja uma estátua preciosa, mesmo que seja objeto de ouro, não conserve nada. Isso é uma maldição para você; maldição para sua casa e para sua família. Isso é maldição que o impede de caminhar: você patina sem conseguir sair do lugar. Limpe sua casa, porque, do contrário, você vai ficar emaranhado nas teias desta embromação. (ABIB, 2003, p. 18).

Além de não fazerem proselitismo, nem contarem com concessões de veículos de comunicação, na mão de católicos e evangélicos, as religiões de origem africana também são alvo de ataques intempestivos nos programas de tele-evangelização (PRANDI, 2013).

Aliás, o uso dos veículos de comunicação como arma a serviço da propaganda religiosa tem mirado todas as direções onde haja concorrentes. A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), por exemplo, gastou munição, na década de 1990, contra a Igreja Católica, especialmente no episódio que ficou notabilizado como “chute na Santa”, quando um bispo da

---

<sup>6</sup> O Ministério Público havia movido uma ação penal contra o Pe. Jonas Abib por crime de discriminação religiosa. Ele era acusado de atacar o espiritismo, a umbanda e o candomblé. A ação, segundo matéria publicada pelo portal G1 de 29/11/2016, foi derrubada pelo STF em 2016, sob a alegação de ele não ter atacado pessoas.

IURD desferiu pontapés contra uma réplica da imagem de Nossa Senhora Aparecida, em pleno 12 de outubro, diante das câmeras. Já que o declínio progressivo do catolicismo não implicou no crescimento da IURD, como demonstram os dados de 2010 do IBGE, a mira da Universal tem se voltado contra as rivais evangélicas, que têm na Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD), fundada por um dissidente da Universal, uma grande proeminência. O Apóstolo Valdemiro Santiago, fundador da IMPD, também usa seu canal de televisão, a Rede Mundial, para revidar as afrontas recebidas de Edir Macedo e atacar, por sua vez, a Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD), liderada por um seu desafeto, o Missionário RR Soares, após este ter lhe tomado um horário na TV aberta. Silas Malafaia, líder da Igreja Assembleia de Deus Ministério Vitória em Cristo, também é famoso por comprar briga com outras lideranças cristãs, católicas (Pe. Reginaldo Manzotti, Pe. Paulo Ricardo, etc) ou evangélicas (Pr. Caio Fábio, Pr. Paulo Jr, Bispo Edir Macedo), no seu programa semanal na TV em canal aberto.

Como se vê, uma das facetas da nova guerra santa é midiática. Além de dominarem os veículos de comunicação, seus cruzados são novos-ricos, exorcistas, defensores da Teologia da Prosperidade pela cobrança intransigente do dízimo e das ofertas. Mais que midiática: é também política. Aliás, a trinca bíblia-mídia-urna tem centralizado relevantes investigações, que variam do telepúlpito (BIRMAN; MACHADO, 2012; CAMPOS, 2004) e a programação religiosa do rádio (FAJARDO, 2014; PRATA, 2014) ao ativismo evangélico nas redes sociais (CUNHA, 2017).

É possível conjecturar que a “cultura de Pentecostes”, além de estimular a prática de dons espirituais e carismas místicos, suscita no crente a participação efetiva na vida pública: fora ou dentro das urnas. Na corrida eleitoral, a propósito, os evangélicos têm se destacado com relativo sucesso. Um exemplo exitoso de sua penetração política nos vem dos políticos, que têm tradição nas diversas casas legislativas – Senado, Câmara Federal, assembleias legislativas, câmaras municipais – desde antes da redemocratização, embora se notabilizado a partir da Assembleia Constituinte (1986).

Em plena ascensão, os evangélicos das mais variadas correntes e doutrinas contam com um total de 42,3 milhões de crentes, segundo o Censo 2010 do IBGE. A tendência, potencializada pela sistemática fuga de ovelhas do aprisco católico, é que os evangélicos, nas próximas estatísticas oficiais, passem a representar a terça parte dos brasileiros: um já invejável rebanho de eleitores potenciais, afinal, embora a máxima requeira constante investigação empírica, “irmão vota em irmão” (SYLVESTRE, 1986; SOUZA, 2013).

O milagre eleitoral evangélico fez com que a força política do segmento se solidificasse, acirrando as disputas internas nas igrejas que passaram a criar espaços de socialização e debates no contexto das eleições (MACHADO, 2012). Mais que isso: o desempenho dos evangélicos em eleições proporcionais fez com que os partidos políticos se interessassem pelo volume de votos, uma vez que vigora, na política eleitoral brasileira, o sistema de quociente eleitoral, pelo qual se distribuem as cadeiras legislativas. É nesse contexto que a secularização ganha uma interessante interface, uma vez que a conveniência mútua faz com que a religião e os partidos se atravessem nas eleições. Por isso, surge o fenômeno da filiação de lideranças evangélicas em legendas partidárias: as da IURD, desde a redemocratização, optaram pelo Partido Liberal (PL), onde permaneceram até sua extinção, em 2006. A bancada evangélica em Brasília, atualmente, está, em grande parte, vinculada ao Partido da República (PR), Partido Republicano Brasileiro (PRB) e Partido Social Cristão (PSC). A tendência dessas legendas tem sido no sentido de apoiar o governo, qualquer que seja a orientação ideológica do chefe do Executivo: estiveram na base de sustentação de Lula (2003-2011); em algum momento, na de Dilma (2012-2016); e permanecem na de Michel Temer (a partir de 2016) atualmente, renovando, de alguma forma, a velha máxima latina do “*cujus regio, eius religio*”, isto é, de quem [é] a região, dele [seja também] a religião.

Se após as eleições os governantes são incensados pelo segmento evangélico politicamente organizado, no período que antecede o escrutínio das urnas, os papéis se invertem, e os turbulos se voltam às igrejas evangélicas, a quem os candidatos devem pedir a bênção. Na campanha pela reeleição em 2006, por exemplo, Lula adulou líderes do segmento<sup>7</sup>. Às lideranças do Ministério de Madureira da Assembleia de Deus, afirmou: “Somos todos crentes”, ao relembrar que seu primeiro governo beneficiou as igrejas, dando como exemplo a aprovação da Lei n. 10.825/2005, que lhes deu o direito serem reconhecidas como entidades de direito privado. Todos os principais candidatos à presidência do Brasil nesta e nas campanhas de 2010 e 2014 fizeram o mesmo.

Para, contudo, alcançar o poder, os agentes religiosos contam com o apoio organizado de suas respectivas igrejas, que se mobilizam institucionalmente para lhes oferecer suporte financeiro e técnico na construção da própria plataforma eleitoral e do marketing de campanha. Nesse processo, é comum a utilização dos cultos como palanque onde divulgar verticalmente as candidaturas da igreja.

---

<sup>7</sup> Fala do ex-presidente Lula, então candidato à reeleição, num templo carioca da Assembleia de Deus, após revelar que aprendeu a ter fé com sua mãe e que foi Deus que quis que ele “fosse eleito presidente e criasse uma lei estabelecendo definitivamente a liberdade religiosa” (MENEZES, 2006).

O sucesso dos evangélicos na política começa a ser imitado pelos católicos, por meio da Renovação Carismática Católica, cujos líderes têm se aventurado nas urnas: inicialmente por meio da extinta Secretaria Matias; agora, pelo Ministério Fé e Política (MFP), estrutura interna do movimento especializado em eleições, o qual, no Paraná, obteve relativo sucesso nas eleições proporcionais de 2014. O uso das estruturas desse movimento eclesial na defesa de candidaturas próprias, até certo ponto inédito nas dioceses católicas do Paraná, demonstra que a correspondência com os evangélicos não se limita ao fervor devocional.

## **1.2 A RCC e a institucionalização de sua vocação política: o MFP**

A atuação política organizada da Igreja Católica no contemporâneo cenário eleitoral brasileiro tem se dado por meio de um organismo interno da Renovação Carismática Católica (RCC), relativamente novo, denominado Ministério (de) Fé e Política (MFP), que suplantou a extinta Secretaria Matias, também destinada genericamente à evangelização dos espaços e agentes públicos (RCC/BRASIL, 2016a). Pelo MFP, a RCC assume de vez sua vocação eleitoral, já que por esse sistema adotado desenvolvido por leigos carismáticos – sob as vistas, quase sempre permissivas e diligentes, do episcopado brasileiro – são selecionadas candidaturas de suas lideranças a serem oficialmente apoiadas pelo movimento eclesial, em eleições quase sempre proporcionais.

Pela iniciativa, os carismáticos não apenas repetem ações do laicato católico brasileiro em eleições do início do século XX, com as exitosas campanhas da LEC na década de 1930, mas avançam na construção de protótipos bem mais ousados com paralelos apenas nas igrejas evangélicas e seus políticos. Se antes a campanha eleitoral de leigos católicos se dava extramuros, da porta da igreja para fora, agora, em algumas realidades – como no Paraná a partir de 2014 – os santinhos de candidatos da Igreja são distribuídos sem cerimônia no presbitério, bem ao lado do sacrário. A política, já benta entre os evangélicos, começa a subir o altar católico, ao som dos mais fervorosos cânticos do “Louvemos”<sup>8</sup>.

Respeitadas as diferenças doutrinárias que dividem historicamente os cristãos, podemos perceber no movimento carismático católico, ainda assim, elementos recorrentes nos evangélicos, que pormenorizaremos adiante. Antes, contudo, é necessário esclarecer que ambas as correntes, no fundo, integram um mesmo movimento supraeclesial originalmente

---

<sup>8</sup> O “Louvemos o Senhor”, ou simplesmente “Louvemos”, é um compêndio publicado pela Associação do Senhor Jesus (ASJ) com os principais cânticos da RCC. Trata-se de uma espécie de hinário carismático, publicado pela primeira vez em 1975.

intitulado *Charismatic Movement*<sup>9</sup>, nascido nos Estados Unidos no século XIX em ambiente anglicano, o qual propõe uma grande ênfase aos carismas místicos relativos ao Dia de Pentecostes: Batismo no Espírito Santo (experiência sobrenatural com a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade que se manifesta por um repouso involuntário); orações espontâneas (em voz alta, com interjeições religiosas, sem fórmulas prévias tradicionais) e em línguas incompreensíveis (glossolalia religiosa no qual o crente expressa o seu louvor por meio de sílabas aleatórias); dom de profecia (pelo que o inspirado vaticina à assembleia revelações relativas à comunidade ou a seus membros); e o dom de cura (física ou psíquica) e libertação (por meio de exorcismos ou de “renúncia” ao demônio).

Esses dons espirituais (SILVEIRA, 2000), que podem ser concedidos indistintamente a qualquer pessoa do movimento eclesial, “seja leiga, religiosa, consagrada ou sacerdote, letrada ou iletrada”, são evocados por Miranda (2010, p. 122), Carvalhaes (2010) e Sartori (1996) para demonstrar o caráter inclusivo da RCC e paragonar o pentecostalismo católico ao evangélico. Todavia, serve ainda para fazer entender a profundidade da fragmentação do catolicismo em variantes, pelo que se demonstra as surpreendentes mutações da Igreja e sua atuação no mundo moderno (CHAMPION; HERVIEU-LÉGER, 2003; VALLE, 2004).

Tais práticas espirituais referem-se mais a *como* que a *quê*: tanto é assim que, em ambiente católico romano, os carismas pentecostais não conflitam nem minimamente com doutrinas que os evangélicos rejeitam nos rivais: antes, revigoram a veneração à Virgem Maria (fazendo valer o culto de hiperdulia) e aos santos (em especial à Beata Elena Guerra<sup>10</sup>, disseminadora do retorno católico ao Espírito Santo); fortalecem adoração ao Santíssimo Sacramento, aproximando o fiel da missa; e robustecem o vínculo e a submissão do crente ao bispo diocesano e ao de Roma (BORBUREMA, 2015; SATORI, 1996).

Entretanto, como já mencionamos, não é apenas no avivamento espiritual que os carismáticos encontram paralelo nos evangélicos: o interesse pela política – e esta, partidária – e os métodos para inserirem-se nela também são recorrentes entre os que se saúdam com “a Paz de Jesus”.

Como instituição, o movimento carismático católico ingressa no campo político oficialmente em 1993, por meio da criação da Secretaria Matias, como gesto concreto do

---

<sup>9</sup> O Movimento Carismático é uma tendência internacional verificada nas igrejas cristãs históricas, adotando crenças e práticas semelhantes ao Pentecostalismo, de modo que o formalismo convencional dessas instituições dá espaço aos carismas místicos do Espírito Santo. Entre os protestantes e reformados, o movimento começou em 1960 (CHRISTIAN RENEWAL ASSOCIATION ICN, 2017); entre os católicos, tem início em 1967 (RCC/BRASIL, 2005a).

<sup>10</sup> Na RCC, a figura da bem-aventurada Elena Guerra atua como uma espécie de fundadora do movimento carismático (RCC/BRASIL, 2012).

Conselho Nacional da Renovação Carismática que lançava o projeto Ofensiva Nacional<sup>11</sup>, visando, ao mesmo tempo, a sistematizar organicamente a RCC em todas as dioceses brasileiras e propagar a espiritualidade de Pentecostes em várias áreas de atuação. Surgem, dessa forma, as chamadas Secretarias, criadas como suborganizações voltadas à evangelização, segundo temas específicos.

A Secretaria Matias, que atualmente se chama Ministério Fé e Política (MFP), foi idealizada para promover formação política à luz da espiritualidade de Pentecostes, originalmente sem pretensões de turbinar candidaturas oficiais da RCC, faz referência à eleição do apóstolo que ocupou a cadeira vacante pela morte de Judas Iscariotes. Segundo o relato bíblico dos Atos dos Apóstolos, dois candidatos disputavam a vaga:

José, chamado Bársabas e apelidado o Justo, e também Matias. Em seguida fizeram esta oração: ‘Senhor, tu conheces o coração de todos. Mostra-nos qual destes dois tu escolheste para ocupar, no serviço do apostolado, o lugar que Judas abandonou para seguir o seu destino.’ Então tiraram a sorte entre os dois. E a sorte caiu em Matias, que foi juntado ao número dos onze apóstolos. (At 1,23-26).

Além de São Matias, a propósito, a RCC costuma apresentar a seus membros como políticos ideais, dois santos: o mártir São Thomas Morus (1478-1535), proclamado pelo Papa João Paulo II no ano 2000 como padroeiro dos políticos católicos: membro do parlamento britânico, cunhou a expressão *utopia*, com a qual batizou uma imaginária ilha dotada de uma sociedade ideal, cujo sistema político vem descrito em sua novela “Utopia”, publicada em latim em 1516. A vida do santo inglês – de certo modo, uma versão católica de Lutero – é um paralelo da Renovação: ao mesmo tempo em que representa uma atualização da fé (no caso dele, por meio do *New Learning*, escola do Humanismo que reinterpreta a relação Igreja-indivíduo), rejeita visceralmente os dogmas protestantes defendidos por Martim Lutero, seu arqui-inimigo. A sua *Responsio ad Lutherum*, por exemplo, é uma reação às ofensas do reformador alemão que o chamava de “porco, retardado e mentiroso” (ACKROYD, 1999, p. 227, tradução nossa): “Lutero é um macaco”, um “bêbado” e um “freizinho nojento”, entre outros insultos (ACKROYD, 1999, p. 230, tradução nossa). Outra figura, bem mais pacífica,

---

<sup>11</sup> A Ofensiva Nacional da RCC é considerada pela liderança do movimento carismático (RCC/BRASIL, 2005d) como uma consequência da “dinâmica do Espírito não nos deixa acomodar. Quando as coisas parecem estar se assentando, se aquietando, logo vem Ele nos convidando para avançar um pouco mais, para viver novas aventuras”.

venerada pelos carismáticos como bom político é o bem-aventurado Pier Giorgio Frassati<sup>12</sup>: um jovem italiano, morto aos 25 anos de poliomielite (contraída enquanto visitava os pobres das favelas de Turim), que foi membro ativo do Apostolado da Oração e da Juventude Marial Vicentina. Universitário e alpinista, Frassati era militante do *Partito Popolare Italiano* (PPI) do senador Pe. Luigi Sturzo, legenda que defendia, entre outras coisas, o voto das mulheres, a universalização do ensino, o reconhecimento jurídico e a liberdade dos sindicatos, a reforma tributária, o sistema eleitoral proporcional, a liberdade da Igreja Católica e o desarmamento universal.

Além de apresentá-los como modelo da boa política, a RCC (RCC/BRASIL, 2016, p. 44) afirma que o “perfil do político renovado pelo E.S.” deve ser humilde e orante como Moisés, corajoso e valente como Josué e Caleb, compassivo como São Luís e Frederico Ozanam, dócil, manso e dialogador como Abraão, desprendido e desapegado como Barnabé, perseverante e paciente como Neemias e Esdras, justo e sábio como Salomão e Josias, sincero e transparente como Davi e São Pedro, obediente e irrepreensível como São Paulo, solidário como Nossa Senhora e misericordioso como Jesus Cristo.

Concluindo a digressão, necessária para compreender o desígnio de a RCC pretender catequizar a política, é importante ressaltar que a escolha do episódio da eleição apostólica para nomear seu organismo político é providencial, já que sua atuação nesse campo evoluiu da formação política ampla para o processo eleitoral, no qual candidaturas oficiais são pensadas, construídas e apresentadas aos fiéis como divinamente escolhidas. O afunilamento do enfoque eleitoral da Secretaria Matias coincide com as discussões, nas comunidades paroquiais, da Campanha da Fraternidade de 1996, que tinha como tema “Fraternidade e Política” e o lema “Justiça e Paz se abraçarão”. Um dos objetivos da campanha, desenvolvida pela CNBB com relativa profundidade na Igreja do Brasil durante o período da Quaresma, era justamente “estimular a militância política e o exercício de cargos públicos revisando permanentemente a prática do poder” (CNBB, 1995, p. 8). Nesse contexto, é possível observar a sacralização da política (GANDIN, 2010; LENHARO, 1986), que passa a ser apresentada aos fiéis, na homilia da missa, como uma eminente e legítima expressão da caridade cristã.

A contribuição da Campanha da Fraternidade de 1996 à reformulação da Secretaria Matias não se limita apenas à resignificação teológica da política, mas avança propondo à

---

<sup>12</sup> De acordo com o bem-aventurado Pier Giorgio Frassati, declarado patrono da Jornada Mundial da Juventude de 2013 pela Sé Apostólica, compete aos “católicos [...] um grande dever a cumprir: [...] Devemos forjar o nosso carácter para estar prontos a sustentar as lutas que certamente devemos travar” (TV CANÇÃO NOVA, 2014).

Igreja iniciativas concretas no campo do Agir (Método Ver-Julgar-Agir), prevendo o acompanhamento “de maneira educativa [d]os cristãos que militam em partidos políticos” (CNBB, 1995, p. 69) e propondo “a criação de Comissões de Acompanhamento Político (experiência de Feira de Santana – BA e União da Vitória – PR), formadas pelas pastorais sociais” (CNBB, 1995, p. 73). Isso porque a Igreja no Brasil, retomando as deliberações da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada em Santo Domingo<sup>13</sup> (República Dominicana) em 1992, desejava estimular o protagonismo dos fiéis, evitando “que os leigos reduzam sua ação ao âmbito intra-eclesial, impulsionando-os a penetrar os ambientes socioculturais e a serem eles os protagonistas da transformação da sociedade à luz do Evangelho e da Doutrina Social da Igreja” (CNBB, 1995, p. 72).

Isso posto, é curioso notar como essa conotação caritativa dada pelos bispos à ação política na Campanha da Fraternidade de 1996 ao mesmo tempo em que fez emergir muitas candidaturas de leigos católicos, não apenas carismáticos, nas eleições municipais daquele ano, rebaixou a Secretaria Matias à condição de subsecretaria: já que política é caridade, logo deveria estar subordinada à Secretaria Marta, atual Ministério de Promoção Humana. É o que relembra o vereador maringaense Sidnei Oliveira Telles Filho (PSD), ex-coordenador nacional do MFP (2006-2007), interpelado por e-mail sobre o histórico da antiga secretaria:

o Conselho [Nacional da RCC] considerou que a política era uma ação voltada ao atendimento dos pobres e, por isto, deixaram o serviço como um subdepartamento da Secretaria Marta, coordenado por um importante militante de São Paulo, que tratava da Ação Social dentro da RCC. (FILHO, 2017).

Essa nova roupagem divinizada da política partidária opõe-se à tradicional mentalidade de enxergar nela o exato oposto, sempre demonizado (LENHARO, 1986): um tabu mal resolvido no imaginário carismático, constatável, aliás, até na própria página oficial do movimento sobre sua interface com as eleições. Num mesmo texto, a RCC nega e admite apoiar candidaturas:

A Renovação Carismática Católica, como movimento eclesial, **não tem e nem apoia candidatos** especificamente, mas apoia e incentiva a participação na política daqueles que se sentem chamados a este serviço. O serviço que a RCC presta, através da Secretaria Matias, é no sentido de promover oportunidades para a evangelização e formação. Deve-se evitar

---

<sup>13</sup> As conclusões da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano de Santo Domingo, apontando para a missão de os leigos serem “sal da terra”, já estavam presentes nas Conferências de Medellín (1968) e Puebla (1979).

instrumentalizar a RCC para campanhas eleitorais bem como transformar os Grupos de Oração em palanques. (RCC/BRASIL, 2005c, grifo nosso).

Mesmo assim, no parágrafo imediatamente seguinte, reconhece que a RCC, ocasionalmente, pede votos para suas lideranças:

Os **candidatos assumidos pelas comunidades** deverão, de comum acordo com sua Coordenação, desenvolver suas campanhas sem prejudicar as atividades da Renovação Carismática Católica, bem como evitando criar outras prioridades para os Grupos de Oração e Comunidades de Renovação que não sejam as próprias da RCC. **O Ministério de Fé e Política, eventualmente, promoverá campanhas** para a conscientização da necessidade da participação de todos, das responsabilidades cristãs no direito de voto, **do perfil do candidato que merece confiança** e da importância da cidadania plena. (RCC/BRASIL, 2005c, grifo nosso).

Como suborganismo da Secretaria Marta, que se destinava à ação social, a Secretaria Matias se limitava a realizar encontros de formação política aos carismáticos. No entanto, especialmente a partir do ano 2000, quando a coordenação da Secretaria Matias da Diocese de São José dos Campos, São Paulo, divulgou um panfleto nos 25 grupos de oração indicando cinco nomes de candidatos<sup>14</sup>, algumas experiências em eleições municipais foram encampadas oficialmente pela RCC, ainda que com a discordância do clero local.

Em 2005, a Secretaria Matias, já emancipada da Secretaria Marta, passa a ser chamada de Ministério Fé e Política. A alteração de nomenclatura, que também atingiu as demais secretarias, foi importante não apenas ao favorecer a compreensão dos membros da RCC em relação a seus variados serviços, mas porque, em tese, elevou a participação eclesial dos leigos – até pouco tempo, sujeitos passivos da ação da hierarquia canônica – à categoria de Ministério: substantivo do léxico católico geralmente empregado como sinônimo da ação exclusiva de homens ordenados, seja no vocabulário da Sé Apostólica, seja no da CNBB. Esta, aliás, em 1994, publicou as “Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica” que, em bom português, cortava as asas do Espírito Santo sobre a Igreja do Brasil. Entre outras coisas, o documento proibia o uso da expressão “ministério”: “Evite-se na RCC a utilização de termos já consagrados na linguagem comum da Igreja e que na RCC assumem significado diferente, tais como pastor, pastoreio, **ministério**, evangelizador e outros”

---

<sup>14</sup> À época, o coordenador diocesano da Secretaria Matias era o vereador tucano Cristóvão Gonçalves (MENDONÇA, 2000). Embora a diocese tenha reprovado a ação, que leva a assinatura da Irmã Alice de Souza Sant’Anna, o secretário executivo da Comissão Brasileira de Justiça e Paz da CNBB, Francisco Whitaker, disse não haver nenhuma proibição que movimentos e pastorais da Igreja assumam posições políticas nas eleições e indiquem candidatos.

(CNBB, 1994, p. 5, grifo nosso). A mudança do nome, contudo, não significava uma proibição à atuação em si da extinta secretaria, nem tampouco parece representar uma insubordinação à CNBB (a obediência aos bispos é fortíssima na RCC), mas um alinhamento às posteriores normativas vaticanas, como a Instrução *Redemptoris Sacramentum*, de 25 de março de 2004, da Congregação para o Culto Divino e a disciplina dos Sacramentos, que menciona e avaliza os ministérios extraordinários dos fiéis leigos.

Vale lembrar que a implementação do Ministério Fé e Política não representa o início da participação de carismáticos em eleições. O fenômeno é anterior: várias lideranças do movimento da RCC assumiram cadeiras no Poder Legislativo, especialmente no processo da redemocratização do Brasil (CARRANZA, 2000; SILVEIRA, 2008). O caso mais famoso é o de Osmânio Pereira de Oliveira, ex-presidente do Conselho Nacional da RCC (por 15 anos) e ex-diretor pelo Brasil do Conselho Mundial do movimento, com quatro mandatos federais (PSDB, PMDB, PTB e sem partido), eleito pela primeira vez em 1990, sempre empregando discurso carismático em suas campanhas (RCC/BRASIL, 2005b). Assim, parece que a novidade do MFP tem a ver com a utilização eleitoral das estruturas oficiais do catolicismo para a construção e difusão de candidaturas próprias, bem como do acompanhamento dos eleitos durante o mandato.

É importante ressaltar que o Ministério Fé e Política da RCC não tem vínculos com a Pastoral de Fé e Política (PFP), fruto da caminhada das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e dos movimentos sociais, atuante desde o final da década de 1980, quando publicava cartilhas e folders para a formação cidadã nos anos eleitorais. Além disso, ainda que as iniciais sejam as mesmas, também não há que se confundi-lo com o Movimento Fé e Política (MF&P), de caráter intereclesial e, como a PFP, ligado à Teologia da Libertação, que nada tem a ver com as práticas eleitorais e a espiritualidade dos carismáticos.

O Movimento Nacional Fé e Política foi criado em junho de 1989, durante um encontro de pessoas unidas pela Fé cristã engajada nas lutas populares, com o objetivo de alimentar a dimensão ética e espiritual que deve animar a atividade política. Deixar-se animar pelo Espírito de vida, é a essência do Movimento Fé e Política, que não propõe diretrizes para ação política dos cristãos, nem se comporta como se fosse uma tendência político-partidária, mas que luta pela superação do capitalismo por meio da construção de um sistema sócio-econômico solidário e respeitoso da vida do Planeta. (MOVIMENTO FÉ E POLÍTICA, 2017).

Se em relação ao Movimento Fé e Política seja mais ou menos óbvio defini-lo como progressista, não é tarefa tão fácil determinar a orientação política do Ministério Fé e Política da

RCC que, embora se oponha a pautas genérica de partidos de esquerda (como a descriminalização do aborto e das drogas e a defesa de direitos de grupos minoritários), também diverge de movimentos católicos ultraconservadores, como, por exemplo, a Opus Dei, os Arautos do Evangelho e a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP), especialmente no que concerne à inclusão social, Reforma Agrária, economia popular solidária e ecologia sustentável.

O Ministério Fé e Política defende que sua missão seja evangelizar o meio público, “para difundir a Cultura de Pentecostes e ajudar a construir a Civilização do amor, a partir da experiência do batismo no Espírito Santo” (RCC/BRASIL, 2016, p. 9). Esse mergulho da RCC em “águas mais profundas” se dá pelo declarado desejo de que “a misericórdia de Deus e a Sua Palavra cheguem a todos os gestores e servidores públicos da nação brasileira” (RCC/BRASIL, 2016, p. 9).

Dom Roberto Francisco Ferrería Paz (RCC/BRASIL, 2016, p. 9), bispo titular de Campos – RJ e um dos prelados referenciais do MFP nacional, diz que o desígnio do ministério – diversamente do que acontece na prática no Paraná, como veremos adiante – não é o de “realizar campanhas eleitorais, mas resgatar o significado da expressão ‘**bem comum**’ e conscientizar os cristãos a utilizarem o voto de modo justo, incentivando o **protagonismo eleitoral** para a escolha dos candidatos conforme a consciência de cada um” (RCC/BRASIL, 2016, p. 9, grifo do autor).

A negação da eleitoralização do movimento carismático por suas lideranças superiores, apesar da pródiga materialidade em contrário, indica que a temática, na Igreja, segue polêmica e, de alguma forma, intenta esconder a culpa de quem verte vinho novo em odres velhos. “Teu modo de falar te denuncia” (Mt 26,73b): o sotaque eleitoral indisfarçável do movimento carismático não pode mesmo ser ocultado, porque nasce da realidade concreta de instâncias oficiais do MFP, como no caso paranaense, e da própria coordenação nacional em diretrizes que norteiam as candidaturas encampadas pelo movimento carismático.

Esses documentos são exarados pelo Conselho Nacional da RCC: máxima instância hierárquica interna da Renovação Carismática, que abarca as coordenações nacionais de seus variados ministérios, sendo atualmente presidido pela capixaba Katia Roldi Zavaris.

A primeira instrução normativa é a 01/2009, emitida em 11 de outubro de 2009, fixando os limites de atuação da RCC nas eleições gerais de 2010. Em relação à subsequente, que foi publicada em 27 de setembro de 2015, é bem menos exigente em relação ao perfil do candidato.

As instruções normativas têm sido amplamente difundidas por diversos sites oficiais do Movimento Carismático e socializada entre as lideranças do movimento. A 02/2015, por

exemplo, que dispõe sobre normas e diretrizes para regulamentar a ação e os limites de atuação da Renovação Carismática Católica, por meio do Ministério Fé e Política, durante o período das eleições gerais no Brasil, tem dado o tom das candidaturas institucionalizadas do movimento eclesial. Após uma sucinta fundamentação teológica ancorada em exortações papais sobre a participação dos leigos na política, e em documento dos Bispos do Brasil sobre a dimensão política da vida da Igreja, o referido documento sistematiza e distribui a atuação e as responsabilidades do Ministério Fé e Política nas eleições em três níveis: Conselho Nacional, responsável por candidaturas à Presidência da República; Conselho Estadual, que se ocupará das candidaturas a governador e a deputados estaduais; e o Conselho Diocesano, organizador de candidaturas municipais (prefeito e vereadores). Com relação aos cargos de senador e deputado federal, a responsabilidade será compartilhada pelas instâncias nacional e estadual.

O artigo 4º do documento trata dos critérios que os aspirantes a candidatos oficiais da RCC devem apresentar, prevendo que:

§ 1º O perfil dos pré-candidatos, e/ou candidatos, atenda aos seguintes requisitos mínimos:

- I. Ser Católico praticante;
- II. Estar em comunhão com a Igreja;
- III. Participar efetivamente da Renovação Carismática Católica (RCC) há pelo menos 5 anos;
- IV. Participar das formações da RCC e do Ministério Fé e Política;
- V. Estar em pleno gozo de seus direitos políticos conforme as exigências da legislação eleitoral. (CONSELHO NACIONAL DA RCC/BRASIL, 2015, p. 3).

A presença da Renovação Carismática Católica na política não tem se limitado à campanha eleitoral de suas candidaturas: uma vez eleitos, os candidatos oficiais da RCC passam a ser acompanhados por uma instância colegiada a que o MFP chama de conselho de mandato. De acordo com as deliberações nacionais do movimento, a “RCC, desde que respeitada a legislação em vigor, poderá constituir um Conselho de Mandato para acompanhar as ações e os trabalhos conduzidos pelo mandatário” (CONSELHO NACIONAL DA RCC/BRASIL, 2015, p. 5). Se as instâncias nacionais da RCC, como se vê, propõe-se a constituição do referido conselho como facultativa, no Paraná, diversamente, o MFP estabelece-a como obrigatória, de modo que seus líderes políticos “serão acompanhados pela RCC através do Conselho de Mandato” (RCC/PR, 2013a, p. 4), com a finalidade de “assessorar [...] a vida pública do mandatário” (RCC/PR, 2013b, p. 5), de modo a “apontar falhas e oferecer sugestões para o encaminhamento das ações parlamentares [...], sempre com base na Doutrina Social da Igreja

e norteado pela oração e discernimento no Espírito Santo” (CONSELHO NACIONAL DA RCC/BRASIL, 2015, p. 6).

Os critérios para a composição desses conselhos, porém, variam conforme a realidade de cada estado. Entretanto, a seleção dos conselheiros pela coordenação estadual do movimento carismático deve atender a uma exigência básica nacional: “não devem possuir vínculo empregatício com o mandatário. Ou seja, não fazem parte dos funcionários à disposição do mandato” (CONSELHO NACIONAL DA RCC/BRASIL, 2015, p. 6).

Cada eleito é assessorado por um conselho distinto. É relevante sublinhar que a criação pela RCC desse instrumento de controle da atuação dos parlamentares católicos atende à sugestão da CNBB pela Campanha da Fraternidade de 1996, que propunha um acompanhamento colegiado dos “cristãos que se elegem para funções no poder executivo ou legislativo”, por meio de um “espaço especial para reflexão” e “assessoria pastoral que lhes permita crescer e aprofundar a sua fé”, a partir de “instâncias de reflexão que facilitem o confronto das exigências proféticas do Evangelho com os projetos políticos”, além de “apoio e incentivo para impregnar o movimento social dos grandes valores éticos e cristãos do Evangelho” (CNBB, 1995, p. 76). Pelos conselhos de mandato, o MFP se converte numa forma relativamente eficaz de reasseverar a presença da Igreja no Estado, garantindo, pelo voto, que pelo menos alguns caminhos continuem levando a Roma (LUNEAU; MICHEL, 1999).

Além de concordar com o controle da Igreja em seus mandatos – firmada num “Termo Individual de Compromisso a ser elaborado pelo Ministério Fé e Política” (CONSELHO NACIONAL DA RCC/BRASIL, 2015, p. 3) –, os candidatos do Espírito Santo não podem ser filiados a partidos progressistas. Essa vinculação, novidade em relação à primeira instrução normativa, é condição impeditiva para quem almeja o apoio oficial do movimento católico: “§ 2º Seja observado o partido ao qual o candidato é filiado, para garantir a sua condição de defender os princípios da Doutrina Social da Igreja”, especialmente no que se refere à defesa da vida intrauterina, resistência à chamada Ideologia de Gênero e o enfrentamento ao matrimônio homoafetivo (RCC/BRASIL, 2016, p. 39).

Vale abrir um parêntese nesse campo: apesar das mercês dos governos de Lula e Dilma aos cristãos, já abordadas anteriormente, a relação entre o PT e a RCC tem sido conturbada. Lideranças do movimento acusam o partido de defender, em seu estatuto, a descriminalização do aborto. A afirmação, a bem da verdade, não se sustenta já que, embora haja correntes internas que defendam a pauta no âmbito da emancipação feminina, os dois ex-presidentes avançaram muito pouco nessa matéria, que não consta expressamente no estatuto do Partido dos

Trabalhadores. Mais: o Estatuto do Nascituro, projeto de lei sonhado pelos políticos cristãos, que garante direitos civis ao indivíduo desde a concepção e que avança em 2017 no Congresso, foi elaborado em 2007 pelo deputado federal Luiz Carlos Bassuma, quando ainda era filiado ao PT.

Mesmo assim, padres famosos da RCC usaram a homilia das missas pela TV Canção Nova para condenar a alegada intenção petista de disseminar ideias abortistas. Pe. Léo (*in memoriam*), mineiro fundador da Comunidade Bethânia de Guarapuava e um dos maiores pregadores carismáticos do Brasil, disse numa telepregação:

O Congresso Nacional, a convite de Sua Excelência, o Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, o Congresso está estudando a possibilidade de fazer aborto de graça nos hospitais públicos. Como nós queremos ver Jesus, se nós estamos matando, transformando mães em assassinas? Meu Deus do céu! Eu não sei em quem você votou pra presidente da República. O que interessa é em quem você vai votar agora. Se Jesus não ocupar o centro da sua vida, não se diga católico. Olhe bem o que eu vou afirmar agora em cadeia nacional de televisão: porque se for para ser católico como se diz “católico” o senhor Presidente da República, é melhor ir viver nos quintos dos Infernos! (TVIPB, 2010).

Na mesma linha, também na TV Canção Nova, outro telepadre carismático – o baiano José Augusto Moreira – no segundo turno das eleições de 2010, voltou-se intransigentemente contra o PT, dessa vez, mirando a candidata Dilma Rousseff, imputando-lhe, além da defesa do aborto, o objetivo de restringir a liberdade de imprensa e de credo:

Os rumos da Nação Brasileira está prestes a mudar, e ela poderá mudar para pior, se nesse segundo turno – e eu vou falar com clareza – se o PT ganhar. [...] eu não posso me calar diante de um partido que está apoiando o aborto e a Igreja não aprova. Eu não posso apoiar. Não votei e não votarei, porque eu sou a favor da vida. [...] o PT tá querendo aprovar leis aonde os sacerdotes não podem se pronunciar, não pode falar, aonde os meios de comunicação religiosos só vão ter uma hora de programação. E as pessoas não estão nem aí pra isso. Eu nunca vou celebrar casamento de homossexual. Nunca! (@PARADEFESADAIGREJA, 2010).

Essas e outras afirmações, carregadas de certa inocência de quem crê que comunista come criancinha, colaboram para que o movimento carismático brasileiro atualmente, a começar por suas lideranças, aparte-se das legendas de esquerda como o diabo foge da cruz. Tal demonização das forças políticas progressistas aparece como o primeiro dos quatro “P” que o eleitor carismático deve considerar antes do voto: o **P**artido: “Examinar qual a ideologia do partido ao qual o candidato é filiado. Verifique quais são os posicionamentos do partido nas

questões relativas à vida, à família e demais aspectos da DSI (Doutrina Social da Igreja)” (RCC/BRASIL, 2016, p. 2). Os outros três “P” referem-se ao passado, ao presente e ao projeto, nessa ordem.

A intransigência do pentecostalismo católico brasileiro em relação aos partidos de matiz de esquerda permite inferir seu reflexo, inclusive, até mesmo nos tons da atual logomarca da RCC: o vermelho, cor litúrgica da solenidade de Pentecostes, não aparece na identidade visual do movimento no Brasil, diversamente do que acontece em outros países (Imagem 1). No logotipo brasileiro, a língua de fogo é verde-amarela. Não parece mera coincidência!

**Imagem 1** – Comparação entre logomarcas da RCC



Fonte: Sites oficiais da RCC<sup>15</sup>.

Ainda, entretanto, que este seja um pensamento quase uniforme no ideário carismático contemporâneo, alguns de seus membros já foram eleitos pelo PT: o mineiro Odair José da Cunha, com três mandatos federais consecutivos entre 2003 e 2015, sempre “dedicado aos valores religiosos da Igreja Católica” e às “comunidades de oração, fundamentais para a formação de seus valores pela solidariedade e pela redução das desigualdades sociais” (CUNHA, 2012); e Durval Orlato, eleito vereador de Jundiaí nas eleições de 1996 e reeleito outras duas vezes, tendo assumido uma cadeira na Câmara Federal na legislatura 2003/2007, sempre pelo PT, partido que deixou em 2015 (RCC/BRASIL, 2005b).

<sup>15</sup> Os logotipos estão disponíveis em páginas oficiais da RCC dos Estados Unidos, do México, da Argentina, da França e da Itália, respectivamente disponíveis em: Disponível em: <<http://www.nsc-chariscenter.org>>; <<https://twitter.com/renovacioncces>>; <<http://eventosrcc.com.ar>>; <<http://snrcc-cameroun.org/index.php/en>>; <<http://www.rns-italia.it>>. Acesso em: 09 jan. 2019.

Há também o famoso caso do católico Edinho Silva, atual prefeito de Araraquara – SP, ex-ministro das Comunicações do Governo Dilma (2015-2016), ex-deputado estadual (2011-2015), ex-prefeito (2001-2008) e ex-vereador (1993-2000) por Araraquara – SP. Antigo militante da Pastoral da Juventude<sup>16</sup>, o petista tem uma proximidade tal com a Renovação Carismática que, em 2011, foi convidado por Pe. Jonas Abib para apresentar o “Justiça e Paz”<sup>17</sup>, um programa semanal sobre a Doutrina Social da Igreja, pela TV Canção Nova. O programa estreou em 3 de novembro de 2011, mas não completou um mês no ar<sup>18</sup>. É que a reação dos carismáticos contra a presença do PT na grade da emissora foi tão forte nas redes sociais, com tuitos que replicavam a *hashtag* #CançãoNovaSemPT, que Eto, diretor da TV, retirou do ar não apenas o programa de Edinho, mas também o de outros políticos: “Papo Aberto” de Gabriel Chalita (PMDB/SP), “Lição de Vida” de Paulo Barbosa (PSDB/SP), “Mais Brasil” de Eros Biondini (PTB/MG), “Porta a Porta” de Myriam Rios (PDT/RJ) e o “Histórias de Solidariedade” da primeira-dama paulista Lu Alckmin. No entanto, esses últimos não foram alvos da desconfiança do rebanho carismático, como Edinho, atacado com ferocidade em panfletos apócrifos distribuídos em São Paulo e em charges (Imagem 2) difundidas em blogs e no Facebook.

**Imagem 2** – Charges satirizando a estreia de Edinho Silva em TV carismática



Fonte: Blog Sentir com a Igreja<sup>19</sup>.

<sup>16</sup> Embora não adote um discurso religioso, Edinho Silva, sempre que possível, evoca nas redes sociais seu vínculo com a Igreja por meio da Pastoral da Juventude (@EDINHOSILVAARARAQUARA, 2016).

<sup>17</sup> Segundo o site oficial da TV Canção Nova (disponível em: <<https://noticias.cancaonova.com/brasil/tv-cancao-nova-estreia-novos-programas-em-outubro>>. Acesso em: 09 jan. 2019), a criação do programa atendia ao objetivo de oferecer aos telespectadores uma grade mais cristã e formativa, capaz “de formar homens novos para um mundo novo”.

<sup>18</sup> A edição de 21 de novembro de 2011 do jornal Folha de S.Paulo (disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/10206-despejados-da-tela.shtml>>. Acesso em: 09 jan. 2019) repercutiu o cancelamento, a que chamou de “despejo da tela”.

<sup>19</sup> Blog católico ultraconservador disponível em: <[sentircomaignreja.blogspot.com.br](http://sentircomaignreja.blogspot.com.br)>. Acesso em: 09 jan. 2019.

Essa negação aos partidos de esquerda vem, progressivamente, moldando a relação do movimento carismático com a política partidária e sistematizando o posicionamento de suas lideranças especialmente no período eleitoral.

O cenário delineado até aqui explica a proficuidade que se verifica no Ministério Fé e Política, de modo particular, em alguns estados do país, como no Paraná que, por sua vez, assume algumas particularidades.

Como podemos perceber, há uma crescente indução por parte da Renovação Carismática Católica para seus católicos ingressem com coragem nas disputas eleitorais, visando a garantir cargos especialmente nas casas legislativas brasileiras, onde possam defender os valores morais e religiosos cultivados pela Igreja. A conversão, entretanto, desse tradicional encorajamento em estratégia oficial e participação efetiva do movimento eclesial em todas as etapas da campanha de suas lideranças, a exemplo do que ocorre no Paraná desde 2010, elucida de maneira ilustrativa o escancarado desejo que a Igreja Romana mantém de reinstalar-se no centro da sociedade secularizada, especialmente no Brasil, “reserva estratégica do cristianismo” (RIVERA, 2015, p. 133; OLIVEIRA, 2017).

Talvez por isso, à diferença de uma outrora recente, haja senão apoios oblíquos de bispos ao Ministério Fé e Política da RCC, como no caso paranaense, um ao menos “silêncio obsequioso” por parte da hierarquia católica nacional em face de iniciativas tão patentes de (ab)uso das estruturas canônicas para finalidades eleitoreiras que, ao mesmo tempo que beatifica a política, seculariza a religião, alterando a essência de ambas, como já ocorre há mais tempo em ambiente evangélico.

## CAPÍTULO 2

### ELEIÇÕES 2014: CANDIDATURAS E ARTICULAÇÕES DO MINISTÉRIO FÉ E POLÍTICA (MFP) NO PARANÁ

“Com os judeus, comportei-me como judeu, a fim de ganhar os judeus; com os que estão sujeitos à Lei, comportei-me como se estivesse sujeito à Lei – embora eu não esteja sujeito à Lei –, a fim de ganhar aqueles que estão sujeitos à Lei. Com aqueles que vivem sem a Lei, comportei-me como se vivesse sem a Lei – embora eu não viva sem a lei de Deus, pois estou sob a lei de Cristo –, para ganhar aqueles que vivem sem a Lei.” (2Cor 9,20-22).

A vívida idiosincrasia política da Renovação Carismática Católica do Brasil, materializada pelo Ministério Fé e Política, não apenas abençoou a condução de suas ovelhas ao sedutor e perigoso aprisco das urnas, como prefigurou o capítulo anterior, mas também trouxe para bem perto do sacrário, no aconchego pio das paróquias, o universo conturbado das eleições. É que esse desejo do movimento carismático de fazer-se político entre os políticos para conquistá-los confirma sua elasticidade – já testada no campo religioso, quando concilia doutrinas milenares estáticas e silentes a práticas espirituais dinâmicas e barulhentas –, que pode ser constatada também pela sua capacidade de, concomitantemente, renovar e preservar a fé católica, harmonizando-a a contextos outros, como o do poder público.

Pelo movimento carismático, a Igreja Católica, portanto, ganha uma maleabilidade incomum e se capacita para disputar um lugar ao sol numa sociedade cada vez mais secularizada e religiosamente desinstitucionalizada (HERVIEU-LÉGER, 2008). Essa abertura católica à modernidade dos santinhos pode ser discernida com mais nitidez nas eleições proporcionais de 2014 no Estado do Paraná, quando a Renovação Carismática Católica assumiu sem nenhum acanhamento sua vocação eleitoral.

Assim, o fito desse capítulo volta-se para descrever e analisar, a partir da empiria cotejada para essa investigação, as articulações da RCC, no âmbito do MFP, na construção de candidaturas oficiais e de estratégias eleitorais para alçá-las na conjuntura política paranaense de 2014.

Antes, porém, convém compreender tal conjuntura para então traçar o perfil próprio que a Renovação Carismática Católica desenhou para seu MFP estadual, em vista das eleições de 2014, para, em seguida, perquirirmos os desdobramentos de sua atuação institucional nas eleições proporcionais daquele ano à Câmara dos Deputados Federais e à Assembleia

Legislativa do Paraná (ALEP). Por isso, à partida, é necessário contextualizar o cenáculo onde o Espírito Santo vem soprando sua novíssima língua de fogo: o Paraná.

O território onde se encontra o atual Estado do Paraná tem sido morada, desde o período pré-cabralino, de inúmeros povos indígenas geograficamente distribuídos ao longo dos ramais do antiquíssimo Caminho de Peabiru, cuja rota principal ligava o litoral brasileiro ao Chaco paraguaio, perpassando a famosa *Villa Rica del Spíritu Santo*, ainda quando as terras paranaenses pertenciam ao Império Espanhol, sob o nome de *Provincia de la Guayrá*, onde era forte a atuação da Companhia de Jesus (AGUILAR, 2002). A região permaneceu como *tenencia de gobierno* entre 1575 a 1639, sendo anexada ao Brasil, durante o ataque dos bandeirantes, como parte da província de São Paulo, ainda que uma porção do atual território paranaense tenha sido elevado, em 1660, à categoria de Capitania de Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá. A emancipação política do Paraná se dá em 29 de agosto de 1853, como uma punição do Império do Brasil à participação política dos paulistas nas revoltas liberais de 1842, e como um prêmio aos paranaenses pela fidelidade ao governo imperial do Brasil contra a sedição da província de São Pedro do Rio Grande do Sul, na que ficou conhecida como Revolução Farroupilha; o motivo oficial, no entanto, remetia à alegada preocupação de Dom Pedro II com o desenvolvimento econômico da região pela próspera produção de erva-mate (WACHOWICZ, 2010).

Como se vê, desde as origens, é forte na terra dos pinheirais, além da presença católica desbravada pelos jesuítas, o fator político como uma corpulenta característica do Estado que, atualmente, segundo dados estatísticos oficiais (IBGE, 2010), conta com uma população de 11.242.720 habitantes, distribuídos em 398 municípios, além da capital Curitiba: epicentro do poder político do Paraná, onde a Renovação Carismática Católica quer estar presente por meio de suas lideranças.

A procissão rumo às urnas que a RCC conduziu no Paraná em 2014 configura uma das estratégias que, na nossa ótica, a Igreja Católica, por meio de seus leigos, precisa adotar – e o fez com relativa maturidade naquele pleito – para sobreviver num contexto plural de forte concorrência com outras marchas e marcas, geralmente, evangélicas (ORO; MARIANO, 2010), que também tentam, a seu modo e há mais tempo, atrair prosélitos e simpatizantes e reger a sociedade conforme seus valores próprios, a partir da construção e defesa de candidaturas oficiais.

Além disso, ao que parece, a disposição enérgica que os carismáticos paranaenses demonstraram naquele pleito para difundir o nome e o número de seus candidatos, como veremos mais tarde, parece ter sido motivada, na realidade, pelo calor: é que a alta

temperatura das eleições – acirradas, sob muitos aspectos – e o “fogo abrasador”<sup>20</sup> de Pentecostes intimidaram o frio típico do estado, esquentando o clima das candidaturas.

## 2.1 O cenário eleitoral do Paraná em 2014

É apropriado, para melhor compreender o contexto político que testemunhou o nascimento efetivo da Renovação Carismática Católica paranaense para as urnas, esboçar a configuração do pleito estadual de 5 de outubro de 2014, quando foram eleitos: o governador do Estado e um senador da República, além de 30 deputados federais e 54 estaduais, bem como, no segundo turno, realizado em 26 de outubro, a presidenta da República.

De acordo com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE, 2014), o número de eleitores aptos a votar em 2014 correspondia a 7.865.950: o que inseria as eleições paranaenses na sexta colocação no ranking das maiores do Brasil naquele ano.

Ao governo do Estado, concorriam oito candidatos, dos quais, os com maior chance de serem eleitos eram: o candidato a reeleição, Beto Richa (PSDB); Roberto Requião (PMDB); e Gleisi Hoffmann (PT). Os demais, semidesconhecidos, representavam legendas partidárias sem relevância política no Paraná, como PSOL, PRP, PTC, PRTB e PSTU, e que não integravam nenhuma coligação.

As coligações, a propósito, eram estas: “Todos pelo Paraná”, composta por 17 partidos (PSDB, PROS, PSD, PSB, DEM, PPS, PSC, PR, SD, PSL, PSDC, PMN, PHS, PEN, PP, PTdoB e PTB) que apoiavam à recondução ao governo estadual do londrinense católico Carlos Alberto Richa, filho do ex-governador José Richa; “Paraná com Governo”, composta oficialmente por três partidos (PMDB, PV, PPL), com o apoio informal do Polo Comunista Luiz Carlos Prestes (PCLCP), defendendo o retorno à principal cadeira do Palácio Iguazu do ex-governador, por três mandatos, e então senador da República, Roberto Requião de Mello e Silva; e “Paraná Olhando pra Frente”, com cinco partidos (PT, PDT, PCdoB, PTN e PRB), que defendia a cabeça de chapa Gleisi Helena Hoffmann, também senadora.

Todas as pesquisas de intenção de voto, a partir do início oficial da campanha, indicavam o tucano Beto Richa como favorito, o qual pautou a própria jornada pela reeleição, respondendo a críticas dos adversários, em especial do peemedebista Requião e da petista Gleisi Hoffmann que, por sua vez, escolhiam como alvo a situação financeira do Estado, o valor do pedágio e o sistema prisional do Paraná.

---

<sup>20</sup> Título de um hino eucarístico carismático, de autoria desconhecida.

Quando atacava, Beto Richa mirava preferencialmente a oponente petista, acusando-a de prejudicar o Paraná, como ministra-chefe da Casa Civil, sugerindo que ela teria impedido a liberação de empréstimos do Governo Dilma ao Estado. Hoffmann, contudo, rebatia, afirmando que era dever do governador e não da ministra apresentar os requisitos exigidos pela Lei de Responsabilidade Fiscal para a realização de empréstimos federais. Os embates mais quentes aconteceram nos debates televisionados, que foram três: na Band em 28/08/2014, com a presença de todos os candidatos; na TV Sudoeste (afiliada da RedeTV! em Pato Branco) em 19/09/2014, sem a presença de Richa; e na RCP (afiliada da Rede Globo) em 30/09/2014, ao qual não foi convidado o candidato do PSTU, Rodrigo Tomazini.

Richa foi reeleito no primeiro turno, com 55,67% dos votos, o que corresponde à vontade de 3.301.322 eleitores, tendo como vice a deputada federal licenciada Cida Borghetti. Requião ficou em segundo, com 1.634.316 votos, representando 27,56% dos votantes. Já Gleisi Hoffman obteve 881.857 votos, 14,87% dos válidos, figurando na terceira colocação.

Em que pese o êxito de Richa, o grande fenômeno das eleições de 2014, na verdade, coube ao ex-governador Álvaro Dias, à época, também no PSDB. Como candidato ao Senado – que aparecia no horário eleitoral segurando meigamente seu *poodle* Hugo Henrique, defendendo o fim do uso de animais em pesquisas da indústria cosmética –, recebeu o maior número de votos no Estado naquelas eleições: 4.101.848, o que correspondeu a 77% dos votos ao cargo, igualmente disputado pelo comunista Ricardo Gomyde, que obteve 666.438 votos, e pelo peemedebista Marcelo Almeida, com 465.263 votos, ambos com pautas sociais. Outros cinco candidatos também concorreram ao cargo.

Para o legislativo federal concorriam 295 candidatos distribuídos em quatro coligações proporcionais: “União Pelo Paraná”, que elegeu 15 deputados (num total de 2.601.709 votos, 45,92% dos válidos); “Paraná Sempre em Frente”, que viu seis de seus candidatos vitoriosos (num total de 1.109.905 votos, correspondente a 19,59% dos válidos); “Educação e Trabalho com Sustentabilidade”, a coligação do candidato carismático Diego Garcia (num total de 501.148 votos, referentes a 8,85% dos válidos); e “Paraná por Você”, com um eleito (280.767 votos, 4,96%); e dois partidos “chapa pura”: o PMDB, que deu vitória a quatro candidatos (num total de 747.306 votos, portanto, 13,19% dos válidos); e o PSB, que elegeu dois deputados (747.306 de votos conjuntos, 13,19% dos válidos).

Além do miúdo financiamento da campanha de Diego Garcia, “a mais barata do Estado” entre as vitoriosas de 2014 – prodígio esporadicamente lembrado pelo, agora, deputado em seus pronunciamentos oficiais –, outras provações compunham a conjuntura pela conquista de uma das 30 cadeiras a que o Paraná tem direito em Brasília: entre os desafios,

salientamos a disputa de um debutante político pelo voto dos 7.865.9502 eleitores paranaenses com outros agentes religiosos de diferentes segmentos cristãos, já experientes nas urnas, os quais também evocaram para si, em algum momento no tempo da política, a unção divina: Hidekazu Takayama (PSC), célebre ministro da Assembleia de Deus e experto em eleições (atualmente com dois mandatos estaduais e quatro federais, todos consecutivos); Edmar Arruda (PSD), eleito deputado federal pela primeira vez em 2010 pelo PSC com o apoio da Igreja Presbiteriana Independente (e reeleito na ocasião); e o delegado Fernando Francischini (SD), assembleiano, igualmente reconduzido ao cargo na disputa daquele ano. É verdade que outros cristãos disputaram com sucesso as eleições, sem que, todavia, tivessem transformado a própria fé num estandarte eleitoral. É o caso da federal mais votada em 2014, Christiane Yared (PR), pastora da ignota Igreja do Evangelho Eterno, eleita sob a pauta da paz do trânsito. Além dela, outros pastores e agentes religiosos oraram pelo dom do voto, como demonstra o Quadro 1.

**Quadro 1** – Candidatos religiosos paranaenses a deputado federal

Nome na urna	Partido	Igreja	Votos	Resultado
Diego Garcia	PHS	Igreja Católica / RCC	61.063	Eleito
Christiane Yared	PTN	Igreja do Evangelho Eterno	200.144	Eleita
Delegado Francischini	SD	Igreja Assembleia de Deus	159.569	Reeleito
Edmar Arruda	PSC	Igreja Presbiteriana Independente	85.155	Reeleito
Pastor Divino Cruz	PRTB	Não declarada	1.156	Não eleito
Pastor Luiz Paiola	PTB	Experiência com o Criador	15.824	Não eleito
Pastora Zelia	PEN	Unção do Poder de Deus	320	Não eleita
Takayama	PSC	Assembleia de Deus	162.952	Reeleito

Fonte: Justiça Eleitoral (TRE, 2014) e página dos candidatos no Facebook.

Já à ALEP, 736 candidatos disputavam as 54 cadeiras estaduais, organizados em cinco coligações proporcionais e seis partidos sem coligação. Os candidatos oficiais da Renovação Carismática Católica, a saber, Evandro Araújo (PSC), Jura (PSD) e Gessani (PP) estavam em chapas diferentes que apoiavam Beto Richa ao governo do Estado.

Nesse amplo presépio eleitoral, em que efetivamente nasce e vinga o Ministério Fé e Política paranaense na configuração audaz de hoje, também havia outras personagens cristãs, majoritariamente evangélicas. Pastores, missionários, cantoras *gospel*, evangelistas e até um padre queriam fazer brilhar a própria estrela em Curitiba, empregando discurso religioso.

Dessa forma, os postulantes carismáticos à função parlamentar tiveram de disputar a confiança e o voto dos cristãos com outros ungidos. No entanto, como demonstra o Quadro 2, o *Adeste Fideles*<sup>21</sup> para as urnas não foi respondido pelos fiéis com a mesma generosidade em todas as lapas.

**Quadro 2** – Candidatos religiosos paranaenses a deputado estadual

Nome na urna	Partido	Igreja	Votos	Resultado
Evandro Araújo	PSC	Igreja Católica / RCC	23.233	Não eleito*
Gessani	PP	Igreja Católica / RCC	16.938	Não eleito
Jura	PSD	Igreja Católica / RCC	33.892	Não eleito
Cantora Mara Lima	PSDB	Igreja Assembleia de Deus	43.549	Reeleita
Cantora Mirian	PSDB	Igreja Assembleia de Deus	549	Não eleita
Evangelista Balbino	PRP	Igreja O Brasil para Cristo	389	Não eleito
Gilson de Souza	PSC	Igreja do Evangelho Quadrangular	34.470	Reeleito
Missionária Janine	PMN	Igreja Assembleia de Deus	425	Não eleita
Missionário Ricardo Arruda	PSC	Igreja Mundial do Poder de Deus	23.592	Eleito
Oscar da ONG Anjos	PTN	Igreja Assembleia de Deus	Inapto	Não eleito
Padre Roque	PR	Igreja Católica	6.660	Não eleito
Pastor Claudionor Rodrigues	SD	Igreja Metodista	264	Não eleito
Pastor Dã Cortez	PSD	Igreja Batista Betel	8.581	Não eleito
Pastor Edson Praczyk	PRB	Igreja Universal do Reino de Deus	47.797	Reeleito
Pastor Emanuel	PP	Igreja Templo das Águias	392	Não eleito
Pastor João dos Anjos	PTN	Igreja Seara de Jesus Cristo	1.787	Não eleito
Pastora Rose	PSL	Igreja de Cristo Restaurador	156	Não eleita
Wilson Quinteiro	PSB	Igreja Assembleia de Deus	41.195	Não eleito

\*Primeiro suplente, assumiu interinamente em fevereiro 2015 e efetivamente em dezembro do mesmo ano, após renúncia do deputado Paranhos.

Fonte: Justiça Eleitoral (TRE, 2014) e página dos candidatos no Facebook.

Como se vê, a Renovação Carismática Católica, em 2014, só ficou atrás da Assembleia de Deus – madura no dom das urnas – em número de candidatos. Juntos, essas duas labaredas de Pentecostes têm esquentado as campanhas eleitorais, impregnando proselitismo na política, antes, durante e depois do escrutínio, como sustenta Machado (2016). O resultado das urnas revelou que a Evandro Araújo, que assumiu o mandato como primeiro suplente, o Espírito Santo – ou, pelo menos, seu movimento católico – parece ter dado uma

<sup>21</sup> “Vinde, fiéis”: livre tradução do título do famoso “Hino Português”, uma composição natalina em latim tradicionalmente atribuída ao rei Dom João IV (1604-1654).

ajudinha, como veremos adiante. É que, assim como Diego Garcia, Araújo – que é considerado o deputado estadual mais econômico do Paraná<sup>22</sup> – também teve um financiamento de campanha pequeno: R\$ 49.784,00, segundo valores declarados à Justiça Eleitoral. Comparativamente, Ratinho Jr, o deputado estadual mais votado de 2014, alcançou R\$ 3.090.029,45 de doações eleitorais.

Quanto à corrida presidencial no primeiro turno, as atenções foram divididas entre o senador tucano Aécio Neves, a candidata petista à reeleição, Dilma Rousseff, e a candidata do PSB, Marina Silva, que assumira a candidatura no lugar do governador de Pernambuco Eduardo Campos (PSB), de quem era vice, morto num acidente aéreo em 13 de agosto de 2014 no litoral paulista. Além deles, também disputavam a faixa presidencial os candidatos nanicos: Luciana Genro (PSOL), Pastor Everaldo (PSC), Eduardo Jorge (PV), Levy Fidélis (PRTB), José Maria de Almeida (PSTU), José Maria Eymael (PSDC), Mauro Iasi (PCB) e Rui Costa Pimenta (PCO), os quais não alcançaram a confiança dos eleitores, repetindo no Paraná, *grosso modo*, o resultado nacional, que variando, nessa ordem, de 1,3% dos votos (Luciana Genro) a 0,01% (Rui Costa Pimenta).

É importante trazer para esta contextualização o prestígio que os eleitores evangélicos alcançaram nas eleições de 2014, quando pautas morais, de cunho fortemente religioso, começaram a balizar as campanhas dos três principais candidatos: fenômeno que paralela apenas com as grandes campanhas políticas americanas (RIBEIRO et al., 2014). Talvez a pertença de Marina à Assembleia de Deus – legível em seus discursos e no seu visual recatado – tenha feito com que ela liderasse as pesquisas de intenção de voto entre os evangélicos logo na largada eleitoral<sup>23</sup>, assim como entre os paranaenses no mesmo período<sup>24</sup>. Segundo dados estatísticos oficiais (IBGE, 2010), 22,2% da população paranaense se declaram evangélicos: exatamente o mesmo percentual nacional dos adeptos desse segmento cristão.

Ainda que fossem inexpressivos nas pesquisas de opinião de voto, os nanicos ajudaram os dois principais rivais de Dilma a criticá-la, já que os protestos de 2013 fizeram

---

<sup>22</sup> De acordo com monitoramento realizado pela Gazeta do Povo dos gastos dos deputados estaduais, Evandro Araújo é o parlamentar mais poupador do Paraná. Entre fevereiro de 2015, quando assumiu o mandato, e maio de 2017, Evandro foi o deputado estadual que menos utilizou verbas indenizatórias, seguido do deputado Rasca Rodrigues. Disponível em: <<http://maringamanchete.com.br/deputado-estadual-mais-economico-do-parana-e-da-regiao-de-maringa>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

<sup>23</sup> Uma pesquisa IBOPE divulgada em 03/09/2014 (RIBEIRO et al., 2014) revelou que, num prazo de 15 dias, Marina foi quem mais cresceu entre os evangélicos: de 37% para 43%. Dilma foi de 27% para 32% e Aécio caiu de 17% para 10%.

<sup>24</sup> A pesquisa IBOPE divulgada em 25/08/2014, apontava que Marina Silva (PSB) tinha 29% das intenções de voto, Dilma Rousseff (PT), 28%, e Aécio Neves (PSDB), 24%, entre os eleitores do Paraná na corrida para a Presidência da República. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/parana/eleicoes/2014/noticia/2014/08/no-parana-ibope-aponta-marina-silva-29-dilma-28-e-aecio-24.html>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

com que a popularidade da sucessora de Lula caísse vertiginosamente (LEITE, 2013). Marina e Aécio exploravam, entre outras críticas a Dilma, as denúncias de corrupção que envolviam o Partido dos Trabalhadores, principalmente em esquemas de desvio de dinheiro na Petrobrás. Ainda que a petista tenha contra-atacado Aécio algumas vezes por denúncias similares que o ligavam, sobretudo, à construção de um aeroporto público em terreno da família, o fato é que as acusações mais graves contra o tucano só apareceram mesmo após a efetivação do golpe de Estado de 2016 (BASTOS, 2017; BRAZ, 20017; SOUZA, 2016), de modo que, no Paraná, Aécio levou a melhor, como demonstra o Quadro 3.

**Quadro 3** – Resultado do 1º turno da eleição presidencial de 2014

Nome na urna	Partido	Votos gerais	Votos no Paraná
Dilma Rousseff	PT	43.267.668*	1.972.761
Aécio Neves	PSDB	34.897.211	3.018.548**
Marina Silva	PSB	22.176.619	860.685
Luciana Genro	PSOL	1.612.186	79.080
Pastor Everaldo	PSC	780.513	40.638
Eduardo Jorge	PV	630.099	44.663
Levy Fidélis	PRTB	446.878	33.593
José Maria de Almeida	PSTU	91.209	4.549
José Maria Eymael	PSDC	61.250	4.827
Mauro Iasi	PCB	47.845	2.408
Rui Costa Pimenta	PCO	12.324	560
Branco/Nulos		11.099.068	779.654
<b>TOTAL</b>		<b>115.122.611</b>	<b>6.536.251</b>
Abstenções		27.699.435	1.324.920
Total de inscritos		142.822.046 (100%)	7.861.171

\* Primeiro lugar nacional;

\*\* Primeiro lugar no Estado.

Fonte: Justiça Eleitoral (TRE, 2014).

Já que nenhum dos candidatos alcançou mais de 50% dos votos válidos, a eleição presidencial de 2014 estendeu-se para um segundo turno, realizado em 26 de outubro. Como era de se esperar, o governador reeleito e o senador Álvaro Dias apoiaram o candidato tucano Aécio Neves que, apesar de alcançar a maioria dos votos dos paranaenses (49,79%, ou seja, 3.018.548 votos), foi derrotado nacionalmente pela candidata à reeleição, Dilma Rousseff, do PT. Esta, por sua vez, recebeu o apoio dos candidatos vencidos na corrida pelo governo estadual, os senadores Gleisi Hoffmann e Roberto Requião. No Paraná, Dilma contou com a preferência de 1.972.761 eleitores, o que corresponde a 32,54% dos votos, ficando em segundo lugar. Marina Silva (PSB) ficou em terceiro no Estado, abocanhando os votos de 14,2% dos eleitores, o que, em números absolutos, representa 860.685 votos.

Em linhas gerais, eram essas as ondas políticas de 2014 que agitavam o rio “semelhante ao mar” – livre tradução do adjetivo tupi “Paraná” – sobre o qual navegaria a canoa eleitoral da RCC.

## 2.2 O MFP no Paraná e as eleições proporcionais de 2014

A história do Ministério Fé e Política no Paraná, território que corresponde à Regional Sul 2 da CNBB, repete o que se deu em nível nacional quanto ao rebaixamento da Secretaria Matias à condição de dependente da Secretaria Marta, como consequência das discussões da Campanha da Fraternidade de 1996, bem como à posterior elevação à dignidade de ministério laico autônomo em 2005. O MFP paranaense desenvolveu, todavia, um rosto próprio em relação ao nacional, dando-lhe uma fisionomia bem mais nítida e próxima das urnas que em outros estados e, por isso mesmo, mais audaciosa.

Convém contextualizar, por princípio, o Estado do Paraná quanto à organização eclesial católica para perceber, com mais clareza, a presença da Renovação Carismática e a atuação de seu braço político. As circunscrições eclesiais do Paraná estão assim divididas: a Igreja Católica de Rito Latino conta com quatro províncias eclesiais: Curitiba (que abarca a Arquidiocese de Curitiba e as dioceses de Ponta Grossa, Paranaguá, São José dos Pinhais, União da Vitória e Guarapuava), Londrina (Arquidiocese de Londrina e as dioceses de Jacarezinho, Cornélio Procópio e Apucarana) Maringá (Arquidiocese de Maringá e as dioceses de Campo Mourão, Umuarama e Paranavaí) e Cascavel (Arquidiocese de Cascavel e as dioceses de Foz do Iguaçu, Toledo e Palmas/Francisco Beltrão). Já a Igreja Católica de Rito Bizantino (Igreja Greco-Católica Ucraniana), em plena comunhão com Roma, conta com uma Arquieparquia: a de São João Batista em Curitiba dos Ucranianos, à qual se submete a Eparquia Imaculada Conceição em Prudentópolis dos Ucranianos.

De acordo com o site oficial da RCC Paraná<sup>25</sup>, todas as dioceses paranaenses, incluindo as ucranianas<sup>26</sup>, contam com coordenações diocesanas do movimento carismático: do que se deduz que os grupos de oração, bases do movimento, também estão presentes na maioria das paróquias paranaenses.

<sup>25</sup> As dioceses elencadas pelo site oficial da RCC/Paraná (disponível em: <<http://www.rccparana.com.br/dioceses>>. Acesso em: 20 jan. 2019) dispõe de coordenações diocesanas leigas para cada um dos ministérios, além de uma coordenação diocesana geral e de uma assessoria religiosa, geralmente ocupada por um padre.

<sup>26</sup> A Igreja Greco-Católica Ucraniana é uma Igreja particular *sui iuris* de rito Bizantino da Igreja Católica. Ainda que sua hierarquia – plenamente ligada ao papa – se distinga da latina, os grupos de oração carismáticos ucranianos se remetem à mesma coordenação estadual da RCC, conforme site oficial disponível em: <<https://metropolia.org.br/movimentos/movimento-da-renovacao-carismatica-catolica>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

O estado do Paraná foi o berço desse movimento eclesial no Brasil que parece ter reacendido no aprisco do papa as línguas que o Espírito Santo soprou em Pentecostes. Ainda que Campinas – SP tenha visto o novo Pentecostes pela primeira vez no país, com a chegada dos padres norte-americanos Eduardo Dougherty e Haroldo Joseph Rahm, foi em Telêmaco Borba<sup>27</sup> – PR, na Diocese de Ponta Grossa que, em 1970, o movimento encontrou uma paróquia – a de Nossa Senhora de Fátima – onde convalidar sua espiritualidade e criar raízes. De fato, a “Estrela rútila da Pátria” tem sido um terreno fértil para a Renovação Carismática: grandes lideranças nacionais do movimento ou são paranaenses, como comunicador Pe. Reginaldo Manzotti; Irmã Inez, “a Freira do Rap”; o pregador Ironi Spundaro; ou tem vínculos com o Estado: Pe. Fábio de Melo foi seminarista em Terra Boa; e Pe. Léo fundou a Comunidade Terapêutica Bethânia em Guarapuava, Cianorte e Curitiba. Em 2012, Foz do Iguaçu recebeu um dos maiores eventos da história do Movimento Carismático: a Jornada Mundial da Juventude da Renovação Carismática Católica, com delegações de mais de 100 países.

A característica vanguardista da RCC paranaense também se nota na sua interface com a política: é do Paraná o primeiro deputado federal eleito pelo Ministério Fé e Política e acompanhado por seus conselhos: Diego Garcia, do Partido Humanista da Solidariedade, vitorioso nas eleições proporcionais de 2014 com apoio oficial da RCC.

Isso, talvez, só foi possível porque o Ministério Fé e Política, na terra consagrada à Nossa Senhora do Rocio, atua quase como uma organização *sui iuris*, isto é, ainda que esteja “em paz” com a coordenação nacional, apresenta características próprias de organização e atuação. Tanto é que, no estado, o MFP é chamado de Ministério *de* Fé e Política. As particularidades regionais, decerto, não se limitam ao acréscimo de preposição na nomenclatura: estendem-se à estrutura interna do ministério que assume uma organização distinta do que se prevê nas diretrizes nacionais.

Essa diferença também pode ser percebida desde seus objetivos expressos em documentos. Enquanto o MFP nacional da RCC visa, ao menos oficialmente, como vimos, a promover formação política em senso amplo, sem o escopo de “formar partidos políticos ou realizar campanhas eleitorais” (RCC/BRASIL, 2016, p. 9), no Paraná, o ministério assume uma postura nada tibia, desde a apresentação de seus objetivos que, além de também desejar a conscientização dos “cidadãos para fazer boas escolhas na hora de votar, por meio da

---

<sup>27</sup> De acordo com o site oficial da Diocese de Ponta Grossa (Disponível em: <<http://www.diocesepontagrossa.com.br/index.php?setor=DETALHESASSOCMOV&pid=776>>. Acesso em: 20 jan. 2019), foi o neosacerdote Theodorus Köpp quem motivou e acompanhou o movimento nos seus primórdios no Paraná.

conscientização ética, política e cívica da população”, pretende, como uma das finalidades gerais, “inserir-se no processo político para a eleição de Deputado Estadual e Deputado Federal, acompanhando e ajudando no processo eleitoral, conforme as diretrizes da RCC e as legislações vigentes no ordenamento jurídico brasileiro” (RCC/PR, 2013b, p. 5). Nesse sentido, o seu plano de ação intitulado “Projeto 2014”, divulgado às lideranças diocesanas em 2013, elenca, entre os objetivos específicos, os seguintes:

- Envolver o maior número possível de pessoas no processo eleitoral, como agentes **multiplicadores de votos**; e
- Apresentar uma forma prática de envolvimento de todos os servos da RCC no projeto de acompanhamento de **pré-candidatos** ao pleito de 2014. (RCC/PR, 2013a, p. 2, grifo nosso).

É preciso considerar que essa guinada nos rumos do MFP paranaense, já atuante como organismo estadual do movimento, é deliberada pelas lideranças leigas da RCC com a bênção da Regional Sul 2 da CNBB, dois anos após a emancipação da Secretaria Matias à condição de ministério autônomo, tendo em vista

que é também missão do cristão leigo estar inserido na vida política para promover o bem comum, o que é um grande desafio, o Conselho Estadual da Renovação Carismática Católica do Estado do Paraná decidiu acompanhar cristãos leigos, participantes do movimento, nos pleitos eleitorais. Essa decisão foi tomada após a realização do Fórum Estadual de Fé e Política, no ano de 2007, na cidade de Foz do Iguaçu e diante do pedido de Dom Moacir, Arcebispo de Curitiba e Presidente do Regional Sul da CNBB, naquele ano, para que a RCC avançasse em águas mais profundas. (RCC/PR, 2013b, p. 4).

A bênção ao êxodo do MFP/PR rumo às urnas não poderia, de fato, ter sido dada por outro bispo senão Dom Moacir José Vitti, simpatizante dos movimentos eclesiais e grande incentivador de iniciativas de evangelização dos carismáticos no Paraná (como o Projeto “Jesus no Litoral”, que interpela banhistas das praias paranaenses para anunciar o querigma). Ao parabenizar a RCC “pelos relevantes serviços missionários prestados à Igreja Católica no Brasil e no Estado do Paraná”, o arcebispo enfatizou que:

a RCC/PR precisava avançar para águas mais profundas, e que diante das adversidades que tem ocorrido na Política, os leigos não podem ficar omissos, mas deve assumir com responsabilidade e fidelidade o compromisso batismal, o múnus profético, real e sacerdotal. Os fiéis leigos precisam com urgência ter uma participação mais efetiva na Política. (VITTI apud RCC/PR, 2013b, p. 13).

A eleitoralização do MFP em 2007, a seu pedido, foi uma de suas primeiras ações à frente da CNBB Sul 2, cuja presidência assumira ainda naquele ano. Seu desejo, entretanto, de conduzir os maioraís do “Povo de Deus” aos mais sublimes cargos do Brasil – para tentar fazer reemanar leite e mel do Estado para a Igreja – só teve sucesso mesmo em outubro de 2014: quatro meses após sua morte. Como Moisés, apenas vislumbrou a Terra Prometida desbravada pelos pregadores Diego Garcia e Evandro Araújo, cuja trajetória eleitoral será discutida oportunamente.

Seja como for, a bilocação no palanque e no púlpito é um dom que o Espírito Santo tem conferido restritamente às lideranças carismáticas. Os militantes das pastorais sociais, por sua vez, no tempo da política no Paraná, devem optar pelo Santíssimo ou pelos santinhos: a eles é negado servir a dois senhores. A Pastoral da Criança, por exemplo, principal organismo social da Igreja na América Latina, criada por Zilda Arns no Paraná em 1983 para combater a mortalidade infantil, não é tão condescendente em relação à candidatura de suas agentes:

Quem atua na Pastoral da Criança e pretende candidatar-se a um cargo público, deve se afastar das atividades de visita, celebração da vida e reuniões da Pastoral da Criança por um período de três meses antes da votação nas eleições, segundo o regimento. Essa regra garante a liberdade de escolha e a independência para os candidatos, como também para os integrantes da Pastoral da Criança. (PASTORAL DA CRIANÇA, 2013).

Além disso, o Regimento da Pastoral da Criança não permite o uso eleitoral de suas estruturas na campanha de voluntários, nem tampouco que voltem a exercer suas funções, se eleitos:

Art. 46 – Quanto à participação na política partidária:

- I. sigam as orientações da própria diocese;
- II. quem se candidatar a cargo político eletivo não pode em sua campanha utilizar-se da Pastoral da Criança e seus recursos;
- III. a partir da homologação da candidatura, o coordenador ou líder se licenciará de sua função;
- IV. caso seja eleito, continua licenciado, podendo permanecer como membro da equipe se não houver inconveniência;
- V. não sendo eleito e não havendo inconveniência, poderá reassumir sua função. (PASTORAL DA CRIANÇA, 2015).

A mesma desincompatibilização das funções eclesiais se exige de lideranças de outras pastorais ou mesmo ministros extraordinários da Sagrada Comunhão Eucarística, com normas que variam conforme instruções da diocese a que pertencem. Além do afastamento temporário do exercício do próprio ministério, algumas dioceses também proíbem o uso de expressões

que vinculem a candidatura a funções religiosas: Fulana “da Pastoral”, “Diácono” Beltrano, Sicrano “da Vila Vicentina” etc.

Mas a condição *sui iuris* do Ministério Fé e Política permite que, no caso dos carismáticos, tudo isso seja solenemente ignorado. Tanto é assim, que os aspirantes às funções públicas avalizados pela RCC/PR, a partir das eleições de 2014, recebem o timbre de “candidatos da Renovação” em seu material de campanha e, ao contrário dos demais candidatos católicos, quanto mais próximos dos palanques, mais colados no ambão: os candidatos carismáticos oficiais são estrategicamente chamados para ministrar louvores e pregações, sobretudo nos meses que antecedem as eleições.

Ressaltamos que a presença dos candidatos-pregadores é deliberada pelo MFP/PR, o qual adota a seguinte metodologia de organização no tempo da política: “Para alcançar esse objetivo, é preciso conduzir algumas ações práticas tais como o envolvimento de todas as lideranças da RCC, para isso as lideranças foram distribuídas em três grupos: Núcleo Central, Grupo Setorial e Grupos Base” (RCC/PR, 2013, p. 2).

No Núcleo Central, estão presentes os pré-candidatos e o coordenador estadual do MFP/PR e um grupo com vários especialistas responsáveis por “planejar, organizar, executar, acompanhar, avaliar os trabalhos que objetivam a eleição dos pré-candidatos para o pleito” que serão acompanhados pela RCC (RCC/PR, 2013, p. 2). A presença de um assessor eclesialístico é permitida, mas não obrigatória.

Os Grupos Setoriais são formados pelas lideranças diocesanas e se submetem ao Núcleo Central, ajudando a disseminar as candidaturas, especialmente, nas assembleias diocesanas, eventos regionais do movimento (Pentecostes, Cenáculo com Maria, retiros de Primeira Experiência etc), e nos grupos de oração. Este setor é responsável pelo projeto na diocese, de modo que seus membros atuam como “multiplicadores por toda a diocese, visitaram outros movimentos e encaminharão os materiais aos grupos base” (RCC/PR, 2013, p. 2). Também aqui não há assessor religioso.

Os Grupos de Base referem-se à realidade paroquial, local. “Esses grupos serão formados pelos coordenadores de grupo de oração e lideranças do Grupo de Oração e da cidade. Receberão formação e o material, dos grupos centrais e Setoriais, e tornarão uma semente multiplicadora” (RCC/PR, 2013, p. 2). Integram essa instância do MFP/PR o coordenador paroquial da RCC, os servos e outras lideranças locais, aptos a disseminar os materiais de campanha no grupo de oração, na família, no trabalho e em outros movimentos e pastorais da paróquia.

De acordo com a RCC/PR (2013b, p. 14) esse modelo próprio de organização do MFP/PR, deliberado pelo Conselho Estadual da Renovação Carismática Católica do Estado do Paraná, reunido em assembleia extraordinária no dia 17 de março de 2013 na cidade de Apucarana, é um amadurecimento da experiência eleitoral iniciada em 2010, quando a RCC lançou três candidaturas: Juraci Luciano da Silva, o “Jura”, da Arquidiocese de Curitiba, candidato a deputado federal pelo Partido Humanista da Solidariedade (PHS); Evandro José Araújo, da Arquidiocese de Maringá, que disputava uma cadeira na Assembleia Legislativa do Paraná (ALEP), pelo mesmo partido; e Gessani, da Diocese de Foz do Iguaçu, pelo Partido Progressista (PP).

Quem deu o *start* à corrida eleitoral de 2010, a primeira do MFP/PR, foi o próprio Dom Moacir, reunido com o então coordenador estadual da RCC, Luiz César Martins, e outras lideranças do movimento na Mitra Arquidiocesana de Curitiba (RCC/PR, 2013b, p. 12). E, ainda que o apoio institucional às candidaturas nas eleições daquele ano tenha sido mais no campo da torcida e da oração, o resultado<sup>28</sup> surpreendeu positivamente: Jura recebeu 60.807 votos; Evandro, 34.169; e Gessani, 16.971. Exceto este, aqueles passaram perto de assumirem uma vaga nas referidas casas de lei.

O resultado das urnas daquele ano motivou o Ministério Fé e Política no Paraná a repensar sua atuação em vista das eleições proporcionais de 2014.

### **2.3 As candidaturas oficiais da RCC e as estratégias para elegê-las**

Vale destacar que essa embarcação, inaugurada nas eleições de 2010, foi turbinada em 17 de março de 2013, no município de Apucarana, durante assembleia extraordinária do Conselho Estadual da Renovação Carismática, sob a liderança da então presidente, a curitibana Vera Lúcia Silva Ximenes, e do coordenador estadual do MFP daquele ano, o jovem Reinaldo Batista, empresário do ramo de formaturas em Mamborê, com a presença de coordenadores diocesanos e outras lideranças leigas do movimento carismático no Paraná. Conforme se detalha no documento “Projeto de Acompanhamento da RCC nas eleições 2014 para deputado estadual e federal”, após um

momento de oração e escuta de Deus, [...] deu-se continuidade ao processo de discussão e discernimento a respeito do projeto de acompanhamento do Conselho Estadual às pré-candidaturas a Deputado Estadual e Deputado Federal para o Pleito de 2014. (RCC/PR, 2013b, p. 14).

---

<sup>28</sup> Disponível em: <<http://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/tre-pr-eleicoes-2010-resultados-1o-turno>>. Acesso em: 04 jan. 2019.

Na ocasião, o Conselho Estadual da RCC/PR deliberou “acompanhar três nomes como pré-candidatos a Deputado Estadual, sendo que esses nomes serão divididos por região” (RCC/PR, 2013b, p. 14), e um como pré-candidato a deputado federal.

A escolha de homens para encabeçar candidaturas oficiais católicas representa um inegável e violento escancaramento da Porta Santa do Jubileu do Ano 2000 iniciado por João Paulo II que, apesar do título de “visionário” (LUNEAU, 1999), não poderia ter cogitado uma abertura tão arreganhada.

Seja como for, os três ungidos para receber o apoio oficial da RCC estadual na disputa por uma vaga na ALEP foram:

1) Gessani da Silva (PP), nascido em 24/04/1969. À época, ainda vereador em segundo mandato pelo município de Foz do Iguaçu. Pela segunda vez, é apresentado aos eleitores carismáticos como candidato oficial da RCC a deputado estadual. Nas eleições de 2010, também pelo PP, recebeu 16.971 votos. Foi o primeiro a pleitear o apoio oficial da MFP na assembleia da RCC em Apucarana, como se verifica na Imagem 3. É membro atuante da RCC da tríplice fronteira, exercendo o ministério de pregador, de músico e de líder de grupos de jovens. Anualmente ajuda a organizar um evento festivo da RCC em Foz, chamado “Carnaval Cristão”, que atrai milhares de participantes. Em 2014, por deliberação da RCC, o MFP limitou sua campanha à Província Eclesiástica de Cascavel, que abarca quatro (arqui)dioceses: Foz do Iguaçu, Cascavel, Toledo e Palmas/Francisco Beltrão.

**Imagem 3** – Gessani colocando seu nome à disposição da RCC durante a assembleia



Fonte: RCC/PR, 2013b, p. 16.

**Imagem 4** – Jura colocando seu nome à disposição da RCC durante a assembleia



Fonte: RCC/PR, 2013b, p. 17.

2) Juraci Luciano da Silva (PSD), mais conhecido como “Jura” (Imagem 4), nascido em Siqueira Campos aos 19/07/1968. Conhecido apresentador de programas religiosos de

rádio da capital paranaense, concorreu, nas eleições de 2010, como candidato da RCC disputando uma cadeira no legislativo federal, tendo recebido 60.807 mil votos. É praticante de pesca esportiva e, desde 2005, apresenta programa Pesca & Prosa pela TV Evangelizar, emissora católica de Curitiba vinculada ao Padre Reginaldo Manzotti. Em 2014, o apoio oficial do MFP se restringia geograficamente, por deliberação do conselho estadual da RCC, à Província Eclesiástica de Curitiba, ou seja, às suas seis (arqui)dioceses, isto é, Curitiba, Guarapuava, Ponta Grossa, São José dos Pinhais, União da Vitória, e Paranaguá.

3) Evandro José da Cruz Araújo (PSC) – Imagem 5 – é professor universitário do município de Marialva, no Noroeste do Estado, onde foi vereador entre 2005 e 2008, e vice-prefeito pelo PHS entre 2009 e 2010, quando desincompatibilizou-se para concorrer a uma vaga no legislativo estadual, com o apoio – ainda tímido – do MFP. O resultado daquele pleito – que lhe rendeu expressivos 34.169 votos – fez com que não apenas tentasse uma nova candidatura ao mesmo cargo em 2014, como também trocasse o PHS pelo PSC, já que Marla Tureck e Paranhos, eleitos por este partido em 2010, haviam feito bem menos votos que ele (29.442 e 27.263, respectivamente). Talvez esse resultado positivo explique a maior generosidade do conselho estadual da RCC – o qual serviu como coordenador estadual do Ministério Jovem, do “Jesus no Litoral” e da própria Secretaria Matias – que, à diferença dos demais, ofereceu-lhe duas fervorosas Províncias Eclesiásticas onde distribuir sorrisos e santinhos em 2014: as Províncias Eclesiásticas de Maringá e Londrina, que congregam oito (arqui)dioceses: Maringá, Londrina, Jacarezinho, Cornélio Procópio, Apucarana, Paranaíba, Umuarama e Campo Mourão.

**Imagem 5** – Evandro Araújo colocando seu nome à disposição da RCC durante a assembleia



Fonte: RCC/PR, 2013b, p. 18.

**Imagem 6** – Diego Garcia colocando-se à disposição da RCC durante a assembleia



Fonte: RCC/PR, 2013b, p. 20.

O apoio oficial do movimento católico carismático também se estenderia para um candidato a deputado federal:

1) Diego Alexsander Gonçalo Paula Garcia, nascido em Bandeirantes, no Norte Pioneiro, em 10 de outubro de 1984. Filiado ao PHS desde 10/01/2011 (TSE, 2017) pelo município de Andirá, Diego é visto pela RCC como

um jovem que tem desde muito cedo o chamado à vida política, sentiu um grande apelo de Deus nas eleições de 2010 quando participou ativamente nas campanhas do Jura e do Evandro. A partir de então, seu nome ficou muito conhecido em sua diocese por defender questões políticas e de cidadania. No início de 2013, Diego foi indicado pelo conselho diocesano da RCC/Jacarezinho como pré-candidato e, assim, seu nome chegou ao conselho Estadual da RCC/PR. Na reunião de 17 de março em Apucarana, em discernimento e votação, Diego Garcia foi aprovado como pré-candidato a Deputado Federal. Ele representou o movimento da Renovação Carismática Católica na II Conferência Nacional de Políticas Públicas da Juventude em 2011, em Brasília, defendendo com toda autoridade naquela ocasião a “vida” e se posicionado contra o aborto, propostas essenciais de um Cristão Católico no mundo da política. Desse modo, Diego Garcia será acompanhado pelo Conselho Estadual da RCC/PR em todo o Paraná, como servo do movimento, pré-candidato a deputado federal para o pleito de 2014. (RCC/PR, 2013b, p. 20-21).

O perfil romantizado e angelical que as lideranças do movimento carismático desenham de seus protagonistas políticos de 2014 aos fiéis-eleitores revela que, nesse sentido, como veremos mais adiante, não sabem da missa a metade.

A Imagem 6, mais que registrar o ingresso na política de um rapaz que aspira à vida pública, aponta para a habilidade que o Ministério Fé e Política paranaense vem aprimorando desde então para modelar perfis políticos, a começar pelo próprio visual: ao candidato da Renovação não caberá mais esse estilo casual. O novato na vida pública, sob a proteção oficial do Espírito, deve acatar com literalidade a exortação paulina: “Renunciai à vida passada, despojai-vos do homem velho” (Ef 4,22).

Se as eleições de 2014 representam para ex-futebolista – mais que uma repaginada no visual – sua estreia nas urnas, para os outros três candidatos que endossam a camisa oficial da RCC tratavam-se de apenas mais uma entre várias, uma vez que já estavam acostumados à vida no além-púlpito: eles defenderam o time carismático em outros campeonatos eleitorais, além daquele de 2010, em seus respectivos municípios. Ainda que conheçam, calouros ou veteranos, as regras do jogo, é necessário ressaltar que, salvo Evandro Araújo, a esquadra paranaense do Papa coleciona cartões amarelos, pelo que sugerem as fontes públicas a que tivemos acesso.

Jura e seu célebre colega radialista, Pe. Reginaldo Manzotti, foram acusados pelo Ministério Público Eleitoral do Paraná de suposto abuso de poder político e econômico, em virtude de sua salientada participação numa missa presidida por Manzotti em Siqueira Campos, dias antes das eleições de 2014. A corte do TRE-PR, no entanto, considerou a denúncia improcedente. Todavia, ainda que fosse condenado na ação, tal pecado seria considerado venial se comparado ao que o transformou em réu<sup>29</sup>, ao lado de outras duas pessoas, na Ação Penal n. 2007.0000599-7, iniciada em 2007, quando uma denúncia anônima formulada à Polícia Civil de Araucária deu conta de um “gato” na rede elétrica da empresa MSD – Indústria e Comércio Ltda, o que rendeu, em valores da época, um prejuízo de R\$ 1.510.847,39 à Companhia Paranaense de Energia (Copel). Apesar de figurar nesse episódio de maneira secundária – quase como Pilatos no Credo –, o escândalo, como era de se esperar, foi usado contra Jura durante a campanha, sobretudo, pelo vereador petista Aloísio Torres Guerra, de Siqueira Campos, que, sem citar expressamente o conterrâneo, classificou a ação como

criminosa de cunho pessoal, praticada por uma pessoa que se coloca numa condição tão importante, ligada ao movimento carismático da Igreja Católica, entretanto se vê envolvido em um processo de furto de energia elétrica; comentou que as pessoas deveriam ter um pouco de coerência nas suas atitudes, pois existem alguns candidatos, tais como: uns ‘Tiriricas’ da vida, que admitem o que são, fazem as suas campanhas, porém ‘lobos na pele de cordeiro’ são os lobos mais perigosos que existem, assim pediu a todos para se acautelarem, pois pessoas vêm com todas essas referências a Igreja, [...] que não se sabe, se eles usam a Igreja para fazer sucesso, ou se a Igreja os usa pelo sucesso que fazem. (CÂMARA MUNICIPAL DE SIQUEIRA CAMPOS, 2014, p. 1).

Já Diego Garcia foi acusado de corrupção ativa pelo Ministério Público Estadual (MP-PR), depois de ter sido flagrado em grampos telefônicos autorizados pela Justiça, negociando a compra da sua CNH: Diego tinha sido reprovado no teste prático de rua em 2005, dois anos após sua declarada conversão ao movimento carismático. O processo foi encaminhado ao Supremo Tribunal Federal (STF) pela Vara Criminal de Andirá, ao que posteriormente o MP-PR, autor da denúncia, manifestou-se pela prescrição do crime e o arquivamento da acusação em 2015, quando o Jornal Gazeta do Povo denunciava que o suposto delito poderia prescrever sem ter sido julgado (MARTINS, 2015). Garcia, que nega ter caído em tentação, considera a reportagem do periódico curitibano como dardos inflamados do Maligno: “Eu já esperava

<sup>29</sup> Denúncia explorada pelo Blog do Tampa, disponível em: <<http://tampinhasiq.blogspot.com.br/2014/09/empresa-do-candidato-deputado-estadual.html>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

algum ataque do Encardido. Sei que tudo que está acontecendo não seria de graça, mas estou bem tranqüilo”, comentou ao Jornal Tribuna do Norte<sup>30</sup>.

Quanto a Gessani, enquanto vereador de Foz de Iguaçu, foi denunciado em 2016, com outras 44 pessoas, na 5ª fase da Operação Pecúlio, que investigava conluio entre a Prefeitura e Câmara Municipal, uma espécie de “mensalinho”. O líder carismático foi acusado de ter solicitado e recebido “para si em razão de ser vereador à época, vantagem indevida, no montante de R\$ 10.000,00 (dez mil reais)” (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 2017, p. 146). A denúncia ainda não foi julgada.

Seja como for, o caso só veio à tona após sua unção como candidato oficial da RCC em 2014. No contexto daquelas eleições, a única acusação que recaía sobre Gessani é o deslize que, segundo Dante, se pune no Molebolge<sup>31</sup>, o oitavo círculo do Inferno: a mentira. De acordo com o Jornal Tribuna Popular, de Foz do Iguaçu – tabloide inspirado no extinto e polêmico “Notícias Populares” – documentos comprovam que:

ele usurpou o projeto das academias, que originalmente é de autoria do vereador e presidente da Câmara, José Carlos. Por anos, Gessani vem se vangloriando, mas o Tribuna Popular foi verificar e encontrou nos arquivos documentos comprovando que o vereador, que se diz católico fervoroso e líder dos carismáticos, mentiu pois o projeto não é dele. (TRIBUNA POPULAR, 2013, p. 3).

Segundo o periódico iguaçuense, Gessani, “espertinho”, “traiu os companheiros e os eleitores” por, entre outras coisas, fazer cortesia com chapéu alheio, ao teoricamente ter feito “*marketing* em cima da idéia dos outros para se beneficiar politicamente” (TRIBUNA POPULAR, 2013, p. 3).

Se os supostos erros mencionados podem ser inscritos entre os pecados mortais não se sabe. Fato é que, decerto, não terão sido considerados pecados contra o Espírito Santo – o qual “nunca será perdoado, pois a culpa desse pecado dura para sempre” (Mc 3,29) – uma vez que a coordenação estadual da Renovação Carismática ou ignorava-os à época da seleção ou, o que nos parece mais provável, “lançou-os nas profundezas do mar [do esquecimento]” (Mq

<sup>30</sup> O pronunciamento de Diego ao referido jornal, atribuindo ao Diabo a verdadeira autoria da denúncia contra ele, se deu por meio de aplicativo de mensagens instantâneas, conforme reportagem publicada em 17 jun. 2015, disponível em: <<http://www.tribunadovale.com.br/politica/deputado-acusado-de-comprar-cnh-diz-que-ja-esperava-ataque-do-encardid/1419106>>. Acesso em: 06 jan. 2019.

<sup>31</sup> Na Divina Comédia, Malebolge é o nome dado ao penúltimo círculo do Inferno, no qual são punidos os fraudadores. A cada uma das dez fossas do oitavo círculo, Dante chamou de *bolgia*, ou seja, “bolsa”. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/inferno.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2019.

7,19). Afinal, o próprio Ministério Fé e Política paranaense, avalizando a biografia de seus eleitos, deixa claro que os

homens escolhidos para o projeto são apenas homens como os demais sujeitos a erros como os outros e não são imunes às tentações de poder e riquezas. Não se tem anjos para concorrer a um cargo político. Porém, não é por isso que se deve ter medo, pois eles foram escolhidos por serem vocacionados e terem dado o seu testemunho na vida pública. (RCC/PR, 2013b, p. 15).

Mesmo que o Papa Francisco insista que a “corrupção é o caruncho da vocação política” (L’OSSERVATORE ROMANO, 2017a, p. 2), “onde se aninham as chagas da desagregação” (L’OSSERVATORE ROMANO, 2017b, p. 15), talvez, fazer vistas grossas tenha sido uma necessidade inevitável para viabilizar a inserção eleitoral de lideranças, já que, “como diz a Escritura: Não há homem justo, não há um sequer. [...] Todos se desviaram, e juntos se corromperam” (Sl 14,3 apud Rm 3,9-12).

É importante mencionar, por outro lado, que, além de Evandro Araújo – o único que aparenta ter uma trajetória política imaculada – outros candidatáveis “ficha limpa” também estavam presentes na assembleia extraordinária do conselho estadual da RCC que escolheu as candidaturas em 2013. É o caso do missionário Claudinei Grella (PPS)<sup>32</sup>, reconhecido pregador leigo da Diocese de Campo Mourão, a quem se atribui o dom da cura, que dedica a própria vida à intercessão e à propagação da cultura de Pentecostes, dentro e fora do Estado, sem nenhum tipo de remuneração. Apesar da inegável dedicação ao movimento católico, o fato de ter sido preterido pela RCC para as eleições de 2014 reforça no Ministério Fé e Política o espírito imprevisível da primeira eleição apostólica, que, aliás, deu nome à primitiva secretaria: na disputa por uma vaga entre Apóstolos, como vimos, a sorte também não caiu, ao contrário do que se esperava, sobre José Bárbasas, popularmente conhecido como “O Justo”, mas sobre um tal de Matias, que acabou ocupando a cátedra vacante de Judas Iscariotes.

De qualquer forma, para a RCC/PR, Diego Garcia, Jura, Gessani e Evandro Araújo são “homens iluminados e chamados a dar o seu testemunho no serviço público, iluminando e transformando as esferas de Poder, dando suas vidas para defender a vida de muitos irmãos, ou seja, ao martírio se preciso for” (RCC/PR, 2013b, p. 15), competindo aos servos “sustentá-

---

<sup>32</sup> Em 2016, Grella foi candidato a vereador em Campo Mourão pelo PPS, com o nome de “Missionário Claudinei”. No entanto, ainda que tenha empregado discurso carismático na campanha, não recebeu apoio oficial do MFP, tampouco obteve êxito no pleito eleitoral. Na diocese de Campo Mourão em 2016, o MFP envolveu-se nas eleições de Mamborê, com candidatos próprios a prefeita, vice e vereador: todos pelo PHS. Não houve eleitos.

los com suas orações e orientações, não deixando que eles se afastem do seu meio para não perderem a vivência cristã”.

Para sustentá-los, porém, era preciso mais que reza: qualquer jornada eleitoral implicava em ousadia e planejamento. Com isso em mente, o conselho estadual da Renovação Carismática elencou, ainda na assembleia extraordinária de Apucarana, alguns passos táticos que deveriam “ser observados e obedecidos pelas coordenações locais” (RCC/PR, 2013b, p. 23), ou seja, pelas lideranças diocesanas e paroquiais da RCC no Paraná.

Importa, antes de pormenorizar o passo a passo da estratégia eleitoral da RCC paranaense, ressaltar que a verticalização das orientações políticas do movimento no Paraná transformou seus coordenadores em cabos eleitorais. Às lideranças leigas diocesanas, por exemplo, atribuiu-se “uma meta a ser cumprida de acordo com a quantidade de Grupos de Oração e de cidades da diocese” (RCC/PR, 2013b, p. 25): eram eles, portanto, que, por obediência e docilidade ao Espírito, deveriam tentar converter o aprisco do rebanho carismático, senão em curral, em comitê eleitoral. Afinal, o Plano de Ação 2014, emitido pela coordenação estadual do MFP às lideranças leigas diocesanas e paroquiais era claríssimo e nem precisava de dons místicos para entendê-lo e acatá-lo: “Cada Grupo de Oração e/ou lideranças deverá empenhar-se para uma cota de votos” (RCC/PR, 2013a, p. 5).

Essa missão eleitoral, no entanto, também seria compartilhada, em 2014, pelos coordenadores paroquiais, ou seja, por aqueles que estão mais próximos dos fiéis eleitores. Isso, porque, de acordo com a orientação da RCC/PR, o

próprio Coordenador do Grupo de Oração num momento em que julgar adequado, através de uma reflexão ou pregação sobre conscientização Política, poderá falar da importância de boas escolhas a candidaturas a Deputado Federal e Deputado Estadual e com discrição convidar o povo a orar e ajudar nesse processo. Se o pré-candidato estiver no grupo, pode pedir que os irmãos orem pela sua missão, lembrando que ele não pode fazer o uso da palavra. (RCC/PR, 2013b, p. 27).

Essa recomendação para que o pré-candidato não se manifestasse nos grupos de oração, como veremos no próximo capítulo, não foi acatada nem pelas lideranças nem tampouco pelos candidatos da Igreja, tendo sido solenemente ignorada nas instâncias paroquiais paranaenses. Essas e outras orientações vêm previstas no documento Projeto de Acompanhamento: trata-se de um planejamento de campanha que prevê como se daria a instrumentalização da Renovação Carismática Católica no período eleitoral nos estados. Por determinação do conselho nacional da RCC, o documento deve ser apresentado pelo conselho

estadual, após discernimento, até “o final do ano que antecede o ano de eleições” (CONSELHO NACIONAL DA RCC/BR, 2015, p. 4), acompanhado de ata que delibera a atuação eleitoral da RCC estadual:

§ 1º Compete ao próprio conselho [estadual da RCC] em questão identificar o melhor momento para atuar neste campo.

§ 2º Todo conselho que optar por aprovar uma metodologia de acompanhamento do processo eleitoral deverá:

I. Apresentar, por escrito, um Projeto de Acompanhamento que servirá de base para a orientar o acompanhamento a ser realizado pelo Ministério Fé e Política, ligado a esse conselho;

II. Aprovar este Projeto de Acompanhamento em reunião do conselho, registrando-o em ata;

III. Anexar o Projeto de Acompanhamento à ata de reunião do conselho que tratou do assunto. Tal projeto deverá também ser assinado pelos membros do conselho atestando sua aprovação. (CONSELHO NACIONAL DA RCC/BR, 2015, p. 4).

No Paraná, o Projeto de Acompanhamento das candidaturas carismáticas de 2014 foi concluído em 25 de outubro de 2013 e é assinado por Vera Lúcia Ximenes, presidente do Conselho Estadual da RCC/PR, e por Reinaldo Batista, coordenador estadual do MFP.

O documento elenca as principais estratégias que devem ser encampadas pelas lideranças do movimento para que se tenha sucesso nas urnas, dando enfoque especial às reuniões de louvor para socialização das candidaturas oficiais:

A primeira reunião de formação para os Grupos Setoriais serão realizadas em consonância com as Coordenações Diocesanas locais, nos meses de fevereiro, março e abril de 2014, ou de acordo com as datas das assembleias diocesanas para coordenadores. Esse momento será conduzido pelo Núcleo Central, sendo o responsável o coordenador estadual do Ministério Fé e Política. (RCC/PR, 2013b, p. 24).

A reunião, na prática, serve para disseminar a ideia de política benta, ou seja, que as candidaturas oficiais do MFP são divinamente inspiradas e que, portanto, devem ser adotadas por todos e difundidas: daí a exigência, entre outras coisas, de que não falem “uma imagem de Nossa Senhora, uma cruz, uma Bíblia e flores (opcionais)” na conscientização “sobre o Projeto Fé e Política para o Pleito 2014” (RCC/PR, 2013b, p. 24).

É mesmo num cenário religioso, que pode ou não ser o mesmo dos louvores, que se dará a entrega aos fiéis dos materiais que representarão um elemento motivador do processo, ou melhor, o chamado “Kit Sementinha”.

Para que isso ocorra em abundância, são necessários operários para a messe. Assim, é pedido que cada diocese disponha

de um grupo de pessoas, estes serão denominados GRUPOS SETORIAIS, sendo responsáveis de levar adiante os métodos de captação de votos nos GRUPOS BASE (Grupos de Oração e paróquias). [...] Será distribuída uma meta para cada Grupo Setorial, ou seja, cada Diocese terá uma meta a cumprir para que o projeto tenha sucesso (RCC/PR, 2013b, p. 25).

Não só os grupos de oração devem ser utilizados para repercutir as candidaturas, mas os eventos regionais da RCC voltados a iniciantes: Retiros “de Primeiro Anúncio, Experiência de Oração, Seminário de Vida no Espírito, Aprofundamentos de Dons e Carismas, Dias de Louvor, Congressos, Pentecostes, Cenáculos e outros” em que se apresentarão os candidatos da RCC e se intercederá por eles (RCC/PR, 2013b, p. 27), porém, sem direito a fala. Já nos eventos cujo público-alvo são os servos, ou seja, pessoas com uma certa caminhada no movimento carismático, isto é, “Encontros Diocesanos, Aprofundamentos de Oração, Encontro de Ministérios, Grupos de Perseverança, Reavivamentos, Assembléias Diocesanas” etc, os candidatos poderão “fazer uso da palavra para breve apresentação e exposição de suas idéias e plano de trabalho, observada a legislação eleitoral” (RCC/PR, 2013b, p. 27-28).

Para as reuniões de louvor, o MFP paranaense desenvolveu uma espécie de liturgia especial para a divulgação das candidaturas, detalhada no referido planejamento, com momentos cronometrados para a apresentação do MFP e de seus candidatos.

O Projeto de Acompanhamento previu ainda um cronograma, conforme disposto no Quadro 4.

**Quadro 4** – Cronograma das ações do MFP para as eleições de 2014 no Paraná

CRONOGRAMA	2013	2014									
	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
Apresentação aos Bispos	X	X									
Apresentação aos Conselhos Diocesanos			X	X	X						
Apresentação aos Conselhos Paroquiais				X	X						
Apresentação aos núcleos de Grupo de oração						X	X				
Campanha eleitoral “projeto sementinha” e outros conforme Legislação								X	X	X	X

Fonte: RCC/PR, 2013b, p. 30.

Interessante perceber que a campanha eleitoral propriamente dita, que teve início, segundo calendário oficial do TSE<sup>33</sup>, em 06 de junho de 2014, recebe o nome de “Projeto Sementinha”, numa possível tentativa de adoçar o impacto pela nítida instrumentalização político-partidária da RCC paranaense. A propósito, apesar da ostensiva concretude da eleitoralização desse importante braço da Igreja, a afirmação no documento de que “não é nossa intenção instrumentalizar a Renovação Carismática Católica enquanto movimento eclesial” (RCC/PR, 2013b, p. 26) soa mais como o “eu não!” de Pedro (Jo 18,17), dito três vezes antes de o galo cantar. Revela, em verdade, o desejo e a preocupação concomitante de assumir o poder civil sem querer querendo.

Como resultado das ações planejadas e executadas pelas lideranças carismática do Paraná, houve um êxito considerável nas urnas, que deu vitória ao novato Diego Garcia – como demonstra o Quadro 5 –, o qual se tornou o primeiro deputado federal eleito e acompanhado pelo MFP, e Evandro Araújo que, embora não tenha sido eleito, assumiu como suplente logo no início de 2015 e efetivou-se no mesmo ano após renúncia do titular.

**Quadro 5** – Desempenho eleitoral dos candidatos carismáticos do Paraná em 2014

Nome na Urna / Partido	Valor arrecadado	Votos	Melhor desempenho	Resultado
Diego Garcia (PHS)*	R\$ 116.240,86	61.063	Curitiba (5.692) Jacarezinho (5.093) Adirá (2.605)	Eleito
Evandro Araújo (PSC)**	R\$ 94.601,00	23.233	Marialva (7.064) Maringá (2.186) Londrina (1.253)	Não eleito
Gessani (PP)**	R\$ 110.093,00	16.938	Foz do Iguaçu (9.288) Cascavel (1.259) Medianeira (952)	Não eleito
Jura (PSD)**	R\$ 392.474,00	33.892	Curitiba (11.651) Siqueira Campos (1.225) Telêmaco Borba (1.051)	Não eleito

\* Candidato a deputado federal;

\*\* Candidato a deputado estadual. Assumiu mandato na ALEP em fevereiro de 2015.

Fonte: Justiça Eleitoral (TRE, 2014).

Mesmo que Jura, pescador experiente nos rios e nas urnas, tenha feito maior número de votos em relação aos dois colegas candidatos a estadual na pesca de 2014, não foi eleito em virtude da legenda partidária a que estava filiado. Aliás, cada voto de Jura, dividindo o valor arrecadado com os votos recebidos, custou R\$ 11,58: altíssimo, se comparado ao valor

<sup>33</sup> Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/eleicoes-2014/normas-e-documentacoes/resolucao-no-23-390-consolidada-com-alteracoes>>. Acesso em: 11 jan. 2019.

do voto em Evandro Araújo: R\$ 4,07. Os votos individuais em Gessani custaram, cada um, R\$ 6,50.

Parece que o fato de as barcas de Diego Garcia e Evandro Araújo voltarem das águas cheias de peixes não se deva apenas à fé em Nossa Senhora Aparecida, a quem os católicos brasileiros – entre os quais, políticos carismáticos – atribuem milagres semelhantes desde há exatos 300 anos. Na verdade, a predileção da coordenação estadual do MFP, demonstrável pelo enfoque maior nas mídias sociais, pode ter beneficiado, de alguma maneira, os dois vitoriosos. No caso específico de Garcia, o apoio do coordenador estadual do MFP à época se materializou também em financiamento das despesas declaradas de campanha, aparecendo como doador de R\$ 7.500,00 em depósito em espécie. Já sua empresa, especializada em formaturas com sede em Mamborê – PR, fez uma doação estimada em R\$ 6.000,00, pela produção de *jingles* e de vídeo de campanha. Além disso, familiares do ex-coordenador, igualmente ligados à RCC, também fizeram doações legais – e generosas – ao candidato de Andirá: uma no valor de R\$ 7.500,00, e a outra correspondente a R\$ 10.000,00.

Quaisquer que tenham sido os reais fatores que favoreceram a assunção política de Diego e Evandro, é certo que o uso da religião como alavanca eleitoral, já chamado no mundo jurídico de “abuso de poder religioso”, tende a ser combatido ainda nas eleições gerais de 2018, como sinalizou o presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministro Gilmar Mendes, ao afirmar que a Corte está estudando mecanismos para coibir a utilização do poder econômico e a influência das igrejas em eleições. Em março de 2017, em entrevista à Reuters<sup>34</sup>, ele foi enfático ao condenar a instrumentalização religiosa, já que “hoje quem tem dinheiro? As igrejas. Além do poder de persuasão. O cidadão reúne cem mil pessoas num lugar e diz ‘meu candidato é esse’. Estamos discutindo para cassar isso”. Mendes criticou o ainda o emprego de recursos das igrejas, não apenas material, mas a própria estrutura física para influenciar candidaturas, como fazem os evangélicos e, mais recentemente, os carismáticos paranaenses. Similarmente ao presidente do TSE, o subprocurador-geral da República e ex-vice-procurador-geral eleitoral Nicolao Dino é contra a transformação de igrejas em comitês. Segundo seu parecer enviado ao TSE<sup>35</sup> – pelo qual pedia a inelegibilidade do prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, pelo uso eleitoral das estruturas da IURD na Baixada Fluminense em 2014 –, é “fundamental coibir a prática do abuso do poder religioso,

---

<sup>34</sup> Gilmar Mendes reconheceu a necessidade de o TSE intervir nesses casos, embora os tenha considerado de “difícil verificação” (PARAGUASSU; MARCELLO, 2017).

<sup>35</sup> De acordo com Dino, ao valerem-se da estrutura eclesiástica, “partidos e candidatos têm sido capazes de subverter a lisura de eleições ao atentarem contra o livre exercício do voto por parte dos fiéis” (BORGES, 2017).

isto é, a exploração do discurso litúrgico para supressão da autonomia política de fiéis, comumente obsequiosos às orientações clericais”.

Ainda que misturar no mesmo altar o Santíssimo e os santinhos seja uma prática criticada pelos magistrados citados, a verdade é que o suposto abuso ainda não está tipificado na legislação eleitoral brasileira, mesmo havendo jurisprudência em desfavor. Por isso, mesmo que queira, a Justiça Eleitoral não tem instrumentos legais onde amparar-se para que possa coibir abusos.

Enquanto a lei não chega, se é que chegará, a tendência é que a verticalização religiosa da orientação política siga sendo praxe entre carismáticos e seus arqui amigos evangélicos. Para a Igreja Católica no Brasil, o batismo de imersão nas urnas pelos católicos carismáticos paranaenses representa uma grande revolução na maneira de conceber a Igreja e a sua relação com o mundo moderno secularizado. Pelo MFP, de alguma forma, a “Esposa de Cristo” abre mão de ser “Mestra” (JOÃO XXIII, 1961) para assumir a condição de mera vestibulanda que disputa uma nova vaga com outros concorrentes no disputado espaço público.

Isso ficará melhor evidenciado no Capítulo 3, quando a campanha eleitoral dos candidatos da Igreja mencionados e a atuação das lideranças carismáticas no Paraná para promovê-los em 2014 serão concretamente aprofundadas, a partir da farta materialidade dos registros da execução do plano de ação proposto pelo MFP e abordado até aqui.

### CAPÍTULO 3

#### A CAMPANHA ELEITORAL DOS CANDIDATOS OFICIAIS DA RCC

“Ao passarem pelas cidades, transmitiam-lhes, para que as observassem, as decisões sancionadas pelos apóstolos e anciãos de Jerusalém”. (At 16,4).

Conforme já prefiguraram os capítulos precedentes, as eleições de 2014 no Paraná representaram para a Renovação Carismática Católica – e, genericamente, para a Igreja Católica no Brasil –, senão um divisor de águas, já que acumulava aventuras eleitorais, ao menos um aprofundamento do seu protagonismo institucional no que tange o apoio, a construção e o direcionamento verticalizado de candidaturas parlamentares. Ao contrário do que apostou Nietzsche, Deus não só não está morto, como atuou na condição de principal cabo eleitoral das campanhas de Diego Garcia (PHS), Evandro Araújo (PSC), Jura (PSD) e Gessani (PP), de tal forma que o envolvimento divino naquilo que é de César, ou seja, na política, pela primeira vez no Paraná – quiçá, no Brasil – não partiu unilateralmente dos candidatos, mas da própria RCC, convertendo sacristias em verdadeiros comitês partidários, como veremos oportunamente.

Ao legitimar e assumir de um modo tão audacioso sua vocação sufragista (BURITY; MACHADO, 2006; MARIANO, 2000; CONRADO, 2000; JORGE, 2013; BRACHO, 2015; LIMA, 2011; MACHADO, 2012; MARIANO, 2011; MIRANDA, 1999; PROCÓPIO, 2012), já testada em outras ocasiões isoladamente por candidaturas avulsas (MIRANDA, 2012; REIS, 2011), articulando o envolvimento de agentes pastorais e estruturas paroquiais na sustentação profusa dos candidatos carismáticos, o movimento eclesial cinquentenário no Brasil propõe e convalida uma outra boa nova: não tão boa – ou despida de problematizações –, já que o enlace entre religião e política suscita naturalmente questionamentos e inevitáveis contestações, ao se invocarem as discussões em torno da laicidade do Estado brasileiro; e não tão nova, a julgar por iniciativas similares adotadas pelos evangélicos há mais tempo, não só no Paraná.

Dessa maneira, seguindo o caminho gradual que percorremos até agora rumo à instrumentalização eleitoral do movimento carismático no Estado do Paraná, nossa intenção, a essa altura da pesquisa, volta-se à abordagem da materialidade mesma das quatro candidaturas carismáticas registradas, das quais duas obtiveram êxito naquele ano, no recorte adotado.

Antes, todavia, de destrinchar a interessante mistura de reza com comício que ocupou presbitérios e palanques e que alarga ainda mais a noção de laicidade no país, convém retomar o processo de socialização, junto às dioceses, tanto dos quatro ungidos quanto do próprio Ministério Fé e Política (MFP): instância carismática praticamente desconhecida e apática no Paraná até então. Seja como for, a subida dos santinhos à glória dos altares no período eleitoral somente aconteceu após uma intensa maratona pelo estado, iniciada ainda no começo de 2013, que conduziu e apresentou os pré-candidatos aos fiéis nos principais eventos carismáticos, a fim de que os ditos servos os reconhecessem como escolhidos por Deus para representar a fé católica nas principais casas legislativas.

Não por acaso, a pré-campanha converteu-se numa verdadeira e longa via sacra – ainda que com apoio de muitos Cirineus<sup>36</sup> e Verônicas<sup>37</sup>, pessoas simples, mas entusiasmadas do rebanho carismático, na travessia eleitoral do movimento católico à encruzilhada das urnas, com estações demoradas – e, de certa forma, apelativas – em celebrações católicas diversas: missas, reuniões internas com servos, louvores, retiros de primeira experiência em inúmeras paróquias e, sobretudo, grandes encontros diocesanos, onde o público costuma ser bem maior.

A entronização paulatina do discurso político nesses ambientes religiosos foi sendo moldada pelo Conselho Estadual da Renovação Carismática, liderada especialmente pelas coordenações estaduais da RCC e do MFP, cujas deliberações, aprovadas na assembleia extraordinária de março de 2013, foram sistematizadas em dois documentos, já explorados no capítulo anterior, e enviadas por correspondência física ou eletrônica às lideranças leigas do movimento em todas as dioceses do Paraná, de modo que se legitimasse no ideário carismático uma certificação divina dos aspirantes ao parlamento.

Porém, reservadas as devidas proporções e particularidades, da mesma forma que não bastaram apenas epístolas enviadas por Paulo às comunidades eclesiais de sua época, para autenticar sua mensagem como divinamente inspirada e, por certo, sua própria ascensão a uma vaga entre os apóstolos de Cristo, demandando, sobretudo, viagens cansativas e presença física, olho no olho, para testemunhar seu chamado, também as lideranças estaduais do movimento católico – a saber Vera Lúcia Ximenes, que presidia o Conselho Estadual da RCC/PR, e Reinaldo Batista, à época, coordenador estadual do MFP/PR: ambos com presença

---

<sup>36</sup> De acordo com os Evangelhos sinóticos, Simão de Cirene – ou apenas Cirineu – foi quem os soldados romanos obrigaram a carregar a cruz de Jesus Cristo até o local da crucificação. Ele é lembrado na oração da Via Sacra, na quinta Estação, como um exemplo de altruísmo.

<sup>37</sup> Ainda que não haja menções a ela nos evangelhos, Verônica aparece como protagonista da sexta Estação da Via Sacra, enxugando o rosto de Cristo, cujas marcas teriam estampado em seu véu a face dele. Em virtude disso, seu nome pode ser uma corruptela de “vera icona”, isto é, “imagem verdadeira”.

frequente nos registros fotográficos a que tivemos acesso – tiveram de percorrer grandes trajetos, mesmo antes do início do período eleitoral, para dar testemunho de seus candidatos, como pode ser visto nas Imagens 7 e 8, imprimindo neles uma seleção divina: iniciativa que parece ter dado certo.

**Imagem 7** – Apresentação dos pré-candidatos no Congresso Estadual do Ministério de Música e Artes, em Toledo, em 19 de outubro de 2013



Fonte: Página oficial do MFP/PR<sup>38</sup>.

**Imagem 8** – Apresentação das candidaturas no Encontro Regional Sul 2 do Ministério Universidades Renovadas, em Pato Branco, em 3 de novembro de 2013



Fonte: Página oficial do MFP/PR<sup>39</sup>.

De fato, várias lideranças leigas acreditam piamente que esses políticos foram, de fato, escolhidos por Deus – alguns até contra a própria vontade – para defender os valores cristãos nas casas legislativas. A ideia que se fixou no imaginário das lideranças paroquiais, como se interpreta pelo relato de uma serva da Diocese de Campo Mourão, de tão idealizada, é quase como se uma pomba branca tivesse pousado sobre eles na referida assembleia e uma voz celeste, daquelas graves e potentes, tivesse avalizado suas candidaturas, como nas narrativas bíblicas do cinema.

Sobre isso, Mariana, nome fictício de uma jovem que liderava um grupo de oração na Diocese de Campo Mourão durante as eleições de 2014, contou-nos, por aplicativo de mensagens instantâneas, que

Depois que se estruturou esse ministério – e, na verdade, o Diego foi o primeiro com o ministério ativo mesmo – aí foi da seguinte forma: foi reunido o núcleo lá, não nós aqui da base, mas o núcleo estadual, e eles oraram, ficaram em vigília, jejum e tal, e na oração, Deus mostrava o Diego. E até foi questionado, porque o Diego não tem nenhum familiar na política, nunca foi envolvido e também nunca teve interesse nessa área. Então a gente sentiu que era um chamado, e não por questões políticas de carreira, mas por ser um chamado de Deus. E aí lançaram a proposta pra ele, explicaram e ele

<sup>38</sup> Disponível em: <<https://bit.ly/2v9c8rp>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>39</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/xxj1UL>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

aceitou. Falou: “se realmente Deus falou com vocês, eu aceito. Mas, pela minha vontade humana, não tenho a mínima pretensão, que eu não sei nem como funciona esse meio”. E realmente ele era uma pessoa bem simples assim. Sabe? Bem humilde, de família pobre e tudo mais. E aí foi começado esse trabalho, de acordo com o que foi discernido para o ministério atuar. De acordo também com o que a CNBB e o Papa Francisco pede: pra gente se inserir. Baseado em tudo isso, foi acontecendo o pastoreio: foi indo de grupo em grupo, de diocese em diocese, apresentando o projeto. E aí ele continuou exercendo o ministério dele que é de pregação. (Mariana, coordenadora paroquial, 33 anos).

Esta exata versão de como se deu a escolha, que parece excluir do mesmo chamado divino os candidatos a deputado estadual, é compartilhada por Edvaldo, jovem intercessor num grupo de base da RCC da Diocese de Campo Mourão:

A respeito do mandato do Diego Garcia, eu sei como se passou: ele não escolheu ser político. Primeiro, nasceu um ministério dentro da Igreja Católica, após isso se formou um conselho de mandato: dentre este conselho, estão padres, um bispo e um arcebispo. E, em oração, Deus tocou no coração deles para chamar o Diego Garcia a representá-los. No início, ele se negou. Mas, em um encontro da Igreja, Deus confirmou no coração dele para assumir este chamado. E este conselho tem total autoridade sobre o mandato dele. A partir do momento que ele fugir dos princípios e ética da nossa Igreja Católica, eles podem tirar ele do mandato. (Edvaldo, servo, 26 anos).

Ainda que não conste com tanta clareza nos aludidos documentos do MFP que relatam a escolha dos quatro nomes, esta narrativa, ao que indicam os registros, tem sido considerada como a sinótica, porque integra uma tentativa de construir, pelas vias institucionais do movimento carismático (MANDUCA, 2017), um *habitus* (BOURDIEU, 2007) aos candidatos que a RCC levará em seus andares, como aprofundaremos adiante. A assimilação dessa versão oficial pode indicar que os esforços do movimento em legitimar, pela pregação, seus candidatos surtiram efeito satisfatório.

A propósito, o ministério da pregação, como é chamado o serviço prestado pelos oradores do movimento carismático, esteve em alta na fase que antecedeu o período eleitoral e foi amplamente empregado tanto pelas lideranças e quanto pelos próprios candidatos para reiterar o chamado divino às urnas. O falar aos fieis pelo microfone, com terço enrolado na mão ou com semblante piedoso, foi um expediente utilizado reiteradamente na caça aos votos. Ilustram essa prática as imagens 9, 10, 11 e 12.

**Imagem 9** – Diego Garcia conduzindo louvor na Catedral de Maringá



Fonte: GRUPORAIODELUZMGA, 2014.

**Imagem 10** – Evandro Araújo conduzindo louvor na Catedral de Maringá



Fonte: GRUPORAIODELUZMGA, 2014.

**Imagem 11** – Jura pregando num encontro do Ministério de Música e Arte



Fonte: Página de Edilson Oliveira<sup>40</sup>.

**Imagem 12** – Gessani pregando numa paróquia em Foz do Iguaçu



Fonte: Página do Grupo de Oração Profetas da Alegria<sup>41</sup>.

Entre as estratégias de inserção de maior impacto, todavia, está certamente a presença numa liturgia muito cara aos carismáticos: a Adoração Eucarística. Trata-se de uma cerimônia devocional, exclusivamente católica, em que Sagrada Comunhão é exposta numa custódia, geralmente de ouro, para a reverência dos fiéis. Ao aproximar o candidato ao Santíssimo Sacramento – como se referem os católicos à hóstia consagrada –, durante sua exposição, a RCC canoniza suas candidaturas, ratificando a missão divina que lhes é atribuída para o embate político. Há, aliás, diversos registros disponíveis em plataformas sociais, dando ressaltos – e, até mesmo, em alguns casos, a própria condução da cerimônia – aos (pré-)candidatos oficiais, como demonstram as Imagens 13 e 14. Tal destaque não se dá por acaso: a Eucaristia, para os católicos, e talvez com mais paixão para os carismáticos, “é o coração é o ápice da vida da Igreja” (JOÃO PAULO II, 1993, parágrafo 1407), uma vez que nela “está contido todo o tesouro espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo” (JOÃO PAULO II, 2003, parágrafo 1º). Na verdade, a Hóstia Consagrada – ao lado de Nossa Senhora e do Papa – integra as “três brancuras” (COMBLIN, 2012; VALLE, 2004) da cerca que, no terreno

<sup>40</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/j7rTdX>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>41</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2UgXsyc>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

do Espírito Santo, separa carismáticos e evangélicos. Ao convocá-la para a campanha, os candidatos demonstram qual lado da cerca defenderão no legislativo.

**Imagem 13** – Diego conduzindo a adoração ao Santíssimo Sacramento em Cornélio Procópio, em 2 de junho de 2014



Fonte: Página oficial de Diego Garcia no Facebook<sup>42</sup>.

**Imagem 14** – Jura ajoelhado diante do sacrário em Prudentópolis, em agosto de 2014



Fonte: Perfil pessoal de Jura no Facebook<sup>43</sup>.

Demonstrar, diante de fiéis reverentes, intimidade com o ostensório ou proximidade com o sacrário – ambos receptáculos do Corpo de Cristo, segundo o dogma católico da Transubstanciação – e exibir essa relação vicinal no próprio ambiente eclesial e nas mídias sociais – onde a visibilidade é muito maior – é reforçar o vínculo do candidato da Igreja com uma força superior concreta, com grande apelo devocional e, no caso dos carismáticos, também emotivo.

Não casualmente, foi ao redor da mesa da Eucaristia que foram desenhadas e executadas as candidaturas carismáticas oficiais de 2014 no Paraná, que serão, doravante, exploradas na pesquisa, a partir do exame de três grandes eixos que compuseram a conjuntura da inserção institucional do movimento carismático paranaense no campo político. Eis: a) a construção simbólica da imagem dos candidatos; b) o desenvolvimento da campanha e o apoio de lideranças da Igreja Católica; e c) as pautas dos candidatos.

### 3.1 A construção simbólica da imagem dos candidatos

Se religião é imagem, política também o é. Não por acaso, antes de incensar seus ungidos nos andores políticos da RCC, o MFP desenhóu o ícone eleitoral de cada um, “pois o homem olha para o que está diante dos olhos” (1Sm 16,7). De modo estratégico – com maior ou menor profusão, como veremos adiante –, não apenas a imagem pública dos pregadores

<sup>42</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/7AA8Gr>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>43</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2T9m9wp>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

avaliados foi politicamente (re)modelada para, na nossa leitura, imprimir-lhes visibilidade e crédito na caça aos votos, como também elementos imagéticos sagrados foram politicamente engendrados no *marketing* de campanha para, cremos, sinalizar um alegado chamado divino. Percebe-se, portanto, uma tentativa latente de construção de um *habitus* (BOURDIEU, 2007) aos quatro escolhidos, a partir da acumulação do capital simbólico face aos campos eleitoral e religioso, para que os ungidos sejam capazes de encarnar, na tribuna parlamentar, a representação religiosa do movimento carismático e, no púlpito, sua expressão política (MANDUCA, 2017), de forma que o hábito carismático – costurado a muitas mãos e consagrado por vários hissopes – fará, alegoricamente, monge e político.

Vale salientar que o processo de construção da imagem pública dos políticos em vista da campanha eleitoral tem despertado o interesse dos pesquisadores (GANDIN, 2010; JORGE, 2013; MANDUCA, 2017; SCHÜLER, 2015; SILVA, 2010), uma vez que, do nosso ponto de vista, configura um fator vultoso para alcançar vida política além-urna.

Assim, a campanha desses candidatos carismáticos de 2014 foi integralmente idealizada pelo MFP, numa instância recém-criada a que se deu o nome de “Núcleo Central” (RCC/PR, 2013, p. 23). Coube, portanto, a essa equipe tanto a confecção da batina eleitoral quanto do perfil de seus sacerdotes da política que a endossariam, o que compreende a criação do material de propaganda que, no caso dos candidatos em questão, pelo que encontramos nas mídias sociais, corresponde a: santinhos impressos e virtuais; *perfurades* (ou seja, adesivos perfurados que se afixam no vidro traseiro de veículos) e adesivos menores com o mesmo *design* gráfico dos santinhos; e panfletos biográficos e testemunhais. Além desse material, também selecionamos, como objeto de nossa diligência, fotos que foram divulgados nas redes sociais, por meio do qual divulga o apoio recebido de clérigos e leigos ligados à RCC, bem como sua pertença ao meio carismático.

No recorte a ser analisado, é notória a tentativa de produção de sentido, a partir da apropriação de um verdadeiro rosário de arquétipos semióticos, por meio do qual se pretende fixar a imagem de candidato da Igreja (MIRANDA, 2006), ou melhor, “candidato da Renovação”, *slogan* presente no material de divulgação dos candidatos, legitimando não apenas seu ingresso na vida pública e a intenção de renová-la, mas, sobretudo, sua pertença ao movimento carismático. É o que evidencia a Imagem 15, em que o aspirante a deputado federal – que, na foto, se posta como padre – é apresentado como “o candidato da Renovação” – em maiúsculo –, do que pode se inferir, além da pretensão de mudar a política, seu vínculo com o movimento católico. Isso também acontece com os candidatos a deputados estaduais: Evandro Araújo (Imagem 16) e Gessani (Imagem 17), que exibem a mesma inscrição, “É

Renovação”, novamente em maiúsculo. Numa ótica, a legenda – igualmente ambígua – pode imprimir nos candidatos tanto uma capacidade de renovar o campo político, como, sobretudo, evidenciar nos eleitores carismáticos que estes homens vinculam-se ao mesmo segmento religioso dos possíveis eleitores e, portanto, merecem o voto. Embora corrente, a ambiguidade lexical na política, cabe o parêntesis, remonta à época em que *ecclesia*, principal assembleia da democracia em Atenas, ainda não denotava igreja (ERMAN, 2009).

**Imagem 15** – Santinho de Diego Garcia



Fonte: Blog do Claudeci<sup>44</sup>.

**Imagem 16** – Santinho de Evandro Araújo



Fonte: Perfil de Reinaldo Batista no Facebook<sup>45</sup>.

**Imagem 17** – Santinho de Gessani



Fonte: Perfil de Gessani no Facebook<sup>46</sup>.

**Imagem 18** – Santinho de Jura



Fonte: Perfil de Ironi Spundaro no Facebook<sup>47</sup>.

No material dos dois primeiros – Garcia (Imagem 15) e Evandro (Imagem 16), que se elegeriam naquele pleito – verifica-se a presença de símbolos religiosos, como também se verá mais à frente, malgrado um maior comedimento, no material de Gessani e Jura. Seja como for, ao empregar signos católicos para autenticar o discurso eleitoral, intenciona-se, conforme a semântica da semelhança do século XVI, pormenorizada por Foucault (2000, p.

<sup>44</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2HvDWfP>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>45</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/3fxspE>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>46</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/7VCGVP>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>47</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/HETTm6>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

24), relacionar gradativamente, nas extremidades do sentido das coisas e das paixões, *pro convenientia*, diferentes elementos, de “sorte que, nessa articulação das coisas, aparece uma semelhança”. Há aí uma (dis)simulação do sistema de representações da religião, visando a impor, de acordo com Bourdieu (2007, p. 33), um pensamento do mundo social, “cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política” vende-se como alicerce “natural-sobrenatural”. Ademais, em sua Gênese eleitoral no Éden da gralha azul<sup>48</sup>, no ímpeto de acender – *fiat* – sua luz sobre os membros da RCC e ascender – *dominamini* – seu poder hierárquico do religioso ao secular, o emprego engenhoso de símbolos católicos pelo MFP corrobora a afirmação de Bourdieu (1994, p. 12) de que “a aptidão para manipular legitimamente o maior número de usos diferentes dos signos, cresce quando nos elevamos na hierarquia social”.

A comunhão entre significantes sólidos da religião e do sufrágio – matéria-prima – esculpe um simulacro que, autoalusivo (BAUDRILLARD, 1991), se convém resistente. Isso porque “*forte lignum et inputribile elegit artifex sapiens quærit quomodo statuat simulacrum quod non moveatur*”<sup>49</sup> (Is 40,20, grifo nosso). E o que dá robustez a esse simulacro sacro-eleitoral não é senão a manipulação perspicaz de elementos discursivos religiosos por agentes políticos no processo de construção de suas campanhas.

Esse fenômeno, na verdade, tem sido objeto de investigação nas Ciências Humanas e Sociais: Bem e Tadvald (2014) analisam a “Apropriação da discursividade religiosa pelo campo político”, buscando compreender as imbricações entre o religioso e o político na campanha de um candidato a vereador de Porto Alegre; Jorge (2013) investiga o *ethos* discursivo e o apelo religioso que sustentaram uma campanha eleitoral de Mauá; Nicola (2013, tradução nossa) se debruça “Sobre o uso dos símbolos na política”; Gandin (2010), por sua vez, todavia, esclarece que “A sacralização do político” não é um fenômeno recente e dá como exemplo o fato de que, no Brasil, o material básico de *marketing* eleitoral recebe o nome de “santinho”.

É, aliás, sobre o santinho de Diego Garcia (Imagem 19) – adesivado como *perfurade* no vidro traseiro dos carros e difundido por páginas oficiais da RCC/PR no Facebook e compartilhada à exaustão por seus membros, que o utilizavam como capa em seus respectivos perfis pessoais na referida rede social – que volvemos nossa primeira análise.

<sup>48</sup> Ave símbolo do Estado do Paraná, conforme a Lei Estadual n. 7.957/1984.

<sup>49</sup> Versão latina de São Jerônimo do fragmento bíblico: “O artista sábio que esculpe um simulacro escolhe madeira forte e imputrefável para que não balance” (tradução nossa).

Imagem 19 – Santinho de Diego Garcia



Fonte: Página do Ministério Jovem – RCC/SJP<sup>50</sup>.

O primeiro elemento a se constatar no seu prospecto é a adoção predominante do azul em detrimento total do vermelho, cor característica do PHS, numa provável tentativa de afastar do imaginário dos fiéis-eleitores quaisquer vínculos com ideais e partidos de esquerda, pelas razões já abordadas anteriormente.

Convém destacar, contudo, que o azul não está disposto a esmo. Antes, parece colorir uma espécie de capa celeste orlada por uma faixa amarela, quase dourada, que atravessa horizontalmente a publicação: uma indireta evocação da figura de Nossa Senhora, cujo manto como que protege o candidato, outorgando-lhe sua santa autorização. É que a presença mariana no ambiente carismático é de tal modo forte que não há quem se ame mais, depois de Deus, senão a Virgem Maria, cuja devoção tem servido, numa perspectiva, “para demarcar as fronteiras entre o catolicismo e o pentecostalismo e, em certa medida, reforçar a identidade religiosa dos carismáticos” (MACHADO, 1996, p. 48).

Se o relacionamento filial e afetivo com a Mãe de Jesus entre os católicos já é notório, nos grupos de oração da RCC, é tão íntimo e direto, que se faz experiência da sua maternidade espiritual também de forma mística, pentecostal: segundo o Novo Testamento, Maria foi a primeira pessoa a receber o Espírito Santo (Lc 1,35) e, perto dela, Isabel (Lc 1,41) e os Apóstolos (At 1,14) igualmente tiveram a mesma experiência, respectivamente na Visitação e no Dia de Pentecostes. Converte-se assim, no sacrário de signos carismáticos, em “uma companheira com quem se deveria rezar” (SOUZA, 2013/2004, p. 74) para alcançar a mesma

<sup>50</sup> Disponível em: <<http://fb.com/jovemrccsjp>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

intimidade sobrenatural com Deus.

Se a alusão indireta à Virgem no impresso confirma o enraizamento do candidato ao grupo social que pretende representar no legislativo federal, mais ainda o fará o Espírito Santo, simbolizado iconograficamente por uma tradicional pomba branca. Ela aparece em destaque, abrindo suas asas sobre a figura sorridente de Garcia. O signo imprime o vínculo do candidato com essa forma de catolicismo e dialoga com a famosa profecia de Isaías: “O espírito do Senhor repousa sobre mim, porque o Senhor consagrou-me pela unção.” (Is 61,1). Ele é o líder “provocado por Deus” (RCC/PR, 2013, p. 6) para representar seu povo. Enquanto a pomba ganha proeminência na publicação, o nome da coligação e a logomarca do partido, ao contrário, de presença obrigatória pela legislação eleitoral, figuram despercebidos perifericamente: não convém pompear elos com partidos políticos, já que são as instituições menos confiáveis entre os brasileiros<sup>51</sup>. Além disso, se o PHS é uma sigla de pouca capilaridade social, sem bandeira histórica, situado entre os que são chamados de partidos de aluguel, emoldurá-lo por quê? Nesse caso, é preferível e estratégico evocar a identidade carismática de Garcia, cuja candidatura é endossada pelo MFP do Paraná.

É, a propósito, nesse sentido que se justapõe, sobre fotos monocromáticas com apoiadores, a citação bíblica: “porque a vitória no combate não depende do número, mas da força que desce do céu” (1Mc 3,19). A sentença é rica de polissemia: o “número” (quer se refira ao da legenda partidária do candidato, quer reporte à quantidade de cabos eleitorais voluntários) não é importante. Fundamental mesmo é que o aspirante ao parlamento seja capacitado pela força divina. Cumpre ressaltar que a escolha em particular desse versículo entre tantos similares (1Sm 14,23; 2Sm 22,51; Sl 18,35; Sl 20,6; Sl 60,12; Sl 108,13; Sl 118,15; Sl 149,4; Pv 20,22; Pv 21,31; Os 1,7; 1Cor 15,57; 1Jo 5,4; etc) não se deu por acaso: I Macabeus é um dos sete deutero-canônicos que figuram exclusivamente nas bíblias católicas. Além disso, seu enredo é um paralelo curioso do que pretendem os cristãos – não só católicos – na política: em outras palavras, fazer com que a nação (no cenário bíblico, a grega) seja impregnada pela cultura judaica. “Levantemos nossa pátria de seu abatimento e lutemos por nosso povo e nossa religião” (1Mc 3,43). Esse versículo adereça outros santinhos similares de Diego e é utilizado pela RCC/Brasil (2016, p. 9) para justificar seu aval à “participação na política daqueles que se sentem chamados a trabalhar em cargos eletivos”.

Tampouco a tradução do excerto bíblico empregada no *folder*, a da Editora Ave Maria,

---

<sup>51</sup> De acordo com pesquisa encomendada pela Confederação Nacional de Transporte (CNT), em parceria com o instituto MDA, e divulgada em julho de 2015, os partidos políticos são as instituições menos confiáveis, com apenas 0,1%. Para 53,5% dos pesquisados, a Igreja é a instituição mais confiável do Brasil.

é casual: trata-se da bíblia oficial dos carismáticos, uma versão pré-conciliar de linguagem mais erudita, traduzida da Vulgata de Jerônimo, e voltada ao uso devocional. Os membros das pastorais sociais preferem o texto coloquial da Edição Pastoral publicada pela Paulus, vertido dos originais, e com notas de rodapé baseadas na perspectiva da Teologia da Libertação. Assim, o versículo empregado pelo MFP no recorte observado serve para carimbar a pertença do candidato a essa modalidade específica de catolicismo mais intimista e espiritual, menos progressista e reformador (SEXUGI; MEZZOMO; PÁTARO, 2018).

Vale destacar, para além disso, que a imagem mesma do jovem pregador, nos materiais de campanha, passa a ser outra. O estilo despojado, reconhecível pelo boné promocional e pela camiseta esportiva que usa na Imagem 20, habitual até sua unção durante a assembleia em Apucarana em 2013, deve dar lugar, no homem novo a ser estampado nos santinhos, à camisa social que emoldura uma cruz peitoral, blazer escuro e muito gel fixador no cabelo, retratados na Imagem 21. Não fosse a ausência do *clergyman*, diríamos tratar-se da representação típica de um padre. Para Garcia, “passou o que era velho; eis que tudo se fez novo!” (2Cor 5,17). O Diego político que a RCC apresenta ao público tem outro perfil, que passa a ser adotado desde então.

**Imagem 20** – Garcia na 2ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude



Fonte: Perfil no Facebook de membro da RCC<sup>52</sup>.

**Imagem 21** – Garcia no horário eleitoral obrigatório.



Fonte: Canal de Diego Garcia no YouTube<sup>53</sup>.

Salta aos olhos, ainda analisando seu material de campanha (Imagem 15 e 21), o fato de que o candidato passa a exibir, doravante, uma cruz peitoral dourada que possui proporções episcopais. Sobre o peito de um bispo, o crucifixo do tamanho do ostentado representa uma das insígnias da sua autoridade, que “não é um ornamento para vestir”

<sup>52</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2sWWefF>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>53</sup> Propaganda eleitoral de Diego Garcia dentro do horário político reservado aos candidatos da chapa do candidato Beto Richa. Disponível em: <<https://youtu.be/QTjQPM5i9CI>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

(FRANCISCO, 2017), “nem joia, mas símbolo precioso da fé e do sinal visível e material do ligame com Cristo” (BENTO XVI, 2008, tradução nossa).

O uso de insígnias, de acordo com as deliberações do Concílio Vaticano II (SACROSANCTUM CONCILIUM, 1963, parágrafo 130) é privativamente “reservado às pessoas eclesíásticas que possuem a dignidade episcopal ou gozam de especial jurisdição”. Ao usá-las, seu portador fixa a imagem de depositário da autoridade sobre um grupo social específico. Cria-se assim, *grosso modo*, um simulacro da autoridade eclesial: é um outro *ἐπίσκοπος*, ou seja, alguém que “vê de cima, que protege” o rebanho que representa. O que é mesmo, afinal, o político senão um “pastor de homens”? (DELEUZE, 1974. p. 259). Essa construção de um diverso conceito de autoridade eclesíástica que se confunde com a autoridade secular, ilustra, sumariamente, o que Foucault (2000) alude como *æmulatio*, por meio do qual êmulos distantes se correspondem; exemplifica, do mesmo modo, o conceito de legitimidade de Bourdieu (2007), ao discutir o direito simbólico restritivo do agente autorizado de transmitir poder social e religioso.

É preciso sublinhar, como se perceberá doravante, que Diego, em relação aos candidatos a deputados estaduais, parece ter recebido uma atenção especial no que se refere ao *upgrade* do próprio visual. Na verdade, à diferença destes, já experimentados em purgatórios eleitorais anteriores, Garcia era um iniciante completo: daí, talvez, a mudança tão acentuada na maneira de se vestir.

Isso posto, passamos a analisar os elementos que compõem o material gráfico dos três carismáticos que disputavam uma cadeira na ALEP, a começar por Evandro Araújo (Imagem 16). Diferentemente de Diego Garcia, que adotou tons predominantemente marianos no santinho, isto é, o azul e vestiu-se de maneira sóbria, fugindo de quaisquer evocações a elementos que pudessem ser confundidos com partidos de esquerda, Evandro veste vermelho. Decerto, conjecturamos, a adoção dessa cor não terá expreso – ao menos não naquele momento sufrágico – uma proximidade com partidos progressistas, pelas razões religiosas e estratégicas que já exploramos, ainda que, uma vez eleito, adotará uma pauta, até certo ponto, revolucionária, em comparação com a que se implementará do colega federal (SEXUGI; MEZZOMO; PÁTARO, 2018). O vermelho eleitoral de Evandro Araújo é o mesmo litúrgico dos paramentos católicos da Solenidade de Pentecostes (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2002), festividade do calendário cristão que faz “recordar e reviver a efusão do Espírito Santo sobre os Apóstolos e sobre os outros discípulos, reunidos em oração com a Virgem Maria no Cenáculo” (FRANCISCO, 2018) e pela qual os carismáticos têm grande apreço. Dessa maneira, a camisa escarlate de Araújo

evocaria as línguas de fogo que desceram sobre os protocristão e que, alegadamente, continua a descer sobre os carismáticos. Tanto é assim que o ícone que simboliza o Espírito Santo é composto a partir da junção de sete chamas de fogo de tons avermelhados: uma alusão aos sete dons carismáticos do Espírito Santo: “sabedoria, inteligência, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus” (JOÃO PAULO II, 1993, parágrafo 1831). O algarismo “7”, aliás, aparece em destaque, em outra cor, na parte inferior do santinho no número do candidato (20720). Diga-se de passagem, o número sete costuma ter um apelo forte entre os cristãos, especialmente entre os católicos: além dos carismas já citados, também são sete os sacramentos, os pecados capitais, as virtudes cristãs, as dores de Maria, as falas dela no Evangelho, as frases do Crucificado, as trombetas do Apocalipse que anunciam o mesmo número de flagelos. Dar destaque a esse número que, na Bíblia, “é símbolo de plenitude” (JOÃO PAULO II, 2004), para que possa ser digitado na urna eletrônica por católicos parece mesmo uma boa estratégia.

Importa sublinhar ainda que as cores do PSC, partido ao qual Evandro se vincula desde 5 de outubro de 2013 (TSE, 2016), são o verde e o branco. Porém, as predominantes no panfleto são o verde e o amarelo, numa possível tentativa de aproximar o candidato de uma base eleitoral cujo sentimento patriótico se confundirá, com mais clareza nas conturbadas eleições de 2018, com o ufanismo que vê nas cores da bandeira a salvação política do Brasil. Ainda que, quiçá, Evandro Araújo demonstre não comungar dos ideais do eleitorado dito “patriótico” a que, supomos, a RCC almejasse votos, o emprego do verde-amarelo característico do pensamento ultraconservador no Brasil no material do candidato não reflete inclinações particulares, já que, na “política, o gosto pelas cores não se dá como uma preferência pessoal” (OLIVO, 2004, p. 3), mas porque “o papel da cor-informação e sua relação com as campanhas eleitorais demonstram as intenções que ela carrega” (OLIVO, 2004, p. 4).

À semelhança do material de Diego Garcia, o símbolo do partido de Evandro também não tem destaque, pelas mesmas razões estratégicas. Mais: ainda que a sigla do PSC apareça dentro de um *Ichthys*, ou seja, o desenho de um peixe que serviu como primeiro sinal a identificar os cristãos desde as catacumbas de Roma (CARLETTI, 2009), tem mais apelo entre os evangélicos, que o adotam como simbologia. O peixe aparece na logomarca da Convenção Batista Brasileira e, de modo estilizado, na da Assembleia de Deus. Não convém enfatizar esse símbolo cristão já que não há votos em potencial entre os membros dessas igrejas.

A inexistência de signos religiosos nos materiais de Gessani (Imagem 17) e Jura

(Imagem 18) coincide com a ausência de financiamento declarado de campanha realizado pelo coordenador estadual do MFP, Reinaldo Batista: ele e familiares, sócios proprietários de uma empresa especializada em formatura, patrocinaram, segundo dados divulgados pela Justiça Eleitoral, as campanhas de Evandro e Diego, que saíram vitoriosas das urnas. Isso somado à qualidade superior dos materiais destes pode sinalizar uma atenção maior da parte da hierarquia da RCC em relação aos que obteriam o melhor resultado, em detrimento daqueles. Por outro lado, a ausência de signos religiosos no material publicitário eleitoral de Jura e Gessani poderia representar uma tentativa de superar o que Gomes chama de “proliferação de símbolos” (2002, p. 2) sem nenhum significado político, para dar lugar a “logotipos, slogans, cores e até [...] programas personalizados de candidatos” (GOMES, 2002, p. 2), como, de fato, se percebe do material recortado.

De qualquer maneira – e, quem sabe, resida aí uma das razões de não terem sido eleitos – o fato de esse material de campanha de Jura e Gessani equiparar-se ao daqueles que “não se preocupam quase nada com a linguagem não verbal e com a linguagem visual” (GOMES, 2002, p. 2) configura um deslize e “talvez uma incomunicação” (GOMES, 2002, p. 3).

Ainda assim, mesmo que não usem símbolos religiosos nos materiais citados, o discurso carismático está presente: Gessani – que não usa crucifixo na foto oficial – lembra que seu ingresso na vida pública se deu mediante iniciativa da RCC, que o teria indicado para concorrer como vereador em 2004, cargo que só assumiria em 2008 e em 2012, sempre com o suporte do MFP. Há também no seu material alusões a uma mensagem do Papa sobre política, elemento que exploraremos mais à frente.

A exemplo de Gessani, Jura (Imagem 18) também não recebe ajuda eleitoral dos símbolos religiosos. Não fosse pelo verbo “renovar”, que o vincularia longinquamente à Renovação Carismática Católica no panfleto, não há nada nesse material que possa servir como chamariz religioso. Outro material, esse sim, com personagens respeitadas pelos católicos foi apresentado ao público carismático no decorrer da campanha, o qual será detalhado oportunamente.

O apelo iconográfico presente no *marketing* da campanha de Diego Garcia e Evandro Araújo, a partir da apropriação de significantes religiosos, não apenas serve para imprimir autoridade e legitimidade ao discurso, como também reforça a noção identitária dos membros do segmento religioso a que se almeja apoio nas urnas. Robustece, para além disso, o que Libanio (2002, p. 246) chama de “religiosidade do simulacro”, fortemente atrelada à sociedade de consumo, no qual se falseia uma “presença ausente”. Dessa maneira, a

campanha, de certa forma,

gera a ilusão da presença do objeto na sua simulação. Atua sobre a fé de maneira duplamente negativa. Ou faz que se creia no que não existe – teríamos uma espécie de idolatria, acreditando na realidade divina de uma ficção. Ou esvazia o papel sacramental das realidades da fé. [...] estabelece a possibilidade de uma articulação entre a “res” e o “signum”.

A cultura do simulacro deturpa a compreensão do sacramento. Atribui sacramentalidade a realidades que não a têm. Pensa que é sacramento o que não é. Ou não valoriza o sacramento, quando ele é, porque banaliza os sinais. (LIBANIO, 2002, p. 246).

Ocorre, portanto, senão uma dessacralização de signos exclusivos da fé católica, um visível alargamento de seu significado, isto é, uma ressignificação do símbolo, para confins mais abrangentes e menos incorpóreos, na construção do que podemos chamar de “política benta”, que não é nem cópia nem repetição do poder matricial da política e da religião, mas um simulacro autocéfalo.

Ao aproximar signos católicos aos eleitorais, atribui-se um sentido moderno ao *faciamus* do Gênesis. Uma nova representação do político e do religioso é modelada à imagem e semelhança da canônica: uma para-sagração que confere legitimidade divina e secular ao discurso do candidato da Igreja, “na medida em que o interesse político [...] subsiste dissimulado” (BOURDIEU, 2007, p. 54).

Há outros materiais em que a apropriação do sagrado pelo eleitoral se evidencia na campanha. É o caso de um *folder* sobre Diego Garcia (Imagem 22), no qual se divulgam a biografia do candidato e o apoio que recebe de lideranças de seu movimento. Nele, no entanto, o emprego da religião não se dá pelos signos, mas por meio da adoção de um estilo discursivo à moda bolandista<sup>54</sup>, que não se verifica em materiais similares dos demais candidatos carismáticos de 2014.

---

<sup>54</sup> Termo pelo qual é denominado um grupo de jesuítas eruditos do século XVII, também chamado de *Société des Bollandistes*, que trabalharam na compilação dos *Acta Sanctorum*, uma compilação da biografia dos santos católicos, sob a coordenação do padre belga Jean Bolland. São os responsáveis pela criação da revista bruxelense de análise hagiográfica *Analecta Bollandiana*, publicada ainda hoje. (VRIENDT et al., 2009).

## Imagem 22 – Folder com a biografia de Diego Garcia

# UMA TRAJETÓRIA PAUTADA NA FÉ



### QUEM É DIEGO GARCIA?

Diego Garcia tem 29 anos e é casado com Beatriz Pinto Garcia. Ele é um jovem visionário, capaz de lutar pelos anseios da juventude brasileira e pelos direitos de todos. “Minha luta será pela renovação da política e atuarei, intensamente, em defesa da dignidade da pessoa humana, da família e dos princípios cristãos” reforça Diego Garcia.

A vida de Garcia é carregada de desafios. Passou sua infância e adolescência na cidade de Andirá-PR. Apesar de amar o Norte Pioneiro do Paraná, aquela região era pequena para um jovem que sonhava alto. Como todo menino, Diego almejava ser jogador profissional de futebol. Aos 14 anos, ele tomou as rédeas da própria vida e correu atrás de seu sonho. Conseguiu! Jogou em vários clubes pelo Paraná, São Paulo e Santa Catarina.

Em 2003, Diego lesionou o joelho, quando representava o Esporte Clube Comercial, de Cornélio Procopio, e precisou submeter-se a uma cirurgia. Ele retornou à casa dos pais, em Andirá, porque precisava do apoio familiar durante o período pós-cirúrgico. Não seria esse motivo que o levaria a abandonar o futebol. Foi por um ideal maior. “Nessa época, passei a frequentar a Igreja Católica e parti-

cipei de um encontro de experiência de oração, promovido pela RCC. Na ocasião, tive uma experiência profunda do amor de Deus. Recebi a cura do meu joelho e decidi esquecer o futebol. Naquele fim de semana, Deus falou ao meu coração”, relata.

### RENOVAÇÃO

Diego Garcia seguiu em frente. O grupo de oração da Paróquia São Sebastião, de Andirá, o acolheu. “A partir dessa escolha, Deus abriu portas para um novo caminho em minha vida”, diz. Com as esperanças renovadas, após quatro anos de dedicação à igreja, Diego Garcia ganhou um presente: em 2007, o jovem foi escolhido como o novo coordenador da paróquia São Sebastião. Em dois anos, o jovem passou a coordenar o Decanato de Bandeirantes (formado por oito cidades com nove paróquias).

Em 2010, Garcia foi eleito o coordenador da Renovação Carismática Católica (RCC) da Diocese de Jacarezinho, composta por trinta cidades. Esta oportunidade causou uma mudança radical na vida dele. “Todas essas ordenações foram muito importantes na minha vida pessoal, pois busquei constantemente as formações humanas e espirituais. Amadureci muito e passei a amar, ainda mais, a Deus, a Igreja e as pessoas”, acentua.

### NASCE UMA VIDA POLÍTICA

No ano de 2010, a RCC/PR lançou o projeto do Ministério de Fé e Política, oportunidade em que Diego Garcia passou a valorizar mais as questões políticas. Ele foi convidado a representar a Igreja Católica na Conferência Nacional de Políticas Públicas da Juventude, realizada em Brasília.

Na ocasião, Diego foi escolhido delegado para representar o seguimento religioso e debater as diretrizes elaboradas em duas etapas anteriores. No evento, os participantes discutiram vários projetos importantes, entre eles, a proposta de legalizar e descriminalizar o aborto. “Eu me posicionei contra a proposta de legalizar e descriminalizar o aborto no Brasil, porque defendo o direito à vida e a dignidade da pessoa humana”, ressalta Diego Garcia.

Aumentou, então, o interesse pela política. “Voltei de Brasília determinado a engar-me em outras causas. Nesse período, senti forte o quanto eu me identificava com a vida política” destaca o candidato. Depois disso, Garcia continuou a procurar capacitação. Determinado, ainda em 2011, filiou-se ao Partido Humanista da Solidariedade (PHS), esperando uma oportunidade para integrar o meio político.

Inspirado por uma multidão de incentivadores, Diego Garcia resolveu doar-se pelo povo e por um projeto de Deus. “Em 2013, fui indicado por líderes da RCC de 25 cidades que pertencem à Diocese de Jacarezinho, como um nome para o Projeto de acompanhamento de leigos da RCC do Estado do Paraná”, comenta. Em março de 2013, Diego Garcia foi escolhido, por unanimidade, pelos 18 coordenadores diocesanos para ser candidato a Deputado Federal, numa Assembleia Estadual da RCC.

Dep. Federal  
**DIEGO GARCIA 3131**

Fonte: Perfil no Facebook do então coordenador do MFP/PR<sup>55</sup>.

As etapas de vida de um “jovem visionário”, ex-jogador profissional de futebol, são descritas no *folder* como numa narrativa hagiográfica, que “é mais do que uma biografia. Esta incide muito em aspectos de natureza essencialmente historiográfica [...]. Aquela propõe um programa moral” (REBELO, 2004, p. 136): são memórias bucólicas e testemunhos envernizados da vida de um bem-aventurado. Parece-nos, porém, que a hagiografia é aqui empregada não apenas para imprimir beatitude ao candidato, mas, especialmente, para

<sup>55</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2FPELOD>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

tonificar no (e)leitor a ideia de que os laços entre ele e o movimento carismático são resistentes e antigos.

Tal apelo ao discurso hagiológico deve-se ao fato de que a hagiografia

é, pois, indissociável do contexto religioso, político e sócio-cultural do santo biografado: do seu local de culto, da sua terra natal, da sua família, da nação a que pertenceu, da ordem ou movimento religioso onde professou, das intenções ou interesses dos promotores da sua causa, do autor da hagiografia ou de quem a encomendou. É nesse sentido que Réginald Grégoire declara que a hagiografia é uma ‘historiografia apologética, dotada de uma finalidade didáctica, elaborada sobre a noção de virtude pessoal e social, individual e colectiva’. (REBELO, 2004, p. 132).

No impresso, mais até que na biografia dos santos, a história pré-querigmática do jovem candidato também é idealizada. Ainda que o único fato relatado da adolescência seja mesmo a carreira esportiva – precocemente interrompida por uma lesão no joelho – o texto afirma que sua vida “é carregada de desafios”, sem, conquanto, elencá-los. Seja como for, o episódio frustrante na carreira do craque, de certo modo, flerta intertextualmente com a queda de Saulo a caminho de Damasco ou com a inesperada captura do Soldado de Assis pelo exército de Perúgia: graças a esses providenciais obstáculos, é que cada qual teve “uma experiência profunda do amor de Deus”, como se relata no texto. Conforme Rebelo (2004, p. 136), vale sublinhar que, “Quando o hagiógrafo descreve a vida do seu biografado segundo as características de um de um modelo anterior, aproxima-se do conceito de ‘vidas paralelas’ ainda que de forma inconsciente ou implícita”. Dissemina-se, portanto, a ideia de que o retratado é digno de fé, já que sobre sua cabeça repousa, alugada, a auréola do Apóstolo Paulo e de Francisco.

Quando se cunha num mesmo níquel o que é de Deus e o que é César para fins sufrágicos, ou seja, quando “se verifica uma fusão dos objectivos religiosos e políticos [...]. Nestes casos, o hagiógrafo procura salientar a condição de crente do biografado” (REBELO, 2004, p. 157).

É exatamente essa condição que se impulsiona sob o subtítulo “Renovação”, no qual o postulante elenca algumas recordações concernentes à sua escalada na hierarquia carismática. A hagiografia dá aqui espaço a um estilo que, respeitadas as devidas limitações literárias, emula as famosas Confissões agostinianas. A franqueza do santo de Hipona no seu livro autobiográfico, justiça seja feita, não fosse quiçá a mesma, caso quisesse depender do êxito em sufrágios seculares. Afinal, importa que a reputação do candidato, como sugere sua etimologia, seja “cândida”, eximindo-se de qualquer suspeita, máxime quando se almeja

representar um grupo social que se quer espiritualmente renovado.

Esse verniz com que o MFP pintou a trajetória de vida de Diego Garcia de modo a aureolizá-lo não se repetiu no material biográfico de Gessani, já apresentado na Imagem 16 – onde se narra, em primeira pessoa, sua trajetória religiosa sem, contudo, ostentar virtudes heroicas –, nem no de Evandro Araújo (Imagem 23) – apesar da *quote* do Papa Francisco – e no de Jura (Imagem 24) – ainda que ilustrado pela presença do fundador nacional da RCC, Pe. Eduardo Dougherty, sj, e ladeado por propostas majoritariamente conservadoras – num estilo textual que lembra muito mais o de *curriculum vitae* do que propriamente o do Martirológio Romano, e que parece ilustrar, numa leitura possível, o que Hervieu-Léger (2008) classificou como “modernidade religiosa”, na qual predominam a subjetivação e a individualização da crença.

**Imagem 23 – Currículo de Evandro Araújo**

**Saiba mais sobre o Evandro Araújo...**

**Evandro José da Cruz Araújo**, 40 anos, Casado, Professor Universitário, Mestre em Administração. Foi Vereador e Vice-Prefeito em Marialva. Em 2010 obteve 34.169 votos ficando na primeira suplência de Deputado Estadual. Novamente foi escolhido para ser candidato a Deputado Estadual acompanhado pelo Conselho Estadual da RCC (Renovação Carismática Católica), movimento que participa desde 1991.

**Evandro Araújo fará como deputado no Paraná...**

A principal proposta do Evandro é cumprir a função do Deputado Estadual, mas isso vai além de fiscalizar e legislar. Atuará firme no processo legislativo, discutirá e proporá ao Governo do Estado políticas que atendam às reais prioridades do Paraná. O Evandro trabalhará por um planejamento orçamentário que corresponda àquilo que realmente os paranaenses precisam, por exemplo, nas áreas da Educação, Saúde, Segurança Pública, Programas Sociais e, principalmente, do Desenvolvimento Econômico.

*“Devemos envolver-nos na política, pois a política é uma das formas mais altas da caridade, porque busca o bem comum” (Papa Francisco).*

**Evandro Araújo** Deputado Estadual **20720**

Coligação: Todos Pelo Paraná  
(PSDB|PROS|DEM|PSB|PSD|PTB|PP|PPS|P3C|PR|SD|PSL|PSDC|PMN|PHS|PEN|PTdoB)

Fonte: Perfil de Reinaldo Batista no Facebook<sup>56</sup>.

**Imagem 24 – Currículo de Jura**

**Atuação Social / Inicativas**

Membro do Conselho da Renovação Carismática do Paraná;  
Membro do Conselho Econômico da Arquidiocese de Curitiba;  
Membro da ADCE/Brasil - Associação de Dirigentes Cristãos de Empresa;  
Apresentador da TV RS21 (Programa Pesca e Prosa) em Rede Nacional;  
Apresentador da TV Evangelizar É Preciso (Programa Nosso Mundo) em Rede Nacional;  
Membro da Casa Pró-vida Curitiba - Representante da Bio-política e mantenedor;  
Agente da Pastoral da Saúde da Arquidiocese de Curitiba/ Formação Biológicas;  
Paróquia São João Batista Precursor - Membro do Grupo de Oração Bodas de Caná;  
Última Formação: Extensão Universitária Teologia Pastoral.

**Atuação Profissional**

Industrial sócio-proprietário das empresas:  
Filtros Mill www.filtrosmil.com.br  
Petroleum Protection www.petroleumprotection.com.br  
Pousada Villa Maria www.pousadavillamaria.com.br

**Responsabilidade Social / Parcerias**

Hospital Erasto Gaertner, Comunidade Copiosa Redenção, Hospital Pequeno Príncipe, Comunidade AMI, Fonte da Misericórdia, ADCE Brasil entre outras.

**Missão**

- Defesa contra a desconstrução e descaracterização da família tradicional, homologação de leis de reconhecimento do valor da família e que mantenham a definição constitucional do matrimônio.
- Lutar pela vida com amor social, a caridade cristã, defesa incondicional da pessoa humana desde a sua concepção até seu desfecho natural (*não ao aborto*), uma segurança social justa e protetiva a todos os cidadãos, cuidados especiais aos deficientes físicos e aos idosos, propor a instalação da CPI do aborto para investigar os financiamentos internacionais de ONGS feministas em nosso País.

**Projetos**

**Política Habitacional amiga da família**  
Priorizar a família nos programas de habitação estabelecendo como prioridades a estabilidade do v número de filhos e o grau de necessidades tendo em moradia anterior.  
Elegar a família como parceira das políticas habitacionais tal que possa participar ativamente na elaboração da casa e da sua construção (multirão). Dessa forma a casa torna-se verdadeiramente uma morada e as pessoas apropriam daquele bem, incentivando o protagonismo de quem implicar num maior cuidado da mesma.

**Política de emprego amiga da família**  
Criar programas de aperfeiçoamento profissional para a família e jovens. (cursos, formação regional) etc...  
Priorizar trabalhadores membros de famílias especiais quando numerosos.  
Valorização digna do trabalho às mães nos primeiros 02 anos dos filhos.

**Empresa amiga da família**  
Conceder incentivos fiscais as empresas que dispõem berçário e creche para filhos de funcionários, para fruição e amamentação e o relacionamento da mãe com o filho.  
Dar incentivos fiscais as empresas que reduzem o horário de trabalho de suas funcionárias mães nos primeiros 02 anos dos filhos.

**Meios de comunicação amigos da família**  
Estabelecer novos critérios para atribuir verbas da programação televisiva para programas televisivos que favoreçam os valores familiares.  
Priorizar o financiamento de filmes, peças de teatro e culturais que reconheçam e promovam os valores de estrutura e ampliar as redes católicas de rádio e tv.

**Sistema educacional amigo da família**  
Repensar conteúdos programáticos mais respeitosos das famílias.  
Redução de impostos a escolas particulares.  
Liberdade de escolha para os pais quanto ao ensino confessional e plural.  
Erradicar o analfabetismo e promover inclusão social e cidadania.

**Projeto Social**

- Apresentar plano que torne crime o fato de alguém atos religiosos para enganar a boa fé das pessoas que que proíba a exposição humilhante e sensacionalista de crianças e doentes pelos veículos de comunicação. E anunciar o verdadeiro evangelho de Jesus Cristo.

*“Eis o motivo por que te suscitei, para mostrar em poder e para que anuncie o meu nome por toda a terra”*  
Rom.

**Pe. Eduardo Dougherty**  
TV Seculo 21

Fonte: Perfil de Reinaldo Batista no Facebook<sup>57</sup>.

Não basta, entretanto, que os relatos da vida do candidato partam só de si, porque, como sustenta o Evangelho, “Se eu dou testemunho de mim mesmo, meu testemunho não vale” (Jo 5,31). É então que ícones do movimento carismático – fundadores e lideranças –

<sup>56</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/cCwzeo>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>57</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/KAu8yH>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

aparecem no material dos candidatos oficiais para testificar, consensualmente, a imagem que se pretende esculpir do candidato.

Essa estratégica aparição de lideranças carismáticas – no material eleitoral dos candidatos e nas redes sociais – será explorado a partir de agora, quando nos aprofundaremos no desenvolvimento da campanha eleitoral do movimento carismático em 2014.

### **3.2 O desenvolvimento da campanha e o apoio de lideranças da Igreja Católica**

Se o MFP do Paraná abriu um caminho alternativo para, num sentido amplo, continuar levando a Roma o Estado brasileiro, é certo que isso não se deu apenas por parte das lideranças leigas e ordenadas do movimento carismático, mas também pela atuação efetiva de muitos servos que, voluntariamente, contribuía, à sua maneira e conforme suas possibilidades, colocando pelo menos um paralelepípedo nessa moderna vereda romana. No entanto, ainda que o trabalho dos leigos carismáticos – os quais, na condição de eleitores, ainda centralizam poucas pesquisas (MIRANDA, 2015) que, desde Sylvestre (1983), parecem atrair-se mais pelo voto evangélico (BURITY; MACHADO, 2006; GRIGOLI; CASSOLI, 2012) – tenha sido fundamental para o sucesso de tal construção, como demonstraremos mais à frente, a participação de celebridades carismáticas no decorrer da Via Sacra eleitoral foi basilar, uma vez que garantiu para os eleitores a inspiração divina dos quatro unguídos.

Assim, Dom José Luís Azcona Hermoso, prelado referencial da RCC no Brasil, cantores famosos da Comunidade Canção Nova, como Dunga, pregares respeitados nesse movimento católico, como Ironi Spuldaró, e muitos outros confirmam as virtudes heroicas dos candidatos, dando um *imprimatur* ao impresso eleitoral, ou seja, chancelam a suposta eleição divina, como aponta a Imagem 25, para que se garanta a que mais interessa: a humana.

## Imagem 25 – Apoiadores de Diego Garcia

### UNINDO FORÇAS PELA RENOVAÇÃO

**Além do bispo de Jacarezinho, outras lideranças da Igreja Católica também apoiam Diego Garcia:**



"É uma perspectiva segura apoiar o Diego Garcia com nosso voto. Eu o apoio firmemente porque sei que é um jovem que não tem medo de encarar este desafio, pois ele manifesta a parresia e a fortaleza do novo pentecostes. É um candidato excelente, bendito seja Deus".  
**Dom Azcona, Bispo no Marajó**



"Eu acredito na força do Jovem, eu acredito na juventude eu acredito no Diego Garcia".  
**Dunga, integrante da Comunidade Canção Nova.**



"Peço que você abrace esta causa e juntos possamos dar esta resposta católica em defesa da vida e dos princípios Cristãos. Conquiste mais pessoas para votar, pois o seu voto faz a diferença. Vote no Diego Garcia".  
**Ironi Spuldaro, Missão Há Poder de Deus**



"Irmão, eu coloco o nome de Diego Garcia como uma opção segura pra você votar para Deputado Federal. Ele tem testemunho de vida. Eu peço a você que esteja junto com este projeto dando um voto consciente ao irmão Diego Garcia".  
**Sérgio Zavaris, Coord. Nacional do Ministério de Fé e Política da RCC**



"Se queremos mudança na nossa sociedade e sabemos que existe tantas dificuldades, precisamos abraçar este projeto e o nome do Diego Garcia para Deputado Federal. É uma oportunidade que temos como católicos de fazer valer o nosso voto. Eu conto com você, com seu apoio e a sua multiplicação".  
**Vera Lúcia Ximenes, Pres. do Conselho Estadual RCC do Paraná**



"O Diego tem se destacado um grande líder. Ele é uma opção segura e tem todo o nosso apoio. Quem se mobiliza hoje para fazer acontecer este projeto está evangelizando, eu conto com a sua participação e seu apoio".  
**Luiz César Martins, Coord. nacional do Ministério de intercessão da RCC Brasil.**

Dep. Federal

## DIEGO GARCIA 3131

Fonte: Perfil no Facebook do então coordenador do MFP/PR<sup>58</sup>

No caso de Diego, trata-se dos expoentes da “multidão de incentivadores” que o instigou a “doar-se pelo povo e por um projeto de Deus”, numa declaração canônica, mimética, de mérito *ante mortem*. Confere-se, assim, legitimidade, autoridade e benção ao candidato da Renovação.

Não fossem as menções expressas ao nome do candidato e das caras e bocas que mesclam serenidade e inocência, não seria de se estranhar que o Jovem de quem falam os ilustres carismáticos elencados no folheto fosse o mesmo o Carpinteiro de Nazaré! Que outro, senão Ele, “manifesta a parresia e a fortaleza do novo pentecostes”, como testemunha Dom Azcona? O fato é que, ao emprestar do perfil de Cristo o termo grego, “bela expressão tipicamente cristã” (JOÃO PAULO II, 1993, parágrafo 2778), para incensar o perfil de Diego, o bispo testemunha que o pregador carismático também possui “simplicidade sem desvio,

<sup>58</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2FPELOD>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

confiança filial, segurança alegre, ousadia humilde, certeza de ser amado” (JOÃO PAULO II, 1993, parágrafo 2778): é como o Catecismo da Igreja Católica define o nominativo clássico “*parrêsia*”.

As semelhanças, todavia, entre o Pregador de Nazaré e o de Andirá, cidade natal de Diego, nesse material não param por aí, não apenas porque se fala de “um grande líder” – como sustenta o coordenador nacional do Ministério de Intercessão, Luiz César Martins – que tem “testemunho de vida” – conforme depoimento de Vera Lúcia Ximenes, presidente do Conselho Estadual da RCC/PR –, mas, principalmente, porque se trata de alguém que merece crédito, ou melhor, um credo: “Eu acredito na força do Jovem, eu acredito na Juventude, eu acredito no Diego Garcia”, diz no material o cantor e apresentador Dunga, ao confirmar a boa índole do jovem que almeja conciliar, no Parlamento, Cristo e Pilatos, ou seja, religião e política.

Nesse aspecto, Diego não é privilegiado na comparação com os colegas candidatos da RCC, que também receberam algum tipo de apoio. É o caso de Jura, que se amparou na figura popular do rádio-padre Reginaldo Manzotti, como ilustra a Imagem 26, retratando um segundo material gráfico, melhor elaborado em relação ao seu primeiro.

Imagem 26 – Capa do panfleto de Jura



Fonte: Perfil no Facebook de membro da RCC<sup>59</sup>.

Imagem 27 – Contracapa do panfleto de Jura



Fonte: Perfil no Facebook de membro da RCC<sup>60</sup>.

<sup>59</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/KAu8yH>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

Nesse panfleto, em cuja capa, talvez aleatoriamente, predominam o amarelo-vaticano e o azul mariano, Pe. Reginaldo Manzotti, com dedos indicador e médio levantados em posição professoral – à moda iconográfica bizantina do Cristo Pantocrator<sup>61</sup> – apresenta seu mandamento aos carismáticos, isto é, um pedido explícito para que se anuncie um nome: não o de Jesus, mas o de Jura: “Queridos filhos e filhas de Deus, peço que vocês meu irmãos façam chegar o nome do Jura nos ambientes que vocês frequentam, para que possamos no dia 5 de outubro ter pessoas de bem na Assembleia Legislativa do Paraná”. Com isso, o sacerdote não apenas abençoa sua candidatura, mas tenta inseri-la como meta de uma cruzada pela (re)conquista da nova Jerusalém, ou seja, o Parlamento Paranaense.

Como se vê pela Imagem 27, Manzotti não é isolada “voz a clamar no deserto” (Lc 3,4) pela preparação do caminho político do Senhor a ser percorrido por Jura. Antes, o pescador de Curitiba é apresentado literalmente “no meio de uma grande nuvem de testemunhas” (Hb 12,1), leigas e ordenadas, que testificam desde sua missão divina em trabalhar pelo Reino de Deus – segundo depoimento do Pe. Emerson Azevedo – e benevolência – nas palavras do Pe. Osni Pavão dos Anjos – à sua miraculosa incapacidade de decepcionar – como garante o padre Valter Roberto Pereira. Afinal, Jura é, de acordo com Pe. Kleina, “um católico de verdade”, porque demonstra ser “um homem de Deus, de fidelidade comprovada à Igreja”, na avaliação da coordenadora estadual, Vera Lúcia Ximenes, opinião reafirmada pelo coordenador arquidiocesano da RCC de Curitiba, que conhece sua luta de “homem de Deus”. Como o eleitor carismático se atreveria a não confiar em alguém tão caridoso – nas palavras de Frei Gonzaga –, que luta pela vida – conforme assevera Pe. Silvio – e com tanta disposição em servir ao Reino de Deus – bem como afirma Ironi Spundaro – na ALEP?

Tal fama de santidade com que a liderança carismática coroa Diego e Jura também é assentada, com menos glória e sem gastar muito latim, sobre a cabeça de Gessani – Imagem 28 – e de Evandro – Imagem 29 – nos materiais divulgados via Facebook.

---

<sup>60</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/KAu8yH>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>61</sup> O Pantocrator é a primeira representação paleocristã da imagem convencional de Jesus Cristo: um homem moreno severo de barba e cabelos longos, segurando um livro na mão esquerda enquanto a direita faz como que um gesto docente.

**Imagem 28** – Apoiador de Gessani

Fonte: Página no Facebook de Gessani<sup>62</sup>.

**Imagem 29** – Apoiadores de Evandro

Fonte: Perfil no Facebook de Reinaldo Batista<sup>63</sup>.

No caso de Gessani, um padre – Edvaldo Donado Bernardo, pároco em Serranópolis do Iguaçu – é chamado a apresentar seus predicados de “homem de família, católico praticante e com carinho especial para com os jovens” e sua vocação divina de “divulgar valores humanos e cristãos, engajado no projeto fé e política da RCC”, numa tentativa de vinculá-lo não só à RCC, mas também a “um projeto de renovação ética na política”, que reverbera as conclusões de Machado (2006) sobre as pretensas motivações catequéticas do movimento católico no converter-se em político entre os políticos.

Ainda que menos matizados se comparado ao de Diego Garcia, persistem no testemunho elogioso a Gessani elementos perceptíveis da tradição biográfica católica: já não mais hagiográficos, mas panegíricos<sup>64</sup> – cuja função “foi sempre política” (ALVES, 2009) –, uma vez que silencia “aspectos menos positivos ou mesmo negativos da vida do retratado” (REBELO, 2004, p. 135), porquanto o depoimento do sacerdote sobre o candidato “está vinculado ao retrato ideal da pessoa que ele pretende descrever” (REBELO, 2004, p. 135).

<sup>62</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/MzyUYG>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>63</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/TzkJCd>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>64</sup> De acordo com Couto, o panegírico, na Roma Antiga, “tinha como fim o louvor individual do cidadão que se distinguira na comunidade e propunha, indirectamente, o exemplo do homem ilustre aos olhos dos seus contemporâneos e das gerações vindouras” (2003, p. 687).

Como se vê, nesse material de Gessani – o único laudatório disponibilizado na internet – os louvores estão mais para jaculatória, se comparados às exageradas ladainhas com que o MFP benze a imagem canônico-política de Diego Garcia e Jura.

Quanto a Evandro Araújo, é o coordenador estadual do MFP, Reinaldo Batista, quem reforça o pedido de votos, ainda que tímido, na comparação ao dos demais candidatos. Ao lado do irmão e sócio, Romildo Batista, da vereadora Sandra Agostinho (PDT) e do coordenador do MFP na Diocese de Campo Mourão, Oderban Agostinho, Reinaldo apresenta Evandro, ao lado de Diego Garcia, como alguém que “defende a vida, a família e a dignidade da pessoa humana”, porque respondeu positivamente a uma “vocação sublime, capaz de transformar a vida das pessoas”, de acordo com o que se lê no material gráfico.

Se o apoio da parte da liderança parece acanhado e pouco visível no material de campanha de Gessani e Evandro, o mesmo não se pode dizer dos servos que, seguindo a distribuição geográfica estabelecida pelo comando central do movimento, abraçaram suas respectivas candidaturas com desassombro e entusiasmo, pondo em execução tudo o que proposto e planejado em 2013.

Dessa maneira, para que a Igreja Católica fosse reintronizada, de umbrela e tudo, nos epicentros do poder, foi preciso que, antes, pela RCC, suas candidaturas oficiais fossem arrastadas, com santinho e tudo, literalmente para dentro das estruturas eclesiais, até então, imaculadas eleitoralmente no Paraná. É por isso que, na campanha eleitoral de 2014 no Paraná, sacristias e salões paroquiais foram, sem embaraço, convertidos em comitês eleitorais de Diego Garcia, Evandro Araújo, Jura e Gessani. E engana-se quem pensa que o afrouxamento do sagrado para fazer caber o político se deu de maneira discreta: em verdade, servos e servidos, coordenadores e coordenados passaram a “proclamar sobre os telhados” (Mt 10,27), isto é, a divulgar nas plataformas sociais, com orgulho e regozijo, tudo o que se referia à difusão da campanha, a começar pela montagem, nos ambientes religiosos, do “Kit Sementinha” (RCC/PR, 2013, p. 2), que pode ser visto nas Imagens 30, 31, 32 e 33.

**Imagem 30** – Kit Sementinha na Diocese de Umuarama



Fonte: Página no Facebook de um assessor parlamentar ligado à RCC<sup>65</sup>.

**Imagem 31** – Apresentação do Projeto Sementinha aos coordenadores da Diocese de Umuarama



Fonte: Página no Facebook de um assessor parlamentar ligado à RCC<sup>66</sup>.

**Imagem 32** – Montagem no Santuário do Divino Espírito Santo em Ribeirão do Pinhal



Fonte: Página no Facebook de um membro do Grupo de Oração Emanuel<sup>67</sup>.

**Imagem 33** – Montagem no Santuário do Divino Espírito Santo em Ribeirão do Pinhal



Fonte: Página no Facebook de um membro do Grupo de Oração Emanuel<sup>68</sup>.

A interpenetração religião e política em 2014 no Paraná, vale o destaque, encontra nessas fotos, especialmente na Imagem 30, uma representação precisa que, de tão poética e chocante, encontra um possível paralelo na harmonização dos afrescos escandalosos – porque mundanos – de Michelangelo com os traços clássicos – e devocionais – de Rafael, Perugino e Botticelli, na mesma Sistina. Se, em relação à amálgama artística do sagrado com o profano em espaços litúrgicos, a alta hierarquia católica impôs limites, “evitando com sábio equilíbrio o excessivo realismo de uma parte e o exagerado simbolismo de outra” (PIO XII, 1947, parágrafo 179), no caso da mistura Bíblia-santinho-rosário, por sua vez, não se verificou nenhuma censura episcopal. Ao contrário! Não só não se têm notícias de impedimentos à cessão de templos e ritos para uso eleitoral pelos leigos carismáticos, como os próprios bispos

<sup>65</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/Be4nFE>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>66</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2WvKH4L>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>67</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2DJAIuO>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>68</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/hh1Dsy>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

deram seu aval, ainda que discreto, ao posarem para fotos, dispostas abaixo, com os candidatos, para serem usadas em campanha nas mídias sociais.

**Imagem 34** – Dom Mauro, presidente da CNBB Regional Sul II, com Diego Garcia, Gessani e lideranças em Cascavel



Fonte: Perfil no Facebook de Reinaldo Batista<sup>69</sup>.

**Imagem 35** – Dom Antônio, bispo de Jacarezinho, com Diego e Evandro



Fonte: Perfil no Facebook de Reinaldo Batista<sup>70</sup>.

**Imagem 36** – Dom Manoel, bispo de Cornélio Procopio, com Diego Garcia



Fonte: Página no Facebook de Diego Garcia<sup>71</sup>.

**Imagem 37** – Dom João Carlos, bispo de Toledo, com Gessani, Diego e lideranças



Fonte: Perfil no Facebook de membro da RCC<sup>72</sup>.

<sup>69</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2QZ12ei>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>70</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2RDIGWs>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>71</sup> Disponível em: <<https://bit.ly/2FzGyaK>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>72</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2QXAYjB>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

**Imagem 38** – Dom Antonio Wagner, bispo de Guarapuava, com Jura e pregadores



Fonte: Página Pregadores Diocese Guarapuava<sup>73</sup>.

**Imagem 39** – Dom Azcona, bispo prelado, com Diego e Evandro na pré-campanha



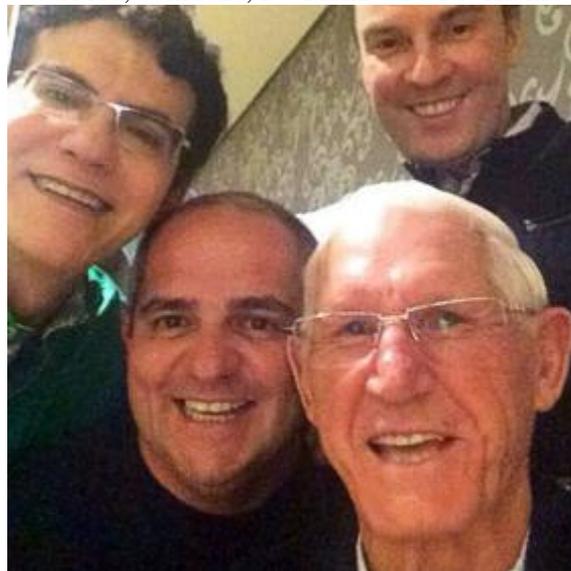
Fonte: Perfil no Facebook de membro da RCC<sup>74</sup>.

**Imagem 40** – Dom Anuar, arcebispo de Maringá, com Diego e Evandro



Fonte: Página de Diego Garcia<sup>75</sup>.

**Imagem 41** – Dom Moacyr, arcebispo de Curitiba, com Jura, Pe. Manzotti e Pe. Kleina



Fonte: Página de Pe. Reginaldo Manzotti<sup>76</sup>.

A pose dos candidatos ao lado de um legítimo “Sucessor dos Apóstolos”, título que “está na raiz do ministério pastoral do Bispo” (CONGREGAÇÃO PARA OS BISPOS, 2004) tem, por certo, um impacto eleitoral profundo entre aqueles que veem no episcopado católico, mais que pastores, uma extensão literal dos Doze, a quem se deve reverência e sujeição. Tê-los como apoiadores é meio caminho andado: qual político não gostaria de ter Santo André, São João ou São Judas Tadeu como cabos eleitorais? O fato é que a benção que as Excelências Reverendíssimas dão aos candidatos – habilidosamente explorada nas plataformas sociais – serve de chancela divina à entrada ruidosa dos santinhos no tabernáculo

<sup>73</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/kBqDFz>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>74</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2sAXXP>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>75</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2RWLjke>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>76</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2Hn19Rc>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

católico e, sobretudo, de exemplo para que os leigos façam o mesmo, sem nenhum constrangimento.

E os leigos carismáticos, à sombra outorgante de báculos e mitras por todas as circunscrições eclesiásticas do Paraná, receberam com disposição, dentro dos locais de culto, a cruz eleitoral que levariam, como Cirineus, até os cumes políticos de Brasília e Curitiba, de modo que um dilúvio de santinhos sem precedentes inundou capelas, paróquias, salões paroquiais, centros catequéticos e outros ambientes católicos utilizados pelos carismáticos para suas atividades, como demonstram as imagens a seguir, exemplificando o que Burity chama de “deslocamento de fronteiras e ressignificação ou redescrição de práticas” (2001, p. 28) na relação – “historicamente polêmica” (2001, p. 27) – entre Igreja Católica e política.

**Imagem 42** – Apresentação dos candidatos no salão paroquial de Wenceslau Brás



Fonte: Página de Diego Garcia<sup>77</sup>.

**Imagem 43** – Apresentação dos candidatos no salão paroquial de Guapirama



Fonte: Página de Diego Garcia<sup>78</sup>.

**Imagem 44** – Material de campanha de Jura numa paróquia de Pinhais



Fonte: Perfil de membro da RCC<sup>79</sup>.

**Imagem 45** – Material de Diego e Evandro numa igreja em Santana do Itararé



Fonte: Perfil de membro da RCC<sup>80</sup>.

<sup>77</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2W4Qaz9>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>78</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2FCS6tN>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>79</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/NuHr7Z>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>80</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2FMWrJV>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

**Imagem 46** – Materiais de campanha na sacristia da matriz de Ribeirão Claro



Fonte: Perfil de membro da RCC<sup>81</sup>.

**Imagem 47** – Apresentação das candidaturas no Centro Catequético de Quatiguá



Fonte: Perfil de Reinaldo Batista<sup>82</sup>.

**Imagem 48** – Pose com material de campanha na fachada da matriz de Ribeirão do Pinhal



Fonte: Perfil de membro da RCC<sup>83</sup>.

**Imagem 49** – Materiais de campanha numa casa de formação em Telêmaco Borba



Fonte: Página da RCC Paraná<sup>84</sup>.

**Imagem 50** – Distribuição de materiais no centro catequético de Joaquim Távora



Fonte: Perfil de membro da RCC<sup>85</sup>.

**Imagem 51** – Distribuição de materiais no centro catequético de Salto do Itararé



Fonte: Página da RCC Paraná<sup>86</sup>.

<sup>81</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2CGTTKz>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>82</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2W0Vbc9>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>83</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2sZrFMX>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>84</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2TWfm94>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>85</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2R1hfQa>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>86</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2FB1he9>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

**Imagem 52** – Distribuição de material no Centro de Evangelização de Umuarama



Fonte: Perfil de membro da RCC<sup>87</sup>.

**Imagem 53** – Distribuição de material no centro catequético de Pérola



Fonte: Perfil de membro da RCC<sup>88</sup>.

A presença dos santinhos nesses ambientes litúrgicos ou catequéticos, entronizados como imagens de santos canonizados, não é silente, como dissemos. É que, diversamente dos ídolos, “obras das mãos humanas” (Sl 115,4) que “têm boca, mas não falam” (Sl 115,5), os santinhos falam e muito: quer pela voz das lideranças do movimento católico, quer pelos próprios representados, os candidatos, que protagonizam liturgias e centralizam a atenção dos fiéis nos templos e nas *fanpages*. Isso fica evidente nos registros fotográficos a seguir.

**Imagem 54** – Diego pregando em retiro na Paróquia SS. Sacramento em Curitiba



Fonte: Página de Diego Garcia<sup>89</sup>.

**Imagem 55** – Evandro pregando num grupo de Oração de Mandaguari



Fonte: Perfil de Evandro Araújo<sup>90</sup>.

<sup>87</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2D17M2q>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>88</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2TVSUwO>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>89</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2sA0fX9>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>90</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2FEUW1k>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

**Imagem 56** – Jura sendo apresentado durante missa em Curitiba



Fonte: Perfil de Jura no Facebook<sup>91</sup>.

**Imagem 57** – Gessani pregando durante retiro em Cascavel



Fonte: Perfil de coordenador da RCC<sup>92</sup>.

Além da participação “casual” dos candidatos nessas atividades celebrativas, a RCC articulou eventos durante o ano de 2014, especialmente organizados para dar visibilidade maior aos candidatos, tanto nos materiais de divulgação – representados pela Imagem 58, 59, 60 e 61 – quanto na condução mesma dos eventos.

**Imagem 58** – Cartaz de retiro diocesano em Pato Branco

**I RETIRO DIOCESANO**  
Com escolha dos Coordenadores de Decanato

**2014**  
22 e 23 de fevereiro

**Pregação:**  
Vera Lúcia Silva Ximenes  
Presidente do Conselho Estadual  
RCC Paraná

**Presenças:**  
Reinaldo Batista  
Coord. Estadual do Ministério de Fé e Política do Paraná

**Gessani**  
Andaraí - PR

**Diego Garcia**  
Andaraí - PR  
Diocese de Jacarezinho

**CONSERVAR A UNIDADE  
DO ESPÍRITO PELO  
VÍNCULO DA PAZ**  
(Ef. 4,3)

**Local:**  
Casa de Formação de Pato Branco  
Início a partir das 7h30min

Renovação Carismática Católica - Brasil  
Diocese de Palmas - Francisco Beltrão - PR

Informações:  
TIM (46) 9913 - 0564  
CLARO (46) 8014 - 5163

Fonte: Perfil de membro da RCC<sup>93</sup>.

**Imagem 59** – Cartaz das Noites Carismáticas na Diocese de Palmas-Francisco Beltrão

**CONSERVAR A UNIDADE  
DO ESPÍRITO PELO  
VÍNCULO DA PAZ**  
(Ef. 4,3)

**Noites Carismáticas  
Nos Decanatos**

Diocese de Palmas - Francisco Beltrão  
Paraná

**Agosto**

Local: Paróquia Nossa Senhora do Sagrado Coração  
Decanatos de Realiza e Santo Antônio  
Dia 13 - Pato Branco  
Local: Paróquia São Pedro Apostolo  
Decanatos de Pato Branco e Palmas  
Dia 14 - Dois Vizinhos  
Local: Paróquia Santo Antônio de Pádua  
Decanatos de Dois Vizinhos e São João  
Dia 15 - Francisco Beltrão  
Local: Paróquia Cristo Rei - Bairro da Canga  
Decanato de Francisco Beltrão

**Diego Garcia**  
Jacarezinho - PR

**Gessani**  
Foz do Iguaçu - PR

Realização:  
Renovação Carismática Católica  
Diocese de Palmas - Francisco Beltrão - Paraná

Informações:  
TIM (46) 9913 - 0564  
CLARO (46) 8014 - 5163

Fonte: Perfil de membro da RCC<sup>94</sup>.

<sup>91</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2sCWgte>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>92</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2CAHHL5>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>93</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2HivzUE>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>94</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2DkNITg>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

**Imagem 60** – Cartaz de encontro de Carnaval em Wenceslau Brás



Fonte: Perfil de Jura no Facebook<sup>95</sup>.

**Imagem 61** – Cartaz do Pentecostes Diocesano em Campo Mourão



Fonte: Página RCC Campo Mourão<sup>96</sup>.

Além da aparição nos eventos e interlocução com seus participantes, há uma necessidade de fazer registros ou montagens gráficas ao lado de objetos devocionais e divulgá-los nas redes sociais. Como se vê pelas imagens a seguir, relíquias, ostensórios, ícones e imagens sacras são utilizados como alavanca eleitoral pelos candidatos da RCC. Podemos ler disso uma expropriação do sagrado para a política e a apropriação do político pela religião: secularização e sacralização (RIVERA, 2002).

<sup>95</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2RC2PLu>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>96</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2szrmlr>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

**Imagem 62** – Diego segurando uma relíquia da Beata Elena Guerra em Mamborê



Fonte: Página de Diego Garcia<sup>97</sup>.

**Imagem 63** – Jura, em lugar de destaque, numa adoração eucarística em Curitiba



Fonte: Perfil de membro da RCC<sup>98</sup>.

**Imagem 64** – Montagem com a Oração de São Bento e santinhos de Jura e Diego



Fonte: Página de grupo de oração de Curitiba<sup>99</sup>.

**Imagem 65** – Santinhos de Diego Garcia aos pés de uma imagem de São José



Fonte: Perfil de coordenador da RCC<sup>100</sup>.

Essa aproximação da imagem dos candidatos com elementos de culto serve para reforçar o vínculo ao grupo eclesial que se pretende representar no Parlamento por um presumível chamamento divino. Por esse mesmo motivo, acreditamos, é que há a divulgação, no período eleitoral recortado, de um ritual religioso caríssimo aos carismáticos: “o antiquíssimo gesto da imposição das mãos” (BENTO XVI, 2006), ainda que ressignificada (BURITY, 2001), visto que (cor)responde “a uma nova demanda sociocultural” (BRANDÃO, 2016, p. 65). Ainda que a Renovação Carismática Católica afirme que esta prática não “é

<sup>97</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2RF9NiP>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>98</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2REnP3Y>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>99</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/dr7REG>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>100</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2sBf4sw>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

exclusiva dos servos do MOCL<sup>101</sup>” (RCC/BRASIL, 2015, p. 4), não se vê o uso desse sacramental em membros não ordenados de outros movimentos católicos.

Tal prática – laicizada, uma vez que o gesto compete, liturgicamente, aos ordenados quando administram os sacramentos –, que pode não ter significado especial em meio extrapentecostal – evangélico ou católico – é importante para esse público porque desencadeia a manifestação dos carismas do Espírito Santo (RCC/BRASIL, 2012). Ao apresentar seus candidatos de joelhos, à espera desse sinal de bênção dos fieis, a RCC, na nossa perspectiva, transfere para eles a corresponsabilidade pelo seu êxito eleitoral.

**Imagem 66** – Imposição de mãos sobre Evandro Araújo



Fonte: Página de Diego Garcia<sup>102</sup>.

**Imagem 67** – Coordenadores da RCC/PR impondo a mãos sobre Jura e Diego



Fonte: Perfil de Evandro Araújo<sup>103</sup>.

**Imagem 68** – Imposição das mãos sobre Diego, Evandro e Gessani



Fonte: Página Fé & Política RCC-PR<sup>104</sup>.

**Imagem 69** – Imposição das mãos sobre Diego e Jura em Ponta Grossa



Fonte: Perfil de coordenador da RCC<sup>105</sup>.

<sup>101</sup> Sigla de Ministério de Oração por Cura e Libertação.

<sup>102</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/kLGX1m>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>103</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/M5AKXq>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>104</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2T9ROxL>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>105</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/zHN96k>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

Esse sacramental – sinal sagrado instituído “pela Igreja, cujo objetivo é preparar os homens para [...] santificar as diferentes circunstâncias da vida” (JOÃO PAULO II, 1993, parágrafo 1677) – utilizado eleitoralmente pela RCC para consolidar a vocação política desses pregadores (con)funde-se com outra bênção carismática: o envio, um rito destinado a quem vai em missão. Assim, Diego, Evandro, Jura e Gessani são abençoados pela assembleia carismática e enviados por ela, sob instigação de quem preside o louvor, para defender o próprio credo – cujas pautas apresentaremos em breve – nas casas de lei. Isso fica evidente na descrição da Imagem 69, publicada no Facebook por uma liderança carismática de Ponta Grossa, William Teixeira, que conduzia o louvor quando da apresentação dos candidatos. Após apresentar o nome e o número, o líder compara a missão deles à de um profeta bem conhecido:

Enquanto orávamos, o Senhor nos fazia lembrar daquela passagem de Daniel na Cova dos Leões, intensificamos nossas orações pelo Jura e Diego, e Deus mais uma vez nos colocava esta certeza: Evangelizar no campo da Política e lutar pelo nosso povo que sofre é estar na Cova dos Leões, mais Ele estaria nos livrando, como livrou Daniel. (TEIXEIRA, 2014).

Ainda que, da cova das urnas, apenas Diego e Evandro terão se salvado, os candidatos, uma vez abençoados pelos pastores e pelo rebanho, são enviados pela RCC para evangelizar os leões que habitam, não mais em covas, mas nas cortes de Dario, o Medo, em Curitiba e em Brasília. No entanto, como se vê, ainda que a missão dada seja a de anexar a religião à política para mudar política (MACHADO, 2016), esta, de certo modo, complexamente, também muda a religião para comportá-la, numa interpretação da leitura menos abstrata e relativa que Camurça (2017) faz da laicidade no Brasil (MIRANDA, 2013; GIUMBELLI, 2013).

A propósito da evocação bíblica, a interferência política sobre a religião era vista por Daniel, e reforçada por Jesus ao mencioná-lo, como algo execrável: “Quando virdes estabelecida no lugar santo a abominação da desolação que foi predita pelo profeta Daniel – o leitor entenda bem –, então os habitantes da Judeia fujam para as montanhas” (Mt 24,15). De toda forma, não é importante saber, segundo Hervieu-Léger, se essa crise nos mecanismos institucionais da religião e do estado, aqui ilustrada pela célebre profecia de Cristo, representa mesmo uma catástrofe à religião ou um benefício aos crentes (HERVIEU-LÉGER, 2008): importa, na verdade, compreender suas implicações socioculturais.

Seja como for, nesse deslocamento das relações entre a religião e estado (HERVIEU-LÉGER, 2008), Daniel é enviado a Brasília e a Curitiba não para anunciar sua própria mensagem, mas a do Deus desse catolicismo, que passa a disputar o comando da política

(FARIA, 2012). É por isso que, as pautas dos candidatos, ecoadas nas mídias sociais e defendidas no período eleitoral pelos servos da RCC, são mais ou menos similares entre si, como problematizaremos a seguir, no último eixo analítico das candidaturas carismáticas de 2014 no Paraná.

### 3.3 As pautas dos candidatos

Como vimos anteriormente, o Ministério Fé e Política (MFP) nacional afixou como condição *sine qua non* para a composição de suas candidaturas oficiais uma série de critérios básicos que pressupõem, além das restrições partidárias já exploradas, a obediência às orientações da RCC no que se refere ao acatamento de críticas, exortações, apontamento de falhas e oferecimento de sugestões por parte da liderança do movimento católico, para que se avance “no resgate da nação brasileira, na promoção da cultura de pentecostes e na construção da civilização do amor” (CONSELHO NACIONAL DA RCC/BRASIL, 2015, p. 6): uma clara tentativa de instrumentalizar a ingerência da religião (GOMES, 2014; MEZZOMO; PÁTARO; SEXUGI, 2018; MUSTAFÁ, 2006) sobre o estado – laico, mas nem tanto – a partir de seus agentes político-religiosos.

Trata-se de um guarda-chuva sob o qual a RCC faz comportar, como demonstramos, pautas tanto conservadoras, como a defesa do modelo patriarcal de família, o combate à descriminalização do aborto e, mais recentemente, à famigerada ideologia de gênero – temas compartilhados e defendidos no parlamento, há mais tempo e em maior número, por atores políticos evangélicos (BURITY; MACHADO, 2006; HOUTEN, 2008; SILVESTRE, 1986; FARIA, 2012) –, quanto progressistas, como a reforma agrária e a preservação ambiental, conforme a RCC as elenca expressamente em seus documentos (RCC/BRASIL, 2016).

A apresentação das propostas dos candidatos carismáticos na campanha, ao mesmo tempo que colabora para reforçar a imagem pública do ungido e seu ligame ao movimento católico, serve como cerca para agrupar num mesmo aprisco eleitoral o perfil das ovelhas que almejam conduzir às urnas em 5 de outubro de 2014. Possivelmente por isso, Evandro Araújo, que defendeu desde a campanha as pautas trabalhistas que levaria posteriormente à ALEP, difere sobremaneira das de Diego, Jura e Gessani, de cunho fortemente moralista e com quase nenhum viés social.

Imagem 70 – Pautas de Evandro Araújo

**Saiba mais sobre o Evandro Araújo...**  
Evandro Araújo, 40 anos, casado com Claudia Araújo e pai. Mestre em Administração pela UEM. Foi professor universitário no CESUMAR e recentemente professor da Faculdade Adventista do Paraná. Na caminhada cristã, foi catequista e trabalha em encontros de evangelização e atividades missionárias como a missão Jesus no Litoral. É diplomado pela Escola de Fé e Política da CNBB Regional Sul II. Exerceu uma vez o mandato de vereador e de Vice-Prefeito. **Em 2010 recebeu 34.169 votos para Deputado Estadual ficando na primeira suplência.** Novamente foi escolhido para ser candidato a Deputado Estadual acompanhado pelo Conselho Estadual da RCC (Renovação Carismática Católica), movimento que participa desde 1991.

**Evandro Araújo fara como deputado estadual...**  
A principal proposta do Evandro é cumprir a função do Deputado Estadual, mas isso vai além de fiscalizar e legislar. Atuará firme no processo legislativo, discutirá e proporá ao Governo do Estado políticas que atendam às reais prioridades do Paraná. O Evandro trabalhará por um planejamento orçamentário que corresponda aquilo que realmente os paranaenses precisam, por exemplo, nas áreas da Educação, Saúde, Segurança Pública, Programas Sociais e, principalmente, do Desenvolvimento Econômico. Algumas de suas principais propostas são:

- Trabalhar pela **construção de hospitais** em regiões prioritárias do Paraná e pelo aumento do número de leitos de internamentos, UTIs e exames especializados.
- Trabalhar pelo aumento dos investimentos na pesquisa científica; discutir o papel da universidade junto à comunidade; valorização dos profissionais da educação; contratação do professor substituto para o ensino médio; modernização e melhorias nos equipamentos públicos de educação (prédios escolares e universidades).

- Incentivar a ampliação das políticas de apoio aos micro e pequenos empreendimentos na cidade e no campo, inclusive com mudanças no atual modelo de tributação estadual.

- Cobrar aumento dos investimentos na área da segurança pública a fim de promover avanços como: o aumento da quantidade de policiais acompanhando o crescimento das cidades; o aperfeiçoamento constante e valorização dos policiais; a integração com os sistemas de informação de todo o país; a integração das forças policiais; a renovação constante da frota de viaturas com aumento e melhoria da tecnologia embarcada; o uso de câmeras de monitoramento nas cidades; o fortalecimento da polícia científica.

- Cobrar a atuação direta do Governo Estadual com estratégias de prevenção contra as drogas e apoio às instituições de tratamento e recuperação de dependentes.

- Acompanhamento e fiscalização das concessões públicas.

Após os 34 mil 169 votos de 2010, Evandro Araújo chega nessa eleição com grande apoio de lideranças de todo o Paraná, e com uma legenda partidária que lhe oferece reais condições de eleição. Fale com sua família, amigos e multiplique essa ideia.

**Evandro Araújo**

O Paraná merece essa conquista!

Deputado Estadual  
**20720**

Coligação Paraná Mais Forte - PSC - PR - PTdoB

Fotos: Armando Rossato e acervo particular

Fonte: Perfil de Evandro Araújo no Facebook<sup>106</sup>.

A proposta desse material eleitoral da campanha de Evandro Araújo, representado na Imagem 70, que exhibe os mesmos elementos imagéticos religiosos do santinho já esmiuçado, parece mesmo ser a de arrebanhar – além dos carismáticos – quem já conhece sua trajetória política: sua base eleitoral de Marialva, onde foi eleito vereador e vice-prefeito, e seus colegas de profissão, isto é, professores e servidores públicos estaduais.

A interpelação ao público marialvense se dá pela inserção, no rodapé, de cinco fotos de sua cidade, conhecida como Capital da Uva Fina: desde o monumento do Cacho de Uva, no trevo de acesso à cidade, à imponente Matriz de Nossa Senhora de Fátima. A justaposição desses elementos num material de apresentação de propostas é estratégica, porque demonstra as raízes políticas do candidato que já foi aprovado nas urnas, discutindo assuntos que estão bem aquém do sexo dos anjos, como saúde, ensino superior, empreendedorismo e segurança pública.

Isso fica flagrante desde a introdução da pauta, inserida após breve resumo biográfico – que mescla seu currículo religioso ao profissional –, quando desce do púlpito para apresentar suas propostas, que vão “além de fiscalizar e legislar”: cobrar do “Governo do Estado políticas que atendam às reais prioridades do Paraná” (@EVANDRO.ARAUJO, 2014), as quais ele elenca na continuidade.

<sup>106</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/tV9cHL>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

Para Evandro, a primeira ação prioritária a ser realizada tem a ver com a construção de hospitais para o “aumento do número de leitos de internamentos, UTIs e exames especializados” (@EVANDRO.ARAUJO, 2014). A segunda prioridade do seu plano refere-se à educação: desde o incentivo à pesquisa científica no ensino superior à melhoria das estruturas físicas dos colégios estaduais. O apoio aos micro e pequenos empresários aparece como terceira prioridade, por meio de incentivos tributários. Logo em seguida, Evandro fala de segurança pública, propondo o aumento do quantitativo policial disponível e a implementação de câmeras de monitoramento. Propõe também a adoção de medidas de combate às drogas e o apoio a casas terapêuticas para o tratamento de dependentes. Por fim, fala da fiscalização das concessões públicas, como, por exemplo, as empresas de pedágio.

O que chama a atenção nesse material, na comparação com o dos colegas, é a ausência de pautas morais ou de assuntos abstratos, mas de temas concretos. Na verdade, uma vez eleito deputado estadual, Evandro atuará como haste horizontal da cruz política da RCC do Paraná, uma vez que se volta, desde a campanha, para os interesses terrenos dos cidadãos: ainda que não configure nosso objeto de análise, é possível classificar sua atuação parlamentar a partir das pautas defendidas ao longo do mandato.

Já a haste vertical – aquela que liga Brasília ao céu vaticano e que aponta para os temas eternos e inobserváveis – que completa a cruz carismática competirá, quando eleito, prioritariamente a Diego Garcia, o candidato a deputado federal. No entanto, na campanha, seu perfil conservador não se traduziu em muitas propostas concretas: na verdade, seu interesse por pautas morais ficou subentendido, e não foi explorado, ponto a ponto, expressamente, como também ocorreu nas campanhas de Jura e Gessani. Há tão somente alusões genéricas às suas crenças, do que se supõe que influenciarão seu mandato, como pode ser inferido pelo texto apresentado na Imagem 22, quando relata sua enfática participação na II Conferência Nacional de Políticas Públicas da Juventude (Imagem 20), realizada em Brasília em 2011: “Eu me posicionei contra a proposta de legalizar e descriminalizar o aborto no Brasil, porque defendo o direito à vida e à dignidade da pessoa humana” (@REINALDOBATTISTA, 2014). Sua intenção de lutar pelas bandeiras morais também fica implícita no horário eleitoral gratuito, quando afirma que defende “a vida e a família” (GARCIA, 2014), mas sem antecipar como fará tal defesa.

No único material (Imagem 71) destinado a propostas, Diego apresenta suas crenças e anseios, sem, conquanto, pormenorizar sua execução.

### Imagem 71 – Propostas de Diego Garcia

"Um mundo melhor e mais justo depende da participação de cada pessoa de bem que não pensa em si próprio, mas no próximo. Minha luta será pela Renovação da política brasileira. Lutarei em defesa da vida, da família e dos princípios cristãos. Farei valer cada voto a mim confiado. Quero representar com honestidade a nação brasileira. Todas as minhas ações serão acompanhadas por um Conselho de Mandato Participativo, parte do Projeto do Ministério de Fé e Política da Renovação Carismática Católica (RCC), movimento esse do qual participo desde o ano de 2003. Assim, tudo o que farei será em prol da dignidade do povo brasileiro".

**DIEGO GARCIA 3131**  
**PROPOSTAS**

- Defesa da vida, da família cristã e da dignidade da pessoa humana;
- Lutar por uma política de combate às drogas;
- Valorização das entidades de assistência social, hospitais filantrópicos e comunidades de recuperação de dependentes químicos;
- Atuação parlamentar junto aos governos federal e estadual para gerar mais empregos, renda e desenvolvimento.

Dep. Federal  
**DIEGO GARCIA 3131**

CRP: Lavador: 03.074.819/0001-08

Fonte: Perfil de membro da RCC<sup>107</sup>.

O primeiro item da pauta não poderia ser outro: a defesa da vida, da família cristã e da dignidade da pessoa humana: custódia genérica onde a RCC, inegociavelmente, preserva, como relíquia, a objeção à interrupção da gravidez e aos métodos contraceptivos e a modelos alternativos de família que não o formado por homem e mulher. Em último lugar está a preocupação pelo combate ao desemprego: item sobre o qual jamais se aprofundará em campanha. A preterição que se dá a tais assuntos socialmente papáveis, de alguma forma, ratifica a constatação de Miranda (2015), ao salientar que, quando “fogem da defesa da vida, os candidatos [carismáticos] fazem promessas vagas, do tipo ‘humanizar a cidade’, ‘acabar com a corrupção e o mau uso do dinheiro público’, ‘melhorar a saúde’” (MIRANDA, 2015, p. 209), entre outras banalidades genéricas para inglês ver.

Na verdade, mais que em propostas, a campanha de Diego está fundamentada mesmo no testemunho de apoiadores, no suporte da simbologia cristã e do discurso religioso, e, sobretudo, na insistente atribuição à divina providência sua própria vontade, “esperando uma oportunidade para integrar o meio político” (@REINALDOBATTISTA, 2014).

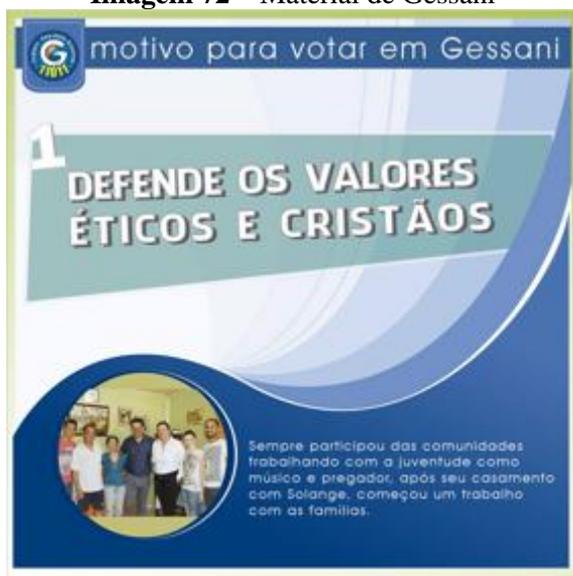
O discurso de Jura e Gessani, a exemplo de Diego, obedecem às regras gramaticais da “língua dos anjos” (1Cor 13,1), ou seja, pautam-se conforme as normas morais defendidas há séculos pela Sé Apostólica (CAMURÇA, 2011; PRANDI, 1998; STEIL; TONIOL, 2013), ainda distante da vida cotidiana das pessoas de carne e osso que não falam latim, mesmo sob Francisco, o papa “mais progressista e surpreendente da Igreja Católica” (BITTENCOURT, 2018).

<sup>107</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2AWFYQb>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

Jura, nas pautas elencadas em seu material, retratado na Imagem 24 – da que exploramos, anteriormente, a construção de sua imagem a partir da descrição biográfica – sintetiza sua missão em duas grandes metas: a) “Defesa contra a desconstrução e a descaracterização da família tradicional”; e b) “defesa incondicional da pessoa humana desde sua concepção até seu desfecho natural (não ao aborto)” (@DANY.OLIVEIRA, 2014), pelo que propõe “a instalação da CPI do Aborto para investigar os financiamentos internacionais de ONGs feministas em nosso país” (@DANY.OLIVEIRA, 2014): pauta solenemente ignorada por Evandro Araújo, mas compartilhada por Diego e por Gessani.

A propósito, na linha subjacente de Diego, que apresenta características biográficas para sugerir como será sua atuação parlamentar, e no estilo de Jura, que prioriza pautas morais, Gessani também se apresenta como defensor dos valores cristãos (Imagem 72 e 73), e por isso mereceria uma cadeira parlamentar na capital paranaense, apresentando motivos pelos quais mereceria o voto dos eleitores.

**Imagem 72** – Material de Gessani



Fonte: Página de Gessani<sup>108</sup>.

**Imagem 73** – Material de Gessani



Fonte: Página de Gessani<sup>109</sup>.

A Imagem 72 é a primeira de cinco peças em que Jura exalta suas habilidades como vereador em Foz do Iguaçu, que seriam motivações para que o eleitor digite na urna eletrônica o número 11011 seguido da tecla verde. Como se vê, o primeiro motivo é sua disposição em defender os valores éticos e cristãos. Já no material gráfico retratado pela Imagem 73, há um convite no modo imperativo que reforça a ideia do conteúdo do primeiro material: a de votar

<sup>108</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/2Xqx18>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>109</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/saE8do>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

em defesa da vida e da família. Novamente, não se pormenoriza como se dará, concretamente, essa tal defesa. Parece que apenas a menção a defesa genérica destas pautas é suficiente para que os eleitores de Gessani, Jura e Diego Garcia sejam dignos de crédito por seus eleitores.

Essa posição adotada implicitamente pelos três parece crismar a ideia, quase consensual, de que “os carismáticos privilegiam uma agenda política mais conservadora na medida em que procuram tocar em temas ligados à evangelização e à moralização do Estado e da sociedade” (PROCÓPIO, 2014, p. 27), bem como à defesa da vida intrauterina, sem a qual “não há como se posicionar em busca do bem comum” (MIRANDA, 2015, p. 209): pensamento compartilhado por Carranza (2000), ao apontar o Pe. Eduardo Dougherty – missionário norte-americano pioneiro da RCC no Brasil e fundador da Associação do Senhor Jesus – como primeiro manobrista do movimento carismático na sua interface com a política, na defesa de uma plataforma conservadora para a política brasileira.

Evandro Araújo, por sua vez, ainda que certamente comungue da mesma concepção moral do catolicismo carismático, prefere falar “a língua dos homens” (1Cor 13,1), isto é, explorar temas menos intangíveis e mais próximos da vida prática das pessoas comuns. A pauta defendida na campanha e que destoa da dos colegas e mostra “que não cabe, para a RCC e sua dimensão política, uma análise simplista e reducionista de que o movimento apenas abrigaria tendências conservadoras na política” (PORTELLA, 2011, p. 652): é que a Igreja que Araújo representa, segundo Poulat (1983), antes de postar-se como combatente do socialismo e do comunismo, jamais deixou de denunciar e opor-se ao liberalismo.

Seja como for, as figuras cujas performances são diferentemente nuançadas, de uma parte, por Jura, Gessani e Diego Garcia, e, de outra, por Evandro Araújo – os dois últimos, consagrados nas urnas pelo movimento carismático – parecem estampar os extremos do mesmo escapulário que a Renovação Carismática Católica ousou pendurar na já complexa política paranaense.

Como o próprio corpo eclesial e orgânico a que se vincula como braço há apenas algumas décadas, a Renovação Carismática Católica do Paraná, na sua concupiscente interface com a política, não fala uma língua apenas, nem tampouco esculpe uma estátua única de políticos que a representem, já que abriga uma gama tão diversificada de lideranças e liderados, falantes e ouvintes, quanto os carismas espirituais que tanto fomentam, quer na igreja, quer no parlamento.

É certo que os políticos carismáticos no Paraná, eleitos e acompanhados pelo Ministério Fé e Política, ao traduzirem o dom das línguas ao léxico parlamentar, têm

construído, entre o Santíssimo e os santinhos, um abrigo onde reinstalar a Igreja Católica na modernidade.

Dessa maneira, mais que à Divina Providência, deve-se à vocação política da RCC, encarnada no seu audacioso MFP, o galardão eleitoral alcançado por Diego Garcia – o primeiro deputado federal formalmente eleito com o suporte oficial dessa estrutura sufrágica do catolicismo carismático no Brasil – e de Evandro Araújo, (re)modelados políticos “como barro nas mãos do oleiro” (Jr 18,6), que utiliza como instrumentos de modelagem os três eixos problematizados nesta pesquisa, uma vez que precisa, mais que outrora, de vigários modernos, isto é, representantes da cultura de Pentecostes nas metrópoles do poder secular (MIRANDA, 2006; SILVA, 2017), cada vez mais carismatizado (HOUTEN, 2008; SILVEIRA, 2008).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Porque Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder.”  
(2Tm 1,17)

Para subsistir num contexto moderno e ameaçadoramente plural, a Igreja cardinalícia se vê compelida a paramentar de púrpura também seus leigos, já que estes, muitas vezes, mais que Suas Eminências, são capazes de traduzir ao vernáculo – em especial, ao politiquês: variante da língua portuguesa em assunção no catolicismo brasileiro – o idioma mofado das bulas e encíclicas proclamadas em murmúrios ininteligíveis a partir do trono vaticano, mesmo que o poder decisório intramuros siga cabendo privativamente ao Sacro Colégio. No entanto, fora da Muralha Leonina – particularmente, nas terras onde Anchieta riscou versos e arriscou vidas – são os leigos, em especial, os batizados “com o Espírito Santo e com fogo” (Mt 3,11), os que conseguem harmonizar o tempo de Deus ao dos homens: dificuldade antiga, aliás, de quem rege, às margens do Tibre, o rebanho católico.

A constatação, a propósito, de que há um descompasso entre ao *timing* – dos homens modernos – e o *kairós* – “tempo de Deus”, no glossário carismático – é ilustrada pelo Sumo Pontífice Clemente XIV que, em 1785, fez instalar, nos extremos da fachada da Basílica Papal, entre imponentes estátuas dos apóstolos, dois grandes relógios em estilo neoclássico: o da direita, chamado de “Italiano” e custodiado pelo mármore de Simão Zelotes e Matias, marca, com um só ponteiro, as horas litúrgicas, ditas *Horae ab Occasu*, ou seja, o tempo da Igreja; o outro, à esquerda, com dois ponteiros, apelidado *Oltremontano*, indica, entre o vulto de Judas Tadeu e Mateus, o complexo fuso horário dos homens.

A primeira tentativa pontifícia de sincronizar os dois relógios – descompassados pelas revoluções de Lutero (1517), da França (1789-1799) e da Indústria (1760-1840) – coincide com o encerramento do Concílio Vaticano II, quando o Papa Paulo VI, por meio de um ousado *aggiornamento*, esticou a colunata de Bernini na Praça São Pedro para fazê-la abraçar o mundo moderno, diminuindo o atraso do tic-tac divino e a arritmia gerada na Sé Apostólica.

Com efeito, para que essa adaptação da cronologia dos anjos à temporalidade dos mortais tivesse início, foi imperativo que o Anel do Pescador timbrasse a retirada das farpas mais agudas do arame que cerca o rebanho petrino e afrouxá-lo, permitindo brotar, no seio da Igreja Católica, pastorais e movimentos religiosos que protagonizassem o laicato, mais proficiente que o clero na tradução do bimilenar credo vaticano à vida ordinária dos que não usam estola, num cenáculo secularizado e plurirreligioso. É nesse contexto que, no ano de

1967, em pleno viço das reformas pós-conciliares, desponta – não num templo, mas numa universidade, e não em Roma, mas no país mais evangélico do mundo – a Renovação Carismática Católica (RCC), que vem fermentando grande parte das massas católicas, cada vez mais ázimas no Brasil, pelo que acusa a série histórica dos levantamentos estatísticos governamentais.

Se, sob a hegemonia da tríplice tiara, a Igreja influenciou, por séculos, monarcas e seus reinos – tendo em vista que, até a Reforma Protestante, o “aspecto político secular firmase fortemente na plenitude do poder do papa” (STREFLING, 2002, p. 65) –, não seria estranho que, sob seus leigos no contexto pós-Vaticano II, a ingerência do catolicismo – sobretudo, de sua variante eminentemente política – sobre o Estado fosse similar: ao menos, não no Brasil, cujo campanário estatal apadrinhava, defendia e privilegiava privativamente as estruturas católicas brasileiras, quando a língua da Igreja – o latim – roçava a língua do Estado, num período encerrado pela promulgação da Constituição Republicana de 1891 que, ao menos oficialmente, divorciou as duas partes, instituindo a laicidade no Brasil.

As tentativas católicas de remediar tal separação litigiosa – para que, não obstante sua disposição em reconquistar prestígio e autoridade sobre o Estado, a Igreja continuasse autocéfala – também não são recentes, mas remontam ao prelúdio da Revolução de 1930, quando “a hierarquia eclesiástica se congrega ao redor de uma grande idéia: mudar a ordem constitucional do país” (AZZI, 1978, p. 48) para que se retomasse um ordenamento jurídico-social que não excluísse a voz dos bispos das decisões políticas do país, como desejava, aliás, o Papa Pio XI, empenhado em atrasar os ponteiros da modernidade para que se acertassem ao tempo hagiológico (DIAS, 1996).

Alegoricamente, o ajuste do antigo fuso do Distrito Federal (BRASIL, 1913) – que corresponde ao atual horário de Brasília – ao de Roma não se consumou plenamente na promulgação da Constituição de 1934, ainda que tenha devolvido parcialmente o cedro político aos prelados e dado fim à hostilidade Igreja-Estado instaurada pela República Velha (1889-1930), porque existe uma necessidade perene de catolicizar inocularmente os aparelhos ideológicos estatais secularizados, por meio de tentativas reiteradas, primeiramente, como vimos, pelos pastores e, em seguida, pelo rebanho.

Não por acaso, a história civil e a canônica registram, em território nacional, os esforços bem sucedidos da Liga Eleitoral Católica (1932-1937) que, sob a bênção do Cardeal Leme e de abrangência nacional, foi empreendida por leigos liderados pelo contrarrevolucionário Plínio Corrêa de Oliveira, cuja plataforma variava do reconhecimento civil do matrimônio católico à exigência de subsídios governamentais à Igreja (CASTRO,

2007), negritando as aspas na laicidade da República, já relativizadas pela Era Vargas (1930-1945).

A iniciativa, reeditada por católicos em outras circunstâncias eleitorais e com formatações variadas, a partir da redemocratização do Brasil (1985), continuou levando em procissões – malgrado isoladas e esporádicas – o discurso religioso às casas de lei, até constituir uma estrutura orgânica dentro do movimento carismático, com o reconhecimento e o apoio de parte do episcopado, que vê na RCC, mais que um caminho à atualização da doutrina ao mundo moderno – desejada pelos padres conciliares – uma alternativa para estancar a debandada de suas ovelhas para os edis de Edir Macedo, Valdomiro Santiago e tantos outros maiorais evangélicos que lhes arrebatam seus títulos hierárquicos, sua autoridade apostólica e, sobretudo, seu rebanho. Mais que isso: instalam vigários no Parlamento há mais tempo e em maior quórum, influenciando os rumos políticos da Terra de Santa Cruz.

A propósito, foi a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) que, pela Campanha da Fraternidade de 1996, a qual estimulava a militância política dos leigos, fez aguçar a vocação eleitoral da RCC, que (re)estruturou a Secretaria Matias, sob o argumento de evangelizar a política e seus agentes (MACHADO, 2016; RCC/BRASIL, 2005c), elevando a disposição sufrágica do movimento católico à condição de carisma do Espírito Santo, no âmbito do que os carismáticos chamaram de Ofensiva Nacional: esforço institucional deliberado para esticar as línguas de fogo ao todo território nacional, bem como o próprio conceito de Estado laico, já elástico.

Ainda que reste espaço para discutir socioteologicamente se tal inclinação política do movimento eclesial cinquentenário é mesmo manifestação extraordinária da pomba branca – representação típica da Terceira Pessoa da Trindade na tradição cristã – ou sintoma comum de uma picada da mosca azul – como Frei Betto (2006) batiza a intrigante ambição pelo poder –, fato é que a RCC afunilou a atuação dessa secretaria, que compreendia também a formação política horizontal de seus membros, para estratégias concretas de inserção eleitoral desse catolicismo nas disputadas basílicas do poder legislativo, por meio da criação do Ministério Fé e Política (MFP), catalogadas em instruções normativas que parecem sintetizar, num mesmo estilo, a legislação eleitoral brasileira e o direito canônico, decretando um “sim, sim; não, não” (Mt 3,37) didático aos servos interessados em levar para as tribunas aquilo que proclamam dos púlpitos.

Para encurtar a cruciante via que liga a Casa de Deus à Casa das Leis, o MFP do Paraná ousou, nas eleições de 2014, abrir um atalho, levando para os púlpitos católicos aquilo

que se proclama dos palanques, sacralizando (GANDIN, 2010; LENHARO, 1986), dessa forma, o discurso político e, necessariamente, dessacralizando (LIBANIO, 2002) signos católicos (SEXUGI; MEZZOMO; PÁTARO, 2018), ao emprestá-los à vulgaridade – aqui compreendida pelo mesmo radical etimológico com que Jerônimo encapou sua versão latina das Escrituras – própria dos materiais de publicidade eleitoral que, naquela eleição, estampavam os ícones de seus escolhidos: Jura, Gessani e Evandro Araújo, como candidatos a deputados estaduais, e Diego Garcia, candidato a deputado federal. Os dois últimos tornaram-se, naquele ano, apóstolos das urnas – conquistando assentos, nessa ordem, na Assembleia Legislativa do Paraná e na câmara baixa do Congresso Nacional –, graças a uma ação articulada das lideranças estaduais da RCC, que planejou com antecedência cada uma das etapas da corrida eleitoral, mobilizando, de modo coeso, coordenadores desse segmento religioso em todas as dioceses do Paraná, com a mercê de seus respectivos bispos, em vista da colheita eleitoral que pediam a Jesus Sacramentado.

Aliás, para que a messe carismática fosse abundante no Paraná, não faltaram sementes – ou seja, materiais de campanha vinculados a elementos religiosos, astutamente chamados de “Kit Sementinha” – nem semeadores – isto é, adeptos da espiritualidade carismática, incumbidos de disseminar, em casa ou no trabalho, a boa nova eleitoral da RCC –, de modo que a doutrina social da Igreja – formulada ao longo de sua tradição multissecular – pudesse ser reinstalada em Brasília e Curitiba, à moda carismática.

As estratégias do movimento para alcançar a glória dos altares políticos não se limitam evidentemente no rebatismo, com nomenclaturas emprestadas das parábolas de Cristo, de elementos frívolos – ainda que disso possa-se ler um esforço em afastar cargas semânticas negativas que a política tradicionalmente comporta, resignificando o jogo sufrágico – e tão recorrentes nas disputas eleitorais paranaenses. Na verdade, a ascensão à vida pública, naquele cenário, de dois dos quatro aspirantes carismáticos também resulta da conjugação – até então, inédita no Paraná – dos santinhos com o Santíssimo, isto é, da admissão dos materiais de campanha na intimidade das igrejas e de suas celebrações, que passam a acolher e a incensar, com devoção, suas candidaturas.

É em decorrência disso que, na campanha de 2014, fortemente marcada por uma libido eleitoral que contagiou líderes e servos e ocupou altares físicos e virtuais, não se impôs aos seus pregadores-candidatos o mesmo silêncio obsequioso que as demais pastorais – especialmente, as que procedem da Teologia da Libertação – exigem de seus militantes na mesma situação. Ao contrário: na dinâmica política debutada nas paróquias paranaenses pelo MFP, o volume das pregações e o número de aparições dos “candidatos da Renovação” –

como foram rotulados nos materiais gráficos – nos louvores terá sido proporcional ao desejo das lideranças do movimento eclesial em salvá-los do purgatório das urnas, para que estes, uma vez revestidos dos paramentos políticos, pudessem acomodar, no tabernáculo estatal, os valores absolutos daquela que, dogmaticamente, desde seus primórdios, considera-se “coluna e sustentáculo da verdade” (1Tm 3,15), ainda hoje, quando os múltiplos ponteiros da modernidade sinalizam a temporada “do ceticismo, do relativismo, do agnosticismo, do niilismo” (GIOVANNI PAOLO II, 2001, tradução nossa), os quais realocam a religião e sua influência do centro da sociedade para suas margens (PIERUCCI, 2000; WEBER, 2008).

O fato é que, para que a Hora Santa – como é chamado o rito contemplativo celebrado diante do sacrário – se transubstanciasse alegoricamente em horário eleitoral em 2014, três dimensões na construção da campanha, chamadas nesta pesquisa de “eixos”, foram cuidadosamente idealizadas pelo comando estadual do movimento, de maneira que sua aplicação, pelos leigos, não gerasse cismas – aqui acintosamente concebidos na sua ambiguidade lexical, que reporta a suspeitas (por parte de membros que se opusessem à polêmica mistura), mas, também a cisões (internas no próprio movimento, resultantes da hipotética controvérsia) –, o que, como constatamos dos registros – e apesar do que Miranda (1999) e Silveira (2008) concluíram dos contextos que analisaram –, ou não houve no caso que investigamos, ou foram perspicazmente omitidas do autor – quiçá em virtude de sua pública vinculação partidária – pelos entrevistados ou ainda tenham sido convenientemente contidas na realidade eclesial catequizada pelo MFP, na medida em que não puderam ser congruentemente captadas da empiria cotejada: uma das razões, quem sabe, para que o fenômeno sufragâneo da RCC/PR se repetisse nas eleições de 2018, quando Diego Garcia e Evandro Araújo se reelegeram para os mesmos cargos, com desempenho eleitoral ainda mais polpudo, mesmo que tal informação margeie o recorte por nós investigado.

O primeiro eixo que permitiu a eleitoralização do Santíssimo e a sacralização dos santinhos em solo católico refere-se à (re)construção simbólica da imagem pública dos candidatos, para que fossem capazes de endossar, num mesmo *habitus* (BOURDIEU, 2007; MANDUCA, 2017), o político e o religioso. Para tanto, as mudanças feitas pelo MFP em seus candidatos, mais conspicuamente perceptíveis no que aspirava à cátedra federal, começam pela investidura de uma batina política que pudesse sinalizar tanto sua autoridade paraepiscopal sobre o rebanho carismático e seu ligame às línguas de Pentecostes, quanto sua capacidade de celebrar, no parlamento, as pautas morais do catolicismo carismático.

A transfiguração gozada pelos candidatos antecipa, na composição artística dos santinhos, o reencontro do divino com o humano, que apenas Michelangelo Buonarroti,

séculos antes, foi capaz de conjugar com tanto arrojo, pela insuperável “Criação de Adão”. Se, entretanto, na Capela Sistina, é para cima que se olha para se contemplar o tato do divino no humano que eterniza o mais célebre afresco do teto, nas capelas paranaenses em 2014, o nexó sagrado-mundando forrava o chão, estampado nos santinhos que invadiu altares, sacristias e umbrais. Nesses materiais, símbolos religiosos – pombas, cruces, mantos e rosários –, que despertam nos carismáticos mais fervorosos devoção e reverência – coabitam pacificamente com *slogans* eleitorais, números a serem digitados na urna eletrônica, nomes de coligações e logomarcas de partidos.

No contato com a política, esse catolicismo emprestou aos materiais de *marketing* eleitoral, além de suas insígnias, seu discurso religioso, numa ladainha de louvores insistentes aos candidatos, benzidos por citações retiradas da Bíblia Ave-Maria ou da boca do papa, para legitimar a presença institucional do movimento carismático e de seus representados naquelas eleições. A respeito disso, o estilo literário próprio da hagiografia (REBELO, 2004), com que a Igreja esmalta em tons angélicos a vida de seus santos desde o Medievo, foi empregado pelo MFP para, conforme problematizamos, realçar características beatificáveis do perfil que se queria coroado de votos, em detrimento daquelas que não correspondem à candura que pressupõe o substantivo “candidato”, quando seguido do adjetivo “carismático”.

Outro campo de atuação da RCC no contexto daquela campanha – segundo eixo analítico – está relacionado à convocação de lideranças da Igreja Católica para acenar ao rebanho de eleitores um presumível apoio aos candidatos, emprestando-lhes seu capital político, estrategicamente explorado na cruzada pelos votos, e impulsionando o desenvolvimento da campanha nas circunscrições eclesiais relativas à Regional Sul 2 da CNBB.

Desinibidos, os candidatos posaram para as câmeras à sombra da mitra protetora de sete bispos paranaenses e de um prelado de atuação nacional, servindo-se, com sagacidade, da autoridade eclesial que os circunda e pendurando suas candidaturas na corda sucessória que os ancora aos Apóstolos de Cristo, para conseguir graças eleitorais entre o rebanho pastoreado por seus báculos, por meio de publicações, curtidas e compartilhamentos de tais registros no Facebook. Nesse sentido, o consentimento dos bispos em atuar como apoiadores de um projeto político serviu de sermão eloquente, não apenas angariar o voto das ovelhas, mas também para convertê-las em cabos eleitorais de seus candidatos. Além disso, a premissa evangélica de que elas reconhecem a voz do pastor (Mt 10,27) permite inferir que conheçam também o significado de seus silêncios: se os guias de outras dioceses não defenderam manifestamente os candidatos da Renovação, como os membros do episcopado exibidos no

material empírico coletado, também não publicaram anátemas nem nada que demonstrasse reprovação à gula eleitoral da RCC. As vistas grossas do alto clero à conversão de salões paroquiais e centros catequéticos em verdadeiros comitês eleitorais terão confirmado, no imaginário coletivo das greis diocesanas, o provérbio extrassalomônico do “que quem cala consente”?

Quaisquer que sejam as respostas, é indiscutível que os referidos ambientes eclesiais serviram de palanque para a proclamação das pautas dos candidatos – último eixo contextualizado –, de modo facilitar que o “vento impetuoso” (At 2,2) que encheu o Cenáculo em Pentecostes também soprasse, figurativamente, pelo menos, uma língua de fogo em Brasília – representada pela eleição de Diego Garcia – e outra em Curitiba – pela de Evandro Araújo – para traduzir, aos idiomas de quem ainda não compreende a língua moral da RCC o querigma político da Igreja, plataformas que aglomeram bandeiras conservadoras defendidas pelos evangélicos, como a defesa da vida pré-natal e a resistência a modelos familiares alternativos, e outras levantadas por progressistas, como direitos trabalhistas e reforma agrária.

O teor dos programas reverbera, *ipsis litteris*, nos panfletos e no palanque eclesial instalado nas paróquias, o cânone dos porquês com a RCC justifica sua procissão ao Parlamento, ainda que tenham sido divididos conforme o perfil biográfico dos candidatos, de modo que as pautas etéreas e extemporâneas – e intransigentes, porque sentenciadas da máxima agostiniana “*Roma locuta, causa finita*” – fossem defendidas por Diego, Jura e Gessani, e que as efêmeras e temporais – e indulgentes, já que protegem os operários e seus direitos – competissem a Evandro Araújo. Para além de uma aparente incoerência, as pautas que o MFP proclamou pela voz de seus candidatos paranaenses em 2014 confirma o talento do movimento carismático em falar línguas diversas, latinas e vernáculas, conservadoras e progressistas, que anunciem, concomitantemente, terra e céu, flexionando o léxico “santo” – tão próprio do catolicismo – até surgir uma sinonímia – necessariamente política – entre Santíssimo e santinhos que apenas os dicionários carismáticos demonstram sintetizar.

Ainda que tal seja sua meta, ninguém garante que a instrumentalização política da Renovação Carismática Católica – cuja liderança é tão pontual na defesa dos valores cristãos num mundo multissegmentado –, de fato, acertará os relógios do mundo ao da Igreja, apesar do notório avanço de agentes religiosos e de suas ideologias nos espaços públicos de poder. No entanto, não será tempo perdido analisar as implicações que esse fenômeno, que se fez carne no Ministério Fé e Política na terra das araucárias, fará redundar na compreensão da complexa laicidade do Estado brasileiro.

## FONTES

@DANY.OLIVEIRA. **É hora de mudar, é tempo de Renovar!** Facebook. Publicado em: 01 out. 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/KAu8yH>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

@EDINHOSILVAARARAQUARA. **Dia do Padre.** Facebook. Publicado em: 04 ago 2016. Disponível em: <[m.facebook.com/EdinhoSilvaAraraquara/posts/935891256521110](https://m.facebook.com/EdinhoSilvaAraraquara/posts/935891256521110)>. Acesso em: 09 jan. 2019.

@EVANDRO.ARAUJO. **Saiba mais sobre Evandro Araújo.** Facebook. Publicado em: 01 out. 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/tV9cHL>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

@PARADEFESADAIGREJA. **Padre Jose Augusto denuncia o PT e Canção Nova se acovarda!!!.** YouTube. Publicado em: 12 out. 2010. Disponível em: <<https://youtu.be/6Qln88pzEHU>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

@REINALDOBATTISTA. **Conheça a história de Diego Garcia.** Facebook. Publicado em: 30 set. 2014. Disponível em: <<http://bit.ly/2FPELOD>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

ABIB, Pe. Jonas. **Sim, sim! Não, não!** Cachoeira Paulista: Canção Nova, 2003.

ACKROYD, Peter. **The Life of Thomas More.** Nova York: Anchor Books, 1999.

ALBUQUERQUE, Leila Marrach Basto de. **Seicho-No-Iê do Brasil: agradecimento, obediência e salvação.** São Paulo: Annablume, 1999.

ALVES, Hélio. **Panegírico.** E-Dicionário de termos literários. Publicado em: 28 dez. 2009. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/panegirico/>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

BRASIL. **Decreto n. 2.784.** Publicado em: 18 de jun. 1913. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/historicos/dpl/DPL2784-1913.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/historicos/dpl/DPL2784-1913.htm)>. Acesso em 29. jan. 2019.

BENTO XVI, Papa. **Homilia do Papa Bento XVI na Missa Crismal de Quinta-Feira Santa.** Publicado em: 13 abr. 2006. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2006/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20060413\\_messa-crismale.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2006/documents/hf_ben-xvi_hom_20060413_messa-crismale.html)>. Acesso em: 19 jan. 2019.

BÍBLIA. **Bíblia Ave-Maria.** São Paulo: Ave-Maria, 1996.

BÍBLIA. **Edição Pastoral.** São Paulo: Paulus, 1990.

BITTENCOURT, Julinho. **A travessia do conservador Arcebispo Bergoglio para o progressista Papa Francisco.** Fórum. Publicado em: 27 maio 2018. Disponível em <<https://www.revistaforum.com.br/a-travessia-do-conservador-arcebispo-bergoglio-para-o-progressista-papa-francisco>>. Acesso em: 19 jan. 2019.

BORGES, Bruna. **Deus como cabo eleitoral: quem vai coibir abuso do poder religioso nas eleições?** Gazeta do Povo. Publicado em: 10 jun. 2017. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/deus-como-cabo-eleitoral-quem-vai-coibir-abuso-do-poder-religioso-nas-eleicoes-7h1t3vw2cvkonyx0qb524r99p>>. Acesso em: 11 jan. 2019.

CACP. **Pequeno histórico da Igreja da Santa Vó Rosa.** Publicado em: 8 de set de 2012. Disponível em: <<http://www.cacp.org.br/pequeno-historico-da-igreja-da-santa-vo-rosa>>. Acesso em: 28 jan. 2019.

CÂMARA MUNICIPAL DE SIQUEIRA CAMPOS. **Ata n. 029/2014 da 64ª Sessão Ordinária da Legislatura – 15-09-2014.** Siqueira Campos: [s.n.], 2014. Disponível em: <<http://www.camarasiqueiracampos.pr.gov.br/indexAjax.php?pag=T0RJPU9UVT1PVFE9T1dFPU9HVT1PV1E9T1RZPQ==>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

CAMINHA, Pero Vaz de. [Carta] 01 maio 1500, Porto Seguro da Ilha da Vera Cruz [para] MANOEL I, Dom. Lisboa. 29f. Dá informações sobre o descobrimento do Brasil.

CARLETTI, Carlo. **La croce nella documentazione epigrafica: Il segno del vincitore.** L'Osservatore Romano. Publicado em: 20 nov. 2009. Disponível em: <[http://www.vatican.va/news\\_services/or/or\\_quo/cultura/269q04a1.html](http://www.vatican.va/news_services/or/or_quo/cultura/269q04a1.html)>. Acesso em: 21 jan. 2019.

CHRISTIAN RENEWAL ASSOCIATION ICN. **The Rev. Dennis J. Bennett.** Rita Bennett Ministries and Christian Renewal Association Inc, 2017. Disponível em: <<http://www.emotionallyfree.org/dbbio.html>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

CUNHA, Odair. **Quem é Odair Cunha.** Publicado em: 16 abr. 2012. Disponível em: <[odaircunha.com.br/odaircunha/public/files/BiografiaOdairCunha.pdf](http://odaircunha.com.br/odaircunha/public/files/BiografiaOdairCunha.pdf)>. Acesso em: 09 jan. 2019.

DUES, Nathanael. **Dictionnaire françois-allemand-latin et allemand-fraçois-latin.** Gênova: [s.n.], 1684.

FILHO, Sidnei Oliveira Telles. **Re: Ministério de Fé e Política** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[sexugi@gmail.com](mailto:sexugi@gmail.com)>. Acesso em: 11 jan. 2019.

FRANCISCO, Papa. **Regina Coeli.** Publicado em: 20 maio 2018. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2018/documents/papa-francesco\\_regina-coeli\\_20180520.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2018/documents/papa-francesco_regina-coeli_20180520.html)>. Acesso em: 20 jan. 2019.

GARCIA, Diego. **Diego Garcia - Deputado Federal - 3131 - Paraná.** YouTube. Publicado em: 16 set. 2014. Disponível em: <<https://youtu.be/QTjQPM5i9CI>>. Acesso em: 01 jan. 2019.

GIOVANNI PAOLO II, Papa. **The contemporary debate on the Truth.** Publicado em: 24 jun. 2001. Disponível em: <[http://www.past.va/content/past/en/events/plenary\\_2001.html](http://www.past.va/content/past/en/events/plenary_2001.html)>. Acesso em: 28 jan. 2019.

GRUPORAIODELUZMGA. **Deus honra a tua fidelidade - Grupo de Oração Raio de Luz / Diego Garcia 01/07/14**. YouTube. Publicado em: 02 jul. 2014. Disponível em: <<https://youtu.be/IAfhCuipm70>>. Acesso em: 01 jan. 2019.

GRUPORAIODELUZMGA. **Grupo de Oração Raio de Luz / Pregação Evandro Araújo 05/08/14**. YouTube. Publicado em: 06 ago. 2014. Disponível em: <<https://youtu.be/Ie3xUxmiUU8>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

IBGE. **Censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

IPHAN. **Vale do Amanhecer**: Inventário Nacional de Referências Culturais. Brasília: Superintendência do IPHAN no Distrito Federal, 2010.

JOÃO PAULO II, Papa. Audiência geral. Publicado em: 23 jun. 2004. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/2004/documents/hf\\_jp-ii\\_aud\\_20040623.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/2004/documents/hf_jp-ii_aud_20040623.html)>. Acesso em: 23 jan. 2019.

L'OSSERVATORE ROMANO. **Cidade Ideal**, ano XLVIII, n. 41, 05 out. 2017a. Cidade do Vaticano: Tipografia do Vaticano, 2017.

L'OSSERVATORE ROMANO. **Pela boa política**, ano XLVIII, n. 40, 12 out. 2017b. Cidade do Vaticano: Tipografia do Vaticano, 2017.

LEITE, Paulo Moreira. Gestão Pública: Dilma Rousseff. **Revista IstoÉ**. Publicado em: 29 nov. 2013. Disponível em: <[https://istoe.com.br/337112\\_GESTAO+PUBLICA+DILMA+ROUSSEFF/](https://istoe.com.br/337112_GESTAO+PUBLICA+DILMA+ROUSSEFF/)>. Acesso em: 24 jan. 2019.

MARTINS, Marco. Deputado federal acusado de comprar habilitação pode ver o crime prescrever. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 11 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/deputado-federal-acusado-de-comprar-habilitacao-pode-ver-o-crime-prescrever-339wk0b9lsbei2u6s195cmj0l>>. Acesso em: 06 jan. 2019.

MENDONÇA, Eliane. Carismático indica candidatos no Vale: grupo católico distribui panfletos com cinco nomes de postulantes a vereador a 250 grupos de oração. **Folha de São Paulo**, São José dos Campos, 26 de Agosto de 2000, caderno Vale. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/vale/vl2608200001.htm>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

MENEZES, Maiá. Lula em discurso a evangélicos: 'Somos todos crentes'. **O Globo**. Publicado em: 08 set. 2006. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/eleicoes-2006/lula-em-discurso-evangelicos-somos-todos-crentes-5003508>>. Acesso em: 04 jan. 2019.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **Denúncia Operação Pecúneo/Nipoti**. Foz do Iguaçu: Procuradoria da República, 2017.

MOVIMENTO FÉ E POLÍTICA. **Histórico do Movimento Nacional Fé e Política**, 11 maio 2017. Disponível em: <<http://fepolitica.org.br/historico/historico-do-movimento-nacional-fe-e-politica/>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

**MOST HOLY FAMILY MONASTERY. The scandals and heresies of John XXIII.** Publicado em: 11 set. 2007. Disponível em: <[https://www.mostholymonastery.com/13\\_JohnXXIII.pdf](https://www.mostholymonastery.com/13_JohnXXIII.pdf)>. Acesso em: 21 jan. 2019.

**OLIVEIRA, Claudeci José de. Eu apoio Diego Garcia!** Blog do Claudeci, publicado em: 11 ago. 2014. Disponível em: <<http://claudecicartorio.blogspot.com.br/2014/07/eu-apoio-diego-garcia.html>>. Acesso em: 26 jan. 2019.

**PASTORAL DA CRIANÇA. Quem é voluntário da Pastoral da Criança pode candidatar-se a um cargo político eletivo?** Pastoral da Criança, 2013. Disponível em: <<https://www.pastoraldacrianca.org.br/perguntas-frequentes/62-news/perguntas-frequentes/802-quem-e-voluntario-da-pastoral-da-crianca-pode-candidatar-se-a-um-cargo-politico-eletivo>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

**PARAGUASSU, Lisandra; MARCELLO, Maria Carolina. TSE quer controlar influência das igrejas nas eleições, diz Gilmar Mendes.** Reuters. Publicado em: 08 mar. 2017. Disponível em: <<http://br.reuters.com/article/domesticNews/idBRKBN16F2TZ-OBRDN>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

**PONTES, Felipe. Supremo autoriza ensino religioso confessional nas escolas públicas.** EBC Agência Brasil. Publicado em: 27 set. 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-09/supremo-autoriza-ensino-religioso-confessional-nas-escolas-publicas>>. Acesso em: 01 jan. 2019.

**RÁDIO VATICANO. Contra o relativismo uma aliança entre a fé e a razão:** Bento XVI na Audiência Geral com um apelo á luta contra a tuberculose. Publicado em: 21 mar. 2007. Disponível em: <[http://www.archivioradiovaticana.va/storico/2007/03/21/contr\\_o\\_relativismo\\_uma\\_alian%C3%A7a\\_entre\\_a\\_f%C3%A9\\_e\\_a\\_raz%C3%A3o\\_bento\\_xvi\\_na\\_por-389494](http://www.archivioradiovaticana.va/storico/2007/03/21/contr_o_relativismo_uma_alian%C3%A7a_entre_a_f%C3%A9_e_a_raz%C3%A3o_bento_xvi_na_por-389494)>. Acesso em: 28 jan. 2019.

**RCC/BRASIL. A história da RCC.** RCC/BRASIL, 2005a. Disponível em: <<http://www.rccbrasil.org.br/interna.php?paginas=42>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

**RCC/BRASIL. Beata Elena Guerra:** Apóstola do Espírito Santo. 18 jan. 2012. Disponível em: <<http://rccbrasil.org.br/espiritualidade-e-formacao/formacao-espiritualidade/565-beata-elena-guerra-apostola-do-espírito-santo.html>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

**RCC/BRASIL. Histórico do ministério de fé e política da RCC do Brasil.** RCC/BRASIL, 2015b. Disponível em: <<http://www.rccbrasil.org.br/artigo.php?artigo=55>>. Acesso em: 10 set. 2017.

**RCC/BRASIL. Ministério de Fé e Política,** 01 jun. 2005c. Disponível em: <<http://www.rccbrasil.org.br/artigo.php?artigo=54>>. Acesso em: 11 jan. 2019.

**RCC/BRASIL. Renovai sem cessar.** Publicado em: 01 jun 2005d. Disponível em: <<http://www.rccbrasil.org.br/artigo.php?artigo=62>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

**RIBEIRO, Aline; GABRIEL, Ruan de Souza; MALI, Tiago; TAVARES, Flávia; MATEUS, Leopoldo. O poder do voto evangélico.** *Revista Época*, edição 849, publicado em: 21 out.

2017. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/tempo/eleicoes/noticia/2014/09/o-poder-do-bvoto-evangelicob.html>>. Acesso em: 24 out. 2017.

TDB. **Práticas de Wicca Brasil**: saberes da Terra Brasilis. CERIDWEN, Mavesper Cy (Org.). Brasília: Ed. 7Cores Design, 2014.

TRE. **Resultado das eleições gerais de 2014**. Disponível em: <<http://www.tre-pr.jus.br/eleicoes/resultados/resultados-de-eleicoes-gerais-tre-pr>>. Acesso em: 05 jan. 2019.

TRIBUNA POPULAR. **Gessani é desmascarado pelo Tribuna**. Ed. 83. Foz do Iguaçu: RCK Comunicações Ltda., 2013.

TSE. **Consulta de relação de filiados**. Filiaweb. Publicado em: 15 out. 2016. <<http://filiaweb.tse.jus.br/filiaweb/filiacao/registro/resultadoLazy.seam?cid=3995>>. Acesso em: 23 jan. 2019.

TSE. **Informações e dados estatísticos sobre as Eleições 2014**. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014.

TV CANÇÃO NOVA. **Beato Pier Giorgio Frassati, patrono dos jovens**. Publicado em: 03 abr. 2014. Disponível em: <<https://tv.cancaonova.com/documentarios/beato-pier-giorgio-frassati-patrono-dos-jovens>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

TVIPB. Padre Léo fala sobre Lula, Dilma, PT, aborto e segundo turno. **YouTube**, 12 out. 2010. Disponível em: <<https://youtu.be/gyMZEqA74kQ>>. Acesso em: 25 out. 2017.

VIEIRA, Waldo. **O que é a Conscienciologia?** Foz do Iguaçu: Associação Internacional Editares, 2012.

## DOCUMENTOS ECLESIAÍSTICOS

CNBB. **Orientações pastorais sobre a renovação carismática católica: 34ª Reunião Ordinária do Conselho Permanente / 1994.** Brasília: [s.n.], 1994.

CNBB. **Texto-Base da Campanha da Fraternidade de 1996.** São Paulo: Salesianas, 1995.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Instrução geral do Missal Romano.** Tradução portuguesa para o Brasil da separata da terceira edição típica. Cidade do Vaticano: Tipografia do Vaticano, 2002.

CONGREGAÇÃO PARA OS BISPOS. **Directório para o Ministério Pastoral dos Bispos Apostolorum Successores.** Publicado em: 22 fev. 2004. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cbishops/documents/rc\\_con\\_cbishops\\_do\\_c\\_20040222\\_apostolorum-successores\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cbishops/documents/rc_con_cbishops_do_c_20040222_apostolorum-successores_po.html)>. Acesso em: 27 jan. 2019.

CONSELHO NACIONAL DA RCC/BRASIL. **Instrução Normativa n. 02/2015.** Dispõe sobre Normas e Diretrizes para regulamentar a ação e os limites de atuação da Renovação Carismática Católica, através do Ministério Fé e Política, durante o período das eleições gerais no Brasil. Goiânia: [s.n.], 2015.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*** (Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual). Cidade do Vaticano: Tipografia Vaticana, 2013.

JOÃO PAULO II, Papa. **Catecismo da Igreja Católica.** 3 ed. São Paulo: Paulinas, 1993.

JOÃO PAULO II, Papa. **Código de Direito Canônico:** promulgado por SS. o Papa João Paulo II. Versão Portuguesa. 4 ed. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa, 1983.

JOÃO PAULO II, Papa. **Constituição Apostólica *Pastor Bonus*** (Sobre a Cúria Romana). Roma, 1988. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_constitutions/documents/hf\\_jp-ii\\_apc\\_19880628\\_pastor-bonus.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_19880628_pastor-bonus.html)>. Acesso em: 25 jan. 2019.

JOÃO PAULO II, Papa. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christifideles Laici*** (Sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo). São Paulo: Loyola, 1989.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta encíclica *Ecclesia de Eucharistia*** (aos bispos, aos presbíteros e diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja). Publicada em: 17 abr. 2003. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_20030417\\_eccl-de-euch.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_20030417_eccl-de-euch.html)>. Acesso em: 30 jan. 2019.

JOÃO XXIII, Papa. **Carta Encíclica *Ad Petri Cathedram*** (Sobre o conhecimento da verdade, a restauração da unidade e a paz na caridade). Roma, 29 jun. 1959. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_29061959\\_ad-petri.html](https://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_29061959_ad-petri.html)>. Acesso em: 25 jan. 2019.

JOÃO XXIII, Papa. **Carta Encíclica *Mater et Magistra*** (Sobre a recente evolução da questão social à luz da doutrina cristã). São Paulo: Paulinas, 1961.

PASTORAL COLECTIVA. **O episcopado brasileiro ao clero e aos fiéis da Igreja do Brasil**. Rio de Janeiro: Typographia d'O Brazil, 1890.

PASTORAL DA CRIANÇA. **Regimento Interno 2015**. Pastoral da Criança, 2015. Disponível em: <<https://www.pastoraldacrianca.org.br/quem-somos/69-regimento-interno-2013>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

PIO X, Papa. **Carta Encíclica *Pascendi Dominici Gregis*** (Sobre as doutrinas modernistas). Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/pius-x/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-x\\_enc\\_19070908\\_pascendi-dominici-gregis.html](https://w2.vatican.va/content/pius-x/pt/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_19070908_pascendi-dominici-gregis.html)>. Acesso em: 10 jan. 2019.

PIO XI, Papa. ***Epistulae encyclicae Quas Primas*** (De Festo Domini Nostri Iesu Christi Regis Constituendo). 1925. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/pius-xi/la/encyclicals/documents/hf\\_p-xi\\_enc\\_11121925\\_quas-primas.html](https://w2.vatican.va/content/pius-xi/la/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_11121925_quas-primas.html)>. Acesso em: 10 ago. 2017.

PIO XII, Papa. **Carta Encíclica *Mediator Dei*** (Aos veneráveis irmãos patriarcas, primazes, arcebispos e bispos e outros ordinários no lugar em paz e comunhão com a Sé Apostólica sobre a Sagrada Liturgia). Publicado em: 20 nov. 1947. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_20111947\\_mediator-dei.html](http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_20111947_mediator-dei.html)>. Acesso em: 18 jan. 2019.

RCC/BRASIL. **Carta do Ministério Fé e Política**, de 30 de setembro de 2016. [s.l]: [s.n.], 2016b. Disponível em: <<http://www.rccbrasil.org.br/institucional/mais-lidas-ministerio,2016s/1127-carta-do-ministerio-fe-e-politica.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

RCC/BRASIL. **Fé e política: conceitos e abordagens**. Canas: RCCBRASIL, 2016.

RCC/BRASIL. **Orientações para o exercício do Ministério**. Publicado em: 30 abr. 2015. Disponível em: <<https://www.rccbrasil.org.br/download/OrientacoesMOCL.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2018.

RCC/BRASIL. **Repouso no Espírito e Renovação Carismática**. Publicado em: 12 abr. 2012. Disponível em: <<https://rccbrasil.org.br/espiritualidade-e-formacao/carismas/659-repouso-no-espirito-e-renovacao-carismatica.html>>. Acesso em: 19 jan. 2019.

RCC/PR. **Plano de Ação: Projeto 2014**. [S.l.: s.n.], 2013a.

RCC/PR. **Projeto de acompanhamento dos vocacionados da RCC nas eleições 2014 para deputado estadual e federal**. Curitiba: [s.n.], 2013b.

## REFERÊNCIAS

- ACKROYD, Peter. **The life of Thomas More**. Washington: Anchor, 1999.
- AGUILAR, Jurandir Coronado. **Conquista espiritual: a história da evangelização na Província Guairá na obra de Antônio Ruiz de Montoya, S.I. (1585-1652)**. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2002.
- AZZI, Riolando. O episcopado brasileiro frente à Revolução de 1930. **Síntese**, v. 5, n. 12, p. 47-78, jan./mar. 1978.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulações**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- BRAZ, Marcelo. O golpe nas ilusões democráticas e a ascensão do conservadorismo reacionário. **Serviço Social & Sociedade**, n. 128, p. 85-103, jan./abr. 2017.
- BASTOS, Pedro Paulo Zahluth. Ascensão e crise do governo Dilma Rousseff e o Golpe de 2016: poder estrutural, contradição e ideologia. **Revista de Economia Contemporânea**, n. esp., p. 1-63, 2017.
- BARBOSA, Padre Manoel. **A Igreja no Brasil: notas para sua história**. Rio de Janeiro: Editora e Obras Gráficas A Noite, 1945.
- BATISTA, Reinaldo. **Conheça a história de Diego Garcia**. Facebook. Publicado em: 30 set. 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=4661319667767>>. Acesso em: 16 jan. 2019.
- BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização. In: BÓRIS, Fausto (Org.). **História geral da civilização brasileira**. São Paulo: Difel, 1995, p. 273-341.
- BEM, Daniel F. de; TADVALD, Marcelo. A apropriação da discursividade religiosa pelos campos políticos. **Debates do NER**, v. 2, n. 6, p. 63-82, set. 2004.
- BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. **Religião e Sociedade**, v. 21, n.1, p. 9-24, 2001.
- BETTO, Frei. **A mosca azul: reflexão sobre o poder**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- CASTRO, Eduardo Góes de. **Os “Quebra-santos”**: anticlericalismo e repressão pelo DEOPS/SP. São Paulo: Humanitas, 2007.
- DIAS, Romualdo. **Imagens de ordem: a doutrina católica sobre a autoridade no Brasil (1922-1933)**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.
- BIRMAN, Patricia; MACHADO, Carly. A violência dos justos: evangélicos, mídia e periferias da metrópole. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 80, p. 55-70, 2012.

BORBUREMA, Débora Gonçalves. **Usos e funções da música na Renovação Carismática Católica**. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: Ática, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRACHO, Carmen Vallarino. Laicidad y Estado moderno: definiciones y procesos. **Cuestiones Políticas**, San Cristóbal, n. 34, p. 157-173, en./jun. 2005.

BRANDÃO, Sebastião Hugo. Religião na pós-modernidade. **Ciências da Religião: história e sociedade**, v. 14, n. 1, p. 56-72, jan./jun. 2016.

BREMMER, Jan. Secularization: Notes toward a genealogy. In: VRIES, Hent (Org.). **Religion: beyond a concept**. Nova York: Fordham University Press, 2008, p. 432-437.

BRODBECK, Rafael Vitola. Apreciação da constitucionalidade dos feriados religiosos católicos em face do princípio do Estado laico na Carta Política do Brasil. **Jus Navigandi**, Teresina, ano 9, n. 462, 12 out. 2004. Disponível em: <<http://jus.uol.com.br/revista/texto/5551>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

BURITY, Joanildo A. Religião e política na fronteira: desinstitucionalização e deslocamento numa relação historicamente polêmica. **Revista de Estudos da Religião**, n. 4, p. 27-45, 2001.

BURITY, Joanildo; MACHADO, Maria das Dores (Orgs.). **Os votos de Deus: evangélicos, política e eleições no Brasil**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2006.

BURITY, Joanildo. Trajetórias da religião e da modernidade: a narrativa histórica de uma objeção. **Estudos de Sociologia**, v. 13, n. 1, p. 19-48, 2007.

BURITY, Joanildo; MACHADO, Maria das Dores (Orgs.). **Os votos de Deus: evangélicos, política e eleições no Brasil**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2006.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Evangélicos, pentecostais e carismáticos na mídia radiofônica e televisiva. **Revista da USP**, n. 61, mar./maio 2004.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Os “políticos de Cristo”**: uma análise do comportamento político de protestantes históricos e pentecostais no Brasil. Caxambu: Anpocs, 2012.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. A sociologia da religião de Danièle Hervieu-Léger: entre a memória e a emoção. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). **Sociologia da Religião: enfoques teóricos**. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 249-270.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Cosmologia e estrutura de longo curso do catolicismo na dinâmica da modernidade. **Horizonte**, v. 09, p. 746-762, 2011b.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Crise ou recomposição do catolicismo na esfera pública: uma análise comparada entre uma literatura da França e do Brasil. **Boletim CEDES**, v. 1, p. 01-12, 2011.

CARRANZA, Brenda. **Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências.** Aparecida: Santuário, 2000.

CARVALHAES, Sueli Aparecida Cardozo. Glossolalia: o dom includente do Espírito Santo. **Revista de Estudos da Religião**, v. 2, n. 38, p. 42-61, jun. 2010.

CASANOVA, José. **Public Religions in the Modern World.** Chicago: University of Chicago Press, 2012. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=VXfRAgAAQBAJ>>. Acesso em: 21 jan. 2019.

CHAMPION, Françoise; HERVIEU-LEGER, Danièle. **De l'émotion en religion: renouveaux et traditions.** Paris: Centurion, 1990.

COMBLIN, José. **O Espírito Santo e a tradição de Jesus.** São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2012.

CONRADO, Flávio César dos Santos. **Cidadãos do reino de Deus: representações, práticas e estratégias eleitorais: um estudo da Folha Universal nas eleições de 1998.** Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Sociologia e Antropologia, PPGSA/UFRJ, 2000.

COUTO, Aires Pereira do. **O panegírico de Trajano: modelo do Panegírico de D. João III do humanista João de Barros.** Publicado em: 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/19580/1/V0330102-687-698.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Do púlpito às mídias sociais: evangélicos na política e ativismo digital.** Curitiba: Prisma, 2017.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido.** São Paulo: Perspectiva, 1974.

DIAS JÚNIOR, Walter. O culto ao Santo Daime: um paradoxo da modernidade? In: CNBB. **Coleção Estudos da CNBB n. 71: A Igreja Católica diante do pluralismo religioso no Brasil.** São Paulo: Paulus, 1994.

ERMAN, Michel. **As ambigüidades da fala política.** Publicado em: 03 fev. 2009. Disponível em: <<http://www.artistasgauchos.com/conexao/3/cap2.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

FAJARDO, Alexander. **A atuação dos evangélicos no rádio brasileiro: origem e expansão.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2011.

FARIA, Glauco. **Quando Deus pauta a política.** Fórum. Publicado em: 22 jun. 2012. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/quando-deus-pauta-a-politica>>. Acesso em: 23 jan. 2019.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Novo mapa das religiões**. NERI, Marcelo Côrtes (Org.). Rio de Janeiro: FGV, CPS, 2011.

GANDIN, Lucas. A sacralização do político. **Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Caxias do Sul, 2 a 6 set. 2010.

GARCIA, Diego. **Diego Garcia - Deputado Federal - 3131** – Paraná. YouTube. Publicado em: 16 set. 2014. Disponível em: <<https://youtu.be/QTjQPM5i9CI>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

GARCÍA-RUIZ, Jesús; MICHEL, Patrick. El neo-pentecostalismo en América latina: Contribución a una antropología de la mundialización. **Sociedad y religión**, v. 24, n. 41, p. 43-78, 2014.

GIUMBELLI, Emerson. Para estudar a laicidade, procure o religioso. In: BÉLIVEAU, Verónica Giménez; GIUMBELLI, Emerson (Org.). **Religión, Cultura política en las Sociedades del siglo XXI**. Buenos Aires: Biblos, 2013, p. 43-68.

GOMES, Edgar da Silva. **O espaço público e a ingerência do privado: as religiões ditando regras em um país laico**. Publicado em: 30 jun. 2014. Disponível em: [http://www.encontro2014.sp.anpuh.org/resources/anais/29/1407001105\\_ARQUIVO\\_Edgar.ANPUH14.pdf](http://www.encontro2014.sp.anpuh.org/resources/anais/29/1407001105_ARQUIVO_Edgar.ANPUH14.pdf)>. Acesso em: 25 jan. 2019.

GOMES, Neusa Demartini. **A incomunicação política brasileira: da desinformação à desnaturalização na publicidade eleitoral**. Publicado em: 01 fev. 2002. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/28031-28041-1-PB.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2019.

GRIGOLI, Juliana de Jesus; CASSOLI, Alessandro Theodoro. Religião, tevê e voto: a força política do carisma institucional iurdiano. **Em tese**, v. 9, n. 1, p. 57-73, jan.-jul/2012.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **Catholicisme, la fin d'un monde**. Paris: Bayard, 2003.

HOUTEN, Álvaro Cepeda van. A cristianização da política: elementos de análise. **Revista de Teologia e Ciências da Religião**, ano VII, n. 7, p. 37-54, dez. 2008.

IEMINI, Matheus Magnus Santos. Laicidade como garantia de diversidade: o favoritismo religioso estatal. **Revista Libertas**, v. 1, n. 2, jul./dez. 2014.

JORGE, João Leandre. O ethos discursivo na política mauaense e o apelo ao religioso. In: **Anais do 9º Interprogramas de Mestrado**, São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2013.

KEPEL, Gilles. **A revanche de Deus: cristãos, judeus e muçulmanos na reconquista do mundo**. São Paulo, 1991.

KORNIS, Mônica. Liga Eleitoral Católica (LEC). **FGV CPDOC**. Disponível em: <[www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/liga-eleitoral-catolica-lec](http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/liga-eleitoral-catolica-lec)>. Acesso em: 01 jan. 2019.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. Campinas: Papirus, 1986.

LIBANIO, João Batista. **A religião no início do milênio**. São Paulo: Loyola, 2002.

LUNEAU, René; MICHEL, Patrick. **Nem todos os caminhos levam a Roma**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar**. Campinas: Anpocs, 1996.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Religião, cultura e política. **Religião e Sociedade**, v. 32, n. 2, p. 29-56, 2012.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Religião, voto e instituições políticas: notas sobre os evangélicos nas eleições 2002. In: BURITY, Joanildo; MACHADO, Maria das Dores Campos (Orgs.). **Os votos de Deus: evangélicos, política e eleições no Brasil**. Recife: Massangana, 2005, p. 173-213.

MACHADO, Maria das Dores. **Mesa: Maria das Dores Machado e Ricardo Mariano**. Publicado em: 8 nov. 2016. Disponível em: <<https://youtu.be/Q6yteo-9Jvg>>. Acesso em: 17 jan. 2019.

MACLURE, Jocelyn; TAYLOR, Charles. *Laïcité et liberté de conscience*. Québec: Boreal, 2010. <<https://www.entrepotnumerique.com/o/18/p/3837/excerpt>>. Acesso em: 21 jan. 2019.

MANDUCA, Vinicius. A construção do candidato carismático católico em face ao candidato evangélico pentecostal. **Áskesis**, v. 6, n. 1, p. 30-39, jan./jun. 2017.

MARIANO, Ricardo. Laicidade à brasileira: católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, v. 11, n. 2, p. 238-258, maio/ago. 2011.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2000.

MARISCAL, Valéria Gerber. **A relação entre a laicidade do Estado brasileiro e os feriados religiosos incluídos ou não em lei**. Rio de Janeiro: PUC, 2008. Disponível em: <[http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio\\_resumo2008/relatorios/ccs/dir/dir\\_valeria\\_gerber\\_mariscal.pdf](http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2008/relatorios/ccs/dir/dir_valeria_gerber_mariscal.pdf)>. Acesso em: 28 jan. 2019.

MARQUES, Tiago Pires. O apostolado da oração e a socialização religiosa das camadas populares. In: FERREIRA, António Matos; ALMEIDA, João Miguel (Orgs.). **Religião e cidadania: protagonistas, motivações e dinâmicas sociais no contexto ibérico**. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2011, p. 455-461.

MEZZOMO, Frank Antonio; PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira; SEXUGI, Fábio. “Cristo é Nosso Show”: configurações e arranjos entre o catolicismo carismático e o poder público. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, v. 15, ano XV, n. 1, p. 1-16, jan./jun. 2018.

MILOT, Micheline. Introduction: les Amériques et la laïcité; Acquis historiques et enjeux actuels. **Archives de Sciences Sociales des Religions**, Paris: EHESS, 54 année, n. 146, p. 9-16, 2009.

MIRANDA, Julia. **Carisma, sociedade e política**: novas linguagens do religioso e do político. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

MIRANDA, Julia. Católicos carismáticos e as eleições municipais de 2012. **Ciências Sociais Unisinos**, ano 2, n. 51, p. 201-211, maio/ago. 2015.

MIRANDA, Júlia. Convivendo com o “diferente”: juventude carismática e tolerância religiosa. **Religião e Sociedade**, v. 30, n. 1, p. 117-142, 2010.

MIRANDA, Júlia. Estado laico no Brasil: entre sofismas e ambigüidades. **Cultura y Religión**, v. 7, n. 2, p. 69-85, 2013.

MIRANDA, Júlia. O candidato da igreja: do que nos fala sua presença na política brasileira. In: LEMENHE, Maria Auxiliadora; CARVALHO, Rejane Vasconcelos Aciolly de (Orgs.). **Política, cultura e processos eleitorais**. Fortaleza: Konrad Adenauer, 2006, p. 149-170.

MUSTAFÁ, Alexandra. Ética e religião: ingerência da igreja católica na soberania nacional. A capitulação do estado brasileiro. **Sociedade em Debate**, v. 12, n. 2, p. 136-163, 2006.

NICOLA, Francesca. **Sull’uso dei simboli in politica**. La Ricerca. Turim: Loescher, 2013. Disponível em: <<http://www.laricerca.loescher.it/societa/464-sulluso-dei-simboli-in-politica.html>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

OLIVEIRA, Marcos Henrique de. **Religião e poder civil, arranjos e resistências**: a autenticidade da religiosidade laica nas periferias. Curitiba: CVR, 2017.

OLIVO, Júlio César Cancellier de. A cor na propaganda política: significados e produção de sentidos. In: **Anais do VI Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul**. Florianópolis, 2004. Disponível em: <[http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL\\_VI/Individuais/A%20COR%20NA%20PROPAGANDA%20POL%20C3%8DTICA%20SIGNIFICADOS%20E%20PRODU%20C3%87%20C3%83O%20DE%20SENTIDOS.pdf](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VI/Individuais/A%20COR%20NA%20PROPAGANDA%20POL%20C3%8DTICA%20SIGNIFICADOS%20E%20PRODU%20C3%87%20C3%83O%20DE%20SENTIDOS.pdf)>. Acesso em: 21 jan. 2019.

ORO, Ari Pedro; MARIANO, Ricardo. Eleições 2010: religião e política no Rio Grande do Sul e no Brasil. **Debates do NER**, ano 11, n. 18, p. 9-34, 2010.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Secularização segundo Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar um velho sentido. In: SOUZA, Jessé (org.). **A atualidade de Max Weber**. Brasília: Ed. UnB, 2000, p.105-162.

PORTELLA, Rodrigo. Renovação Carismática Católica e Política: relações, interferências e tensões. **Atualidade Teológica**, v. 3, n. 39, p. 644-657, 2011.

POULAT, Émile. **Le catholicisme sous observation**: entretiens avec Guy Lafond. Paris: Le Centurion, 1983.

PRANDI, Reginaldo. Sobre religiões afro-brasileiras. **Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 11, p. 10-12, 2013.

PRANDI, Reginaldo. **Um Sopro do Espírito**. São Paulo: Edusp, 1998.

PRATA, Nair. Panorama do rádio religioso no Brasil. **Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Foz do Iguaçu: Intercom, 2014.

PROCÓPIO, Carlos Eduardo Pinto. Carismatismo católico e eleições no Brasil. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, ano 14, n. 16, p. 79-99, Jun. 2012.

PROCÓPIO, Carlos Eduardo Pinto. **Perto da religião, perto da política**: a participação do catolicismo carismático através da instituição, candidaturas e mídia nas eleições de 2010. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

REBELO, António Manuel Ribeiro. A estratégia política através da hagiografia. In: FIALHO, Maria do Céu; JIMÉNEZ, Aurelio Pérez. **O retrato e a biografia como estratégia de teorização política**. Coimbra/Málaga: UC, 2004, p. 131-158.

REIS, Marcos Vinícius Freitas. **Política e religião**: o envolvimento dos católicos carismáticos na política brasileira. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal de São Carlos, 2011.

RIVERA, Dario Paulo Barrera. **Diversidade religiosa e laicidade no mundo urbano latino-americano**. Curitiba: CVR, 2016.

RIVERA, Paulo Barrera. Desencantamento do mundo e declínio dos compromissos religiosos: a transformação religiosa antes da pós-modernidade. **Revista Ciências Sociais e Religião**, v. 4, n. 4, p. 87-104, out. 2002.

RIVERA, Paulo Barrera. Tensiones entre pluralismo religioso y derechos humanos en el Brasil contemporáneo. **Revista Religare**, v. 12, n. 1, p. 128-151, mar. 2015.

SARMENTO, Daniel. O crucifixo nos tribunais e a laicidade do Estado. In: LOREA, Roberto Arruda (Org.). **Em defesa das liberdades laicas**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2008, p. 189-2008.

SATORI, Frei Luiz Maria A. Os carismáticos e a Igreja Católica. **Revista USP**, n. 31, p. 132-141, nov. 1996.

SCHÜLER, Arthur Abati. **Eleições, candidatos e marketing** – a construção da imagem de candidato: estudo de caso do deputado estadual Neodi Saretta. Publicado em: 2015.

Disponível em: <<https://editora.unoesc.edu.br/index.php/aecs/article/download/9152/5132>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

SEXUGI, Fábio; MEZZOMO, Frank Antonio; PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira. À imagem e semelhança: simulacro e hagiografia nas propagandas eleitorais de políticos religiosos. **Todas as letras**, v. 20, n. 1, p. 224-236, jan./abr. 2018.

SILVA, Érica Anita Baptista. **Mídia e política**: a construção da candidatura de Aécio Neves como presidenciável em 2010. 2011. 161f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SILVA, Luis Gustavo Teixeira da. Religião e política no Brasil. **Latinoamérica. Revista de Estudios Latinoamericanos**, n. 64, p. 223-256, 2017.

SILVEIRA, Emerson José Sena. O Espírito Sopra onde quer: mística e ritual na Renovação Carismática Católica. Uma abordagem sociológica. **Magis. Cadernos de Fé e Cultura**, v. 1, p. 71-85, 2000.

SILVEIRA, Emerson José Sena. Terços, santinhos e versículos: a relação entre católicos carismáticos e a política. **Revista de Estudos da Religião**, ano 8, p. 54-74, 2008.

SYLVESTRE, Josué. **Irmão vota em irmão**: os evangélicos, a Constituinte e a Bíblia. Brasília: Pergaminho, 1986.

SORIANO, Aldir Guedes. Mais um feriado religioso? **Net. Jus Navigandi**, ano 11, n. 1408, maio 2007.

SOUZA, Jessé. **A radiografia do golpe**: entenda como e por que você foi enganado. Rio de Janeiro: LeYa, 2016.

SOUZA, Mauricio Rodrigues de. Ser carismático: as várias faces de um movimento religioso. **Antropologia Portuguesa**, Coimbra, v. 20-21, p. 59-87, 2003/2004.

SOUZA, Sandra Duarte de. Política religiosa e religião política: os evangélicos e o uso político do sexo. **Estudos de Religião**, v. 27, n. 1, p. 177-201, jan./jun. 2013.

STEIL, Carlos Alberto; TONIOL, Rodrigo. O catolicismo e a Igreja Católica no Brasil à luz dos dados sobre religião no Censo de 2010. **Debates do NER**, ano 14, n. 24, p. 223-243, jul./dez. 2013.

STREFLING, Sérgio Ricardo. **Igreja e Poder**: plenitude do poder e soberania popular em Marsílio de Pádua. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

SYLVESTRE, Josué. **Irmão vota em irmão**. Brasília: Pergaminho, 1986.

TAYLOR, Charles. **Uma era secular**. São Leopoldo: UNISINOS, 2010.

TEIXEIRA, William. **Tivemos uma manhã muito abençoada na Diocese de Ponta Grossa**. Facebook. Publicado em: 27 jul. 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/zHN96k>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

VALLE, Edênio. A Renovação Carismática Católica: algumas observações. Dossiê religiões no Brasil. **Estudos avançados**, v. 18, n. 52, São Paulo, set./dez. 2004.

VRIENDT, François de. et al. **De Rosweyde aux Acta Sanctorum**. La recherche hagiographique des Bollandistes à travers quatre siècles. Bruxels: Société des Bollandistes, 2009.

VRIES, Hent de. **Religion: Beyond a Concept**. Nova York: Fordham University Press, 2008.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. 10 ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.

WEBER, Max. **A ciência como vocação**. Covilhã: [s.n.], 2008. Disponível em: <[www.lusosofia.net/textos/weber\\_a\\_ciencia\\_como\\_vocacao.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/weber_a_ciencia_como_vocacao.pdf)>. Acesso em: 25 jan. 2019.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

WOODS JUNIOR, Thomas E. **Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental**. São Paulo: Quadrante, 2008.

ZILLES, Urbano. A crítica da religião na modernidade. **Interações – Cultura e Comunidade**, v. 3 n. 4, p. 37-54, 2008.

ZYLBERSZTAJN, Joana. **O princípio da laicidade na Constituição Federal de 1988**. Tese (Doutorado em Direito do Estado) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.